

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

JULIO CEZAR BERNARDELLI

**O ARTESÃO DA “FEIRA DO LARGO DA ORDEM”:
QUEM É ESSE TRABALHADOR?**

CURITIBA

2019

JULIO CEZAR BERNARDELLI

**O ARTESÃO DA “FEIRA DO LARGO DA ORDEM”:
QUEM É ESSE TRABALHADOR?**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Sara de Lima Dias

CURITIBA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Bernardelli, Julio Cezar

O artesão da "Feira do Largo da Ordem" [recurso eletrônico] : quem é esse trabalhador? / Julio Cezar Bernardelli.-- 2019.

1 arquivo eletrônico (180 f.) : PDF ; 16,5 MB.

Modo de acesso: World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. Linha de Pesquisa: Tecnologia e Trabalho, Curitiba, 2019.

Bibliografia: f. 120-125.

1. Tecnologia - Dissertações. 2. Artesãos - Curitiba (PR). 3. Artesanato - Curitiba (PR). 4. Feiras - Curitiba (PR). 5. Trabalho informal - Curitiba (PR). 6. Tecnologia - Aspectos sociais. 7. Trabalho - Aspectos sociais. 8. Trabalho - Aspectos psicológicos. 9. Materialismo dialético. 10. Materialismo histórico. 11. Satisfação no trabalho. 12. Setor informal (Economia). 13. Mercado de trabalho - Planejamento. I. Dias, Maria Sara de Lima, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 23 -- 600

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR
Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794



UTFPR - PPGTE Av. Sete de Setembro, 3165 80230-901 Curitiba PR Brasil
www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte Fone: +55

(41) 3310-4785



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade

TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 557

A Dissertação de Mestrado intitulada **O Artesão da "Feira do Largo da Ordem" - Quem é esse trabalhador?** defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Julio Cezar Bernardelli** no dia **06 de novembro de 2019**, foi julgada aprovada em sua forma final para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Sara de Lima Dias - (UTFPR) - Orientadora
Prof^ª. Dr^ª. Marilene Zazula Beatriz - (UTFPR)
Prof^ª. Dr^ª. Dinamara Pereira Machado - (UNINTER)
Prof^ª. Dr^ª. Andrea Knabem - (UFPR)

Curitiba, 06 de novembro de 2019.

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

***À todas as mãos que
dão vida e beleza ao improvável.***

(Julio Cezar Bernardelli, 2019).

AGRADECIMENTOS

Poder agradecer é privilégio para poucos. Sou privilegiado!

Se incentivo tivesse nome, seria: Verônica e Elaine, ambas que falaram: “— Vai lá que é sua chance”.

Se apoio tivesse nome, seria: Vanessa, que sempre ajustou meus horários de aula de maneira que eu pudesse desenvolver o mestrado de forma tranquila e sem cobranças.

Se dedicação tivesse nome, seria: Beatriz, que mesmo com seu mau humor – que é um amor –, sempre esteve ali de plantão para me ajudar quando precisei.

Se teimosia tivesse nome, seria: Guerohn, que mesmo me enrolando que iria fazer mestrado, sempre me ajudou, cobrindo minhas ausências no trabalho, facilitando meus estudos.

Se perseverança tivesse nome, seria: Francielle, que quando pensava que eu a estava ajudando, era ela quem me ajudava ao me escutar e, quando achava que estava aprendendo comigo, na verdade estava me ensinando.

Se persistência tivesse nome, seria: ECOSOL, um coletivo que me ensinou que quando sonhamos juntos não é sonho, é realização.

Se torcida tivesse nome, seria: Eladir e Jocélia, duas mães que mesmo sem saber o que eu fazia, torciam por mim.

Se amizade tivesse nome, seria: Luciane, amiga de infância que há muito tempo não encontrava, mas o mesmo tempo que nos afastou também nos reaproximou, e que, no momento de angústia e quase desespero, não mediu esforços, tempo e dedicação para me ajudar.

Se estímulo tivesse nome, seria: Maria Sara, a orientadora que acreditou que um rascunho de projeto inicial poderia ser descartado sem nenhuma piedade, pois enxergou em seu orientando um potencial que ele mesmo não via e o fez desenvolver um trabalho de valor.

Se doação tivesse nome, seria: Marilene, Dinamara e Andréa, as doutoras que engrandeceram minha defesa de mestrado compondo minha banca, não julgadora, mas orientadora da melhor qualidade, que doaram seu tempo para contribuírem com o desenvolvimento desta dissertação.

Se amor tivesse nome, seria: Josiane, minha esposa, amiga e parceira de aventuras que soube entender minha ausência nesse tempo de mestrado.

Se felicidade tivesse nome, seria: família, que reúne todos os adjetivos aqui citados e se faz presente em Josiane, amor verdadeiro e norte da minha vida, Fernando e Janayna, filho e nora que vivem seus sonhos e realizações do outro lado do Atlântico, mas estão sempre presentes e, Paula, filha e grande exemplo de mulher que me dá lições de vida todos os dias.

Se carinho tivesse nome, seria: Jorge (*in memoriam*), um pai que me adotou aos vinte anos de idade e me amou como a um filho.

Se luz tivesse nome, seria Doralice (*in memoriam*), minha avó, que tornou tudo isso possível.

Se esquecimento tivesse nome, seria: Julio, por isso peço perdão a todos que não citei, por esquecimento ou, com mais certeza, por não querer me delongar, mas saibam que minha vida é pautada por pessoas boas e se você faz parte de minha vida você é importante para mim.

*“Não existe meio mais seguro para fugir do mundo do que a arte,
e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte”.*

Johann Goethe

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever o artesão bem como os sentidos por ele atribuídos ao artesanato. Como objetivos específicos o questionamento da pesquisa aborda: Qual o sentido do trabalho do artesão curitibano? Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho? Qual o planejamento do seu futuro profissional? Para se conhecer o artesão, a sua origem e o seu modo de trabalho o pesquisador teve como referencial o campo da Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) e o referencial teórico do materialismo histórico e dialético. Trata-se de uma pesquisa metodológica qualitativa na qual foram entrevistados seis artesãos e sete artesãs que expõem seus trabalhos na Feira do Largo da Ordem, que também registraram através de fotografias a influência da tecnologia em seu processo produtivo. Tanto as entrevistas como as fotografias foram submetidas ao procedimento de análise de conteúdo. Como resultado o sentido do trabalho do artesão pode-se afirmar pela tradição, pela realização pessoal e pelos valores familiares. Apesar das dificuldades encontradas pelos artesãos para sobreviver são inúmeras as gratificações que os mantém realizados no seu fazer. A influência da tecnologia no seu processo de trabalho tem pouca visibilidade ou utilização no seu fazer diário, sendo utilizada somente para cumprir tarefas repetitivas e observa-se grande cuidado para que esta tecnologia não afete a essência do artesanato. O futuro planejado – ou não – é manter-se ligado ao seu trabalho, e independente de qualquer amparo legal, pretendem continuar expondo seus produtos na feira. Apesar da evidente necessidade de sobrevivência pelo trabalho, no caso do artesão a questão da remuneração financeira é secundária, tendo em vista que a grande maioria deles se sente privilegiado por poder criar a partir do desenvolvimento da matéria-prima sua artesanaria.

Palavras chaves: Artesão. Tecnologia. Trabalho.

ABSTRACT

This work aims to describe the craftsman as well as the meanings he attributed to craftsmanship. As specific objectives the research questioning addresses: What is the meaning of the work of the curitiban artisan? What is the influence of technology on your work process? What is your future career planning? To know the artisan, his origin and his way of working, the researcher had as reference the field of Science Technology and Society (STS) and the theoretical referential of historical and dialectical materialism. This is a qualitative methodological research in which were interviewed 06 artisans and 07 artisans who exhibit their work in the Largo da Ordem Fair, of both sexes were interviewed, who also recorded through photographs the influence of technology in their production process. Both the interviews and the photographs were submitted to the content analysis procedure. As a result the sense of artisan's work can be affirmed by tradition, personal fulfillment and family values. Despite the difficulties encountered by craftsmen to survive, there are countless gratifications that keep them engaged in their work. The influence of technology on its work process has little visibility or use in its daily making, being used only to perform repetitive tasks and great care is taken so that this technology does not affect the essence of the craft. The future planned or not is to keep connected with their work, and regardless of any legal protection, intend to continue exposing their products at the fair. Despite the obvious need for survival through work, in the case of the artisan the issue of financial compensation is secondary, given that the vast majority of them feel privileged to be able to create from the development of the raw material their craft.

Keywords: Craftsman. Technology. Work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea da Feira	44
Figura E1-1 – Máquina de uso para o processo de trabalho.....	65
Figura E1-2 – O processo produtivo.....	65
Figura E1-3 – O uso da forma para o processo de trabalho	66
Figura E1-4 – O produto final do processo de trabalho.....	67
Figura E2-1 – O início do processo de trabalho	69
Figura E2-2 – O desenvolvimento do processo de trabalho.....	70
Figura E2-3 – A criação no processo de trabalho	70
Figura E2-4 – O final Do processo de trabalho	71
Figura E3-1 – O final no processo de trabalho	74
Figura E4-1 – Os materiais no início do processo de trabalho.....	77
Figura E4-2 – O desenvolvimento do processo de trabalho.....	77
Figura E4-3 – O desenvolvimento do processo de trabalho.....	78
Figura E4-4 – O desenvolvimento do processo de trabalho.....	78
Figura E4-5 – O desenvolvimento do processo de trabalho.....	79
Figura E5-1 – A criação.....	83
Figura E5-2 – A montagem	84
Figura E5-3 – A obra final.....	84
Figura E5-4 – A amizade.....	85
Figura E6-1 – A escolha da matéria-prima.....	87
Figura E6-2 – A mesa de trabalho.....	88
Figura E6-3 – O resultado final 01.....	89
Figura E6-4 – O resultado final 02.....	89
Figura E6-5 – O resultado final 03.....	90

Figura E7-1 – A organização dos materiais.....	92
Figura E7-2 – Materiais para montagem	93
Figura E7-3 – O resultado final.....	93
Figura E7-4 – Personalizando o pedido	94
Figura E7-5 – O modelo para a personalização	95
Figura E8-1 – Delicadeza no acabamento	97
Figura E8-2 – Resultado final.....	98
Figura E9-1 – Matéria-prima em estado bruto.....	101
Figura E9-2 – Matéria-prima após tratamento.....	101
Figura E9-3 – A criatividade em ação	102
Figura E9-4 – O resultado final.....	102
Figura E10-1 – A organização da barraca 01.....	104
Figura E10-2 – A organização da barraca 02.....	105
Figura E11-1 – A busca pela matéria-prima na natureza	107
Figura E11-2 – A separação da matéria-prima.....	108
Figura E11-3 – O resultado final do trabalho.....	108
Figura E12-1 – A mesa de trabalho.....	111
Figura E12-2 – As mudas – matéria-prima.....	111
Figura E12-3 – O resultado final.....	112
Figura E12-4 – Separando o que vai à feira.....	112
Figura E13-1 – A matéria-prima	115
Figura E13-2 – Montagem e pintura.....	115
Figura E13-3 – Produtos acabados.....	116

LISTA DE SIGLAS

CEFET	– Centro Federal de Educação Tecnológica
CEP	– Comitê Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos
CMPC	– Conselho Municipal de Patrimônio Cultural
CTS	– Ciência Tecnologia e Sociedade
IMT	– Instituto Municipal de Turismo
MEI	– Microempreendedor Individual
MOW	– <i>Meaning of Work International Research Team</i>
SENAC	– Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	– Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TCLE	– Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUISV	– Termo de Consentimento para Uso de Imagem e Som de Voz
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
UTFPR	– Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1	CATEGORIAS TEORICAS	27
2.1.1	Os sentidos do trabalho do artesão	28
2.1.2	A influência da tecnologia no trabalho do artesão	30
2.1.3	O planejamento de futuro do artesão	32
2.2	PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	35
3	OBJETIVOS	38
3.1	OBJETIVO GERAL	38
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	38
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	39
4.1	O CENÁRIO DA PESQUISA	42
4.2	QUEM FAZ A FEIRA E COMO A FEIRA SE FAZ	45
4.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE COLETA DE DADOS	48
4.4	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	50
5	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	54
6	ANÁLISES DOS DADOS DAS ENTREVISTAS E FOTOS	56
6.1	ANÁLISES DO COLETIVO	59
6.2	ANÁLISES DA SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL	62
6.2.1	Entrevistado El Grego	63
6.2.2	Entrevistada Dedoches	67
6.2.3	Entrevistada Professora	71
6.2.4	Entrevistada Livrinho	74
6.2.5	Entrevistada Vovó	79

6.2.6	Entrevistada Biju.....	85
6.2.7	Entrevistada Feltrinha.....	90
6.2.8	Entrevistada Magia.....	95
6.2.9	Entrevistado Cascata	98
6.2.10	Entrevistado Pintor	103
6.2.11	Entrevistado Natureza	105
6.2.12	Entrevistado Jardim.....	109
6.2.13	Entrevistado Lojinha	113
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS.....	121
	APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	127
	APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA.....	128
	ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV).....	178

1 INTRODUÇÃO

Ao sair do interior do Paraná e vindo morar em Curitiba, para estudar, tive o privilégio de passear pela feirinha em seu início de história. Minha avó, Doralice (que hoje vive apenas em minhas melhores lembranças), que era professora e acreditava que o estudo era a base para uma vida melhor, não perdia a missa aos domingos na igreja do Senhor Bom Jesus, localizada na Praça Rui Barbosa e, após a missa, o momento que eu aguardava era o passeio pelas barracas da feirinha. Tudo era encanto para uma criança de sete anos. Pude acompanhar a feira em suas diversas localizações pela cidade e ficava admirado com as novidades que via a cada nova visita. Não comprava nada, pois nossa situação financeira não era das melhores, mas para olhar não se pagava e, por muitas vezes, ao chegar em casa, eu tentava reproduzir alguns dos objetos que havia visto.

Esse interesse pelo artesanato me levou a aprender a fazer pulseiras de fios, quadros em madeira, onde eu fazia desenhos com um aparelho chamado “pirógrafo”, além da pintura em gesso, com um produto chamado “betume”, que dava um efeito de envelhecimento nas peças – pintar corujas era minha fascinação. Claro que minha carreira como artesão não teve vida muito longa, mas a paixão pela feira foi permanente.

Ao entrar no programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, buscando referências para compreender a sociedade e, principalmente, a capacidade humana de alterar o meio, aprendi e reaprendi que as inovações e os avanços tecnológicos, como o fogo, o uso de metais, a escrita, a imprensa, a maquinaria moderna, a eletricidade, a internet e tantos outros, têm caracterizado a história do homem na sua interação com a natureza e com o meio social.

Deste modo, as mudanças tecnológicas têm provocado modificações em todos os segmentos da sociedade, no entanto alguns permanecem dentro de suas tradições, como no caso do artesanato, e assim buscou-se conhecer o artesão, sua origem, seu modo de trabalho, as tecnologias envolvidas. Além disso, refletir sobre como este trabalhador pensa o seu futuro, através do seu trabalho. Esta dissertação contribuirá para que a sociedade possa entender quem são as pessoas

que fazem, com sua dedicação diária ao artesanato, uma das maiores feiras do sul do Brasil. Em suma, o presente estudo tem por objetivo descrever o artesão bem como os sentidos por ele atribuídos ao artesanato, identificar o sentido do trabalho do artesão curitibano, analisar a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal e descobrir o seu planejamento de futuro profissional.

Esse contato mais próximo da realidade do dia a dia do artesão, que nem sempre é conhecido pelos turistas ou pelos moradores da capital paranaense, em primeiro lugar desmistifica a ideia de que a feira é composta por “industrianatos”, como disse um dos entrevistados, e não pelo “verdadeiro artesanato”, como preferem aqueles que se dizem artesãos. Contraditoriamente existe uma lógica histórica e compreensível para a presença de alguns poucos “feirantes” sem, ou com pouco, artesanato e que comercializam mais fortemente o “industrianato”, isso será compreendido logo no Capítulo 3 dessa dissertação.

Na busca pela definição de quem é o artesão ou a artesã, encontra-se que é o “indivíduo que produz, por prazer artístico ou profissionalmente um trabalho que depende ainda muito da habilidade manual” ou ainda “aquele que trabalha por conta própria, em sua oficina ou ateliê, em um ofício manual; artífice” segundo o Dicionário Michaelis ([2019]), o termo artesão se apresenta como um complexo de significados, carregando consigo diferentes origens, histórias, lutas e motivações. Pela Lei nº 13.180/2015, “Art. 1º. Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada”.

Quando analisados sem o viés da lei ou da definição do arcabouço semântico, são sujeitos que optaram por desenvolver seus trabalhos por prazer, por necessidade ou por dificuldade de ingressarem em outras áreas, mas que, independentemente de suas razões, sofrem na sua atividade profissional com o enfrentamento de dificuldades e preconceitos originados de uma sociedade orientada para um consumo predominantemente industrializado.

O artesanato é marcado pelo gesto humano, pela participação do indivíduo em todas as fases de sua atividade desde a criação, o processo e até a elaboração final do produto. Assim o artesanato é uma atividade dotada de sentido, que o sujeito atribui ao seu trabalho entretido com os significados culturais e sociais de seu fazer cotidiano. De modo que entre tantas coisas que diferenciam o artesão dos demais trabalhadores da era tecnológica e industrial, é também o significativo o uso que este faz de ferramentas e dos instrumentos de trabalho diferenciando

também as relações que ele estabelece com o seu contexto sociocultural e as particularidades de sua história de vida, ou seja, a sua subjetividade. Para González Rey (2002) a subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana.

Temos tido poucos estudos sobre este complexo campo da análise do sentido do trabalho do artesão entre estes:

Sapiezinskas (2012), ao analisar o campo de artesãs de Brasília para discutir como se forma o “artesanato de *design*” – assim denominado pela autora ao se referenciar à prática localizada entre o mundo técnico do *design* e os saberes tradicionais, passados de geração em geração – inicia seu trabalho com a seguinte reflexão:

Uma artesã não se torna uma artesã apenas porque está empregando uma técnica artesanal, mas porque está inserida num contexto em que ser uma artesã possui um significado social em articulação com outros significados, dos quais ela compartilha. (SAPIEZINSKAS, 2012, p. 134).

Ser artesão requer não apenas vontade – sem falar da habilidade manual que lhe é necessária – mas também identificação com a atividade, princípios e valores que permeiam o ofício, ou seja, é fato que a sobrevivência por meio do artesanato não possibilita produção em grande escala e, por consequência, elevados retornos financeiros. Há que se sopesar, contudo, que determinados segmentos podem apresentar melhor retorno quando comparados a outros, o que não se pode afirmar por verdadeiro quando são comparados com indústrias, por exemplo.

Apesar de não serem diretamente comparáveis – artesão e indústria –, e tampouco ser este o propósito deste trabalho; as dificuldades encontradas pelos artesãos para sobreviver a este acirrado ambiente competitivo são inúmeras. Entre estas o pouco espaço disponível nos centros urbanos para dar visibilidade ao seu trabalho, a baixa qualificação profissional da grande maioria dos artesãos e a ausência de amparo legal são alguns exemplos da dura realidade com a qual se deparam.

Segundo dados do Instituto Municipal de Turismo (IMT), em Curitiba existem vinte e três feiras de artesanatos que acontecem, alternadamente, em todos os dias da semana, em diversos bairros da capital paranaense

(PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, [2018a]). Dentre essas feiras destaca-se a “Feira de Arte e Artesanato Garibaldi”, conhecida popularmente como “Feira do Largo da Ordem”, que recebe, segundo dados do site do IMT, cerca de vinte mil visitantes todos os domingos (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, [2018b]). As primeiras edições ocorreram da década de 1970, sem organização oficial, por membros da comunidade *hippie*, que expunham e vendiam artesanato. Por este motivo, muitos ainda denominam o evento como “Feira *Hippie*” ou “Feirinha”.

A Feira do Largo da Ordem é um dos espaços em que artesãos da cidade de Curitiba/PR podem expor e comercializar seus trabalhos todos os domingos do ano, independente da temperatura ou do clima da cidade. Segundo dados levantados no site da Prefeitura Municipal de Curitiba ([2018a]), a Feira está localizada no Centro Histórico de Curitiba, tendo seu início na Rua São Francisco e seu término na Rua Martin Afonso.

De realização semanal, acontece sempre aos domingos na parte da manhã e oferece aos visitantes diferentes tipos de artesanato em madeira, tecido, pedras, metais, fibras, sementes, gesso, cerâmica etc. além das opções de gastronomia. No ano de 2019, de acordo com informações do site da Prefeitura Municipal de Curitiba ([2018b]), a feira conta com mais de 1.200 barracas e cerca de 2 mil artesãos.

Apesar do espaço e da organização da gestão municipal que são destinados aos artesãos, estes não são suficientes para atender toda a demanda de artesãos que precisam de locais para expor e comercializar seus produtos no município. Além de não ser suficiente, é possível classificar a ação por parte da prefeitura como uma inclusão social frágil, por não proporcionar espaços suficientes para isso. Outro critério é que a gestão municipal faz uma seleção dos produtos a serem ofertados na feira. A preferência é para produtos inovadores e que não constem no portfólio dos já ofertados. No próprio site da Prefeitura constam informações sobre os produtos comercializados:

Para quem gosta de bons trabalhos manuais, as feiras de artesanato de Curitiba oferecem uma infinidade de produtos manuais que são rigorosamente selecionados com critérios baseados em técnicas artesanais. Com características que vão do mais básico objeto utilitário até o mais fino objeto de decoração de diversos tipos e utilidades, os produtos das feiras de artesanato com certeza podem oferecer qualidade, variedade e preço justo. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, [2018b]).

A fragilidade da inclusão social para quem precisa de ajuda é encoberta pela legislação que regulamenta e administra a cessão do espaço. A comercialização dos artesãos é regida pela Prefeitura tem como base o Decreto nº 112/2010, que regulamenta as atividades de feiras de arte e artesanato no município de Curitiba. Este regulamento traz a finalidade, as características, os tipos, a quem cabe a administração, a fiscalização, as punições aos feirantes e a organização dentre outras providências. Porém, não padroniza os processos de seleção e, conforme explicitado por três dos entrevistados, abre espaço para “furar a fila de espera” através de indicações e apadrinhamento. Além do privilégio dispensado a alguns, há uma parcela, pequena, de feirantes que comercializam produtos industrializados, mas esse fato é explicado pelo tempo de feira que esse artesão possui, pois no início da feira, lá pela década de 1970, era permitido esse comércio e os feirantes que permanecem até hoje com sua barraca, possuem o direito adquirido para tal fim.

A procura por um espaço para comercializar produtos nesta feira é grande, com longa fila de espera, podendo passar anos até que se consiga. Assim, aqueles que não conseguem tal espaço ficam impossibilitados de comercializar seus artesanatos, ao menos legalmente.

Apesar das dificuldades encontradas para a comercialização de artigos produzidos manualmente em feiras do município, percebe-se que muitas pessoas decidem por isso quer seja para incremento de renda, quer seja para fonte primária de subsistência. Sendo assim, ao definir o artesão da Feira de Arte e Artesanato Garibaldi, também conhecida como Feira do Largo da Ordem, ou, simplesmente, “Feirinha”, como objeto de estudo, o presente trabalho tem por objetivo conhecer este artesão e o sentido que ele dá ao seu trabalho, a influência da tecnologia no seu processo artesanal e o seu planejamento de futuro.

Convido o leitor a acompanhar através das histórias individuais de quem faz essa feira, que há mais de 40 anos é parte da cultura curitibana com uma reflexão sobre o sujeito singular e de sua subjetividade e ao mesmo tempo de um sujeito do coletivo representado por uma subjetividade social. Para isso, nos próximos capítulos, apresentam-se os objetivos e a relevância desse estudo, os conceitos embasados na teoria e que foram definidos *a priori* para essa pesquisa bem como o procedimento de análise que permitiu interpretar as entrevistas e os

documentos de registro em fotos do processo de trabalho dos feirantes levantando estes indicadores como dados empíricos da pesquisa.

Veremos que essa feira não se faz somente de artesanato, mas é composta por histórias de vida e de gerações que carregam a tradição familiar da criatividade, inovação e a vontade de perpetuar a sua arte. Assim a subjetividade individual é determinada socialmente, não por um processo linear e determinista, do social ao subjetivo, mas em um processo que integra a subjetividade social e individual, conforme González Rey (2002).

Conheceremos a história de vida de sete artesãs e seis artesãos. Histórias carregadas de memórias e sonhos que colaboram para a feira ser o que é. Com isso entenderemos o sentido que os próprios artesãos e artesãs dão ao seu trabalho, veremos como a tecnologia interfere em seus processos produtivos e como se dá o planejamento de futuro para esses trabalhadores. De uma forma que se conecta ao mesmo tempo a teoria e a prática, a subjetividade ao contexto social e cultural, sem, contudo, reduzir-se nem a uma coisa nem a outra. Se trata de desdobrar, descobrir e revelar as condições de vida do artesão que se estabelece no mundo contemporâneo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo que se apresenta como uma pesquisa qualitativa que compreende o conhecimento científico como uma produção não linear para a produção e análise de informação (GONZÁLEZ REY, 2005). Desta forma ao buscar descrever as categorias de análise que serão utilizadas no desenvolvimento desta dissertação, destaca-se que o arcabouço teórico é algo dinâmico e envolve aspectos históricos envolvidos no processo de pesquisa.

O debate atual da subjetividade no campo das Ciência Tecnologia e Sociedade é algo recente, o que não pode prescindir do olhar sobre o sujeito na produção do conhecimento, e das tramas que o envolvem, assim o viés da perspectiva histórica da subjetividade se torna fundamental para o campo. A experiência prática do pesquisador no campo é reforçada na busca de informação primária na pesquisa.

Após conhecer o ambiente e as pessoas que possivelmente fariam parte da pesquisa, percebeu-se que a obra do artesão e o sentido que ele dá ao seu trabalho seriam pontos importantes nessa pesquisa, uma vez que Marx (1906, p. 530) diz que a indústria moderna, por meios técnicos, faz desaparecer “a divisão do trabalho manufatureiro”, onde o trabalhador está atado a uma simples operação e, Marx continua afirmando, que a forma capitalista industrial “converte o trabalhador num apêndice da máquina”. Já o artesão seria dono de seu processo produtivo. Esta distinção entre o trabalho industrial e o trabalho do artesão é fundamental para compreender que, em primeiro lugar, o artesão é um profissional que fabrica produtos através de um processo manual ou com auxílio de ferramentas, assim sendo a sua profissão requer algum tipo de habilidade ou conhecimento especializado na sua prática que pode ser concebido como uma tecnologia do saber fazer.

Notou-se, também, que a tecnologia, enquanto uso de ferramentas, estava presente no labor de alguns feirantes, deixando dúvidas relacionadas à influência dessa tecnologia em seu trabalho, uma vez que o uso da tecnologia poderia descaracterizar seu processo manual produtivo, mas, segundo Winner (1986), “O que importa não é a tecnologia em si, mas o sistema social ou econômico no qual ela está inserida” e sua forma de utilização. De modo que o artesão pode ser visto

como um agente econômico uma vez que produz bens destinados ao seu consumo próprio, à troca e ao comércio, assim altera o sistema social no qual o artesão está inserido.

O industrialismo é sempre um processo de cataclismo. Destrói o passado, questiona o presente e torna o futuro incerto [...] as consequências podem ser bastantes mais profundas quando as normas da sociedade industrial substituem costumes e hábitos do passado. (BAZZO et al., 2003, p. 72).

Portanto, a divisão social do trabalho, situada nas fronteiras entre o processo industrial, ainda hoje se comercializam os bens produzidos pelo artesanato. Produtos que refletem a relação subjetiva individual desta pessoa, trabalhador e artesão com a sociedade em que vive e com a sua cultura. As consequências da manutenção da atividade artesanal em uma sociedade industrial têm, portanto, características peculiares que se pretende investigar. Com base nessas observações iniciais definiu-se como as principais categorias teóricas: o trabalho, a noção sobre tecnologia e o planejamento de futuro.

A palavra trabalho é carregada de significados, Albornoz (1994, p. 8) diz ser “o homem em ação para sobreviver e realizar-se, criando instrumentos, e com esses, todo um novo universo cujas vinculações com a natureza, embora inegáveis, se tornam opacas”. Mas buscando a origem da palavra trabalho, ao menos em nossa língua, ela

[...] se origina do latim *tripalium*, embora outras hipóteses a associem a *trabaculum*. *Tripalium* era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los (ALBORNOS, 1994, p. 10).

Porém, a autora relata que ao buscar o significado da palavra trabalho em dicionários o que mais se encontra é o registro de “*tripalium* apenas como instrumento de tortura” (ALBORNOS, 1994, p. 10). E continua demonstrando que trabalho tem outros significados mais particulares, podendo ser o esforço aplicado à produção de diversas utilidades e até mesmo em obras de arte.

Algo que definitivamente distingue o trabalho humano do esforço dos animais, embora para todos a primeira motivação possa ser a sobrevivência, é que no trabalho do homem há liberdade: posso parar de fazer o que estou fazendo, embora seja um servo, embora não me seja reconhecido o direito de greve, e embora ou venha a sofrer por causa

deste meu gesto. Posso também fazer meu trabalho de muitas maneiras diferentes, se a máquina não o programar assim como o instinto faz com os animais. (ALBORNOZ, 1994, p. 12).

A atuação do indivíduo na sociedade e no meio social em que está inserido é realizada por meio do seu trabalho. Deste modo o indivíduo com o seu trabalho se transforma. É a aprendizagem resultado de sua ação que leva à transformação, a qual se processa no indivíduo pela aquisição ou apropriação ativa de conhecimentos (VYGOTSKY, 1988). E ao modificar a natureza se modifica através do uso de instrumentos, signos, símbolos e significados. O homem é produto e produtor de seus modos de vida, porém sofre determinações históricas sociais.

O tédio existe em função da vida estar regulada pela coação do trabalho e por uma rigorosa divisão do trabalho. Não teria necessariamente que existir. Sempre que a conduta no tempo livre é verdadeiramente autônoma, determinada pelas próprias pessoas enquanto seres livres, é difícil que se instale o tédio; tampouco ali onde elas perseguem seu anseio de felicidade, ou onde sua atividade no tempo livre é racional em si mesma, como algo em si pleno de sentido. [...] Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre igual então não se entediariam. (ADORNO, 1995, p. 76).

Difícil imaginar que em uma feira, como a do Largo da Ordem, possa existir o tédio, afinal, a criação é fruto da imaginação, mas, apesar da liberdade de expressão em suas obras o artesão e as artesãs são obrigados a se aterem à linha de produtos que lhes foi autorizada a trabalhar. É uma limitação imposta pelos órgãos fiscalizadores fazendo com que a liberdade de expressão não seja tão livre assim. Repetindo as palavras de Adorno (1995) “Se as pessoas pudessem decidir sobre si mesmas e sobre suas vidas, se não estivessem encerradas no sempre igual então não se entediariam”.

Albornoz (1994, p. 26) destaca que “cada vez mais deixamos o trabalho autônomo por um emprego na organização, ou mesmo pelo desemprego ante a organização”. O trabalho do artesão, no entanto, possui características singulares, tanto qualitativas quanto quantitativamente diferentes dos demais trabalhadores, o que tem um papel essencial nas diferentes opções de trabalho que o sujeito escolhe.

No debate sobre a centralidade da categoria trabalho, podem-se apontar duas tendências opostas: a negação do seu papel relevante para o

entendimento das relações sociais e a reafirmação desse papel. O crescimento do desemprego seria um argumento a favor da primeira posição; no entanto, não ter trabalho é um problema ainda maior para aqueles que vivem numa sociedade que, embora não ofereça condições concretas, ainda o tem como um valor fundamental. (COUTINHO, 1999, p. 34).

O valor fundamental do trabalho do artesão na contemporaneidade, tem uma história social que não pode ser negada, uma vez que atuam ao mesmo tempo como forças de tensão e contradição na permanência do sujeito em seu processo de trabalho. Ao resgatar brevemente esta história na América Latina, as grandes cidades atraíram populações dos campos em busca de uma vida melhor, mas, como diz Albornoz (1994) a concentração de grandes massas humanas próximas às cidades aconteceu antes de existirem lugares suficientes de trabalhos nas indústrias.

Esse êxodo não ocorreu apenas pela promessa de uma vida próspera nas cidades, mas, segundo Enguita (1989),

[...] foi necessário arrancar os camponeses do campo, o que se obteve graças à combinação do crescimento demográfico, da supressão das terras comunais, da ampliação das grandes propriedades em detrimento das pequenas e da capitalização das explorações agrárias. (ENGUITA, 1989, p. 27)

Não é possível excluir a força deste êxodo na formação também de um exército industrial de reserva, configurando um campo de tensão permanente para o sujeito em se manter na atividade artesanal ou migrar para compor a força de trabalho na indústria.

Segundo Albornoz (1994) esse é também um dos motivos pelo qual o trabalho e a sobrevivência se apresentam com características muito mais complexas e preocupantes do que nos países centrais do mundo ocidental.

Nesta cidade moderna onde se dá o nosso trabalho, salta aos olhos um dado novo, cujas consequências antropológicas, psicológicas e sociais ainda não acabaram de ser avaliadas pelos pesquisadores. Trata-se da separação entre lugar de trabalho e lugar de moradia. Enquanto o artesão fazia o seu sapato, a sua cerâmica, no mesmo recinto em que convivia com a família, o operário dos grandes centros da atualidade pode precisar de algumas horas de locomoção para perfazer a distância entre o seu bairro operário da periferia urbana e a fábrica confinada no circuito industrial. (ALBORNOZ, 1994, p. 31).

A entrada dos jovens no processo de aprender o ofício implicava não só na aprendizagem técnica, mas no código ético de conduta. Assim o problema da divisão do trabalho nas sociedades capitalistas, implica uma ruptura com os laços comunitários e familiares que havia no princípio do acesso ao ofício do artesão.

Bazzo (2003, p. 72) alerta que “O industrialismo é sempre um processo de cataclismo. Destrói o passado, questiona o presente e torna o futuro incerto”.

Para além destas rupturas – que trazem o individualismo, o isolamento e a competitividade – a industrialização acarretou a mobilidade geográfica e a concentração da população nas regiões urbanas. Elevando o custo desse transporte e dessa locomoção que ainda pode ser mensurado, calculado, medido e agregado à cadeia de valor da produção. Mas o desgaste humano, as doenças sociais oriundas do estresse causado pelo tempo de vida desperdiçado em transportes coletivos abarrotados de trabalhadores, que repetem diariamente o mesmo trajeto, para a mesma empresa, fazendo a mesma coisa todos os dias e sonhando com uma mudança de vida para poder aproveitar seu curto tempo de passagem por esse planeta, não podem ser calculados.

Coutinho (1999, p. 40) tem uma fala que, apesar de ser de 1999, ainda se aplica muito bem nos dias atuais:

[...] no Brasil, observa-se a crescente instabilidade do mercado de trabalho, expressa principalmente pelos níveis de desemprego alarmantes, o que ocorre paralelamente a outras mudanças: exigência de maior qualificação, deslocamento de polos industriais, extinção de profissões e surgimento de novas, terceirização, precarização das relações de trabalho, etc. (COUTINHO, 1999, p. 40).

Assim este processo industrial pode ser o gerador do aumento do número de pessoas que recorrem ao artesanato. Historicamente entre os principais motivos da permanência do trabalho artesanal o crescente desemprego e a instabilidade do mercado, produzem uma busca por alternativas de renda e sobrevivência.

A compreensão desta realidade passa pela ação do sujeito, que estabelece vínculos com o ambiente e expressa a sua prática nas atividades sociais, assim o trabalho é ação criadora do homem que lhe interpreta e confere significados. (GONZÁLEZ REY, 2002).

O artesão é o profissional que busca maneiras de se adaptar a essa realidade apresentada, esse trabalhador desenvolveu habilidades manuais para

fazer uso de diversos recursos existentes para a produção de objetos que lhe proporcionam a sobrevivência econômica. A educação técnica não é requisito básico, pois o homem com a ajuda de instrumentos pode desenvolver habilidades manuais e matérias-primas apropriadas para criar os mais diferentes tipos de artesanato.

O “Estatuto do Artesão” de Portugal (Decreto-Lei nº 41/2001) define, em seu artigo 9º, o artesão como: “[...] entende-se por artesão o trabalhador que exerce uma actividade artesanal, dominando o conjunto de saberes e técnicas a ela inerentes, ao qual se exige um apurado sentido estético e perícia manual”.

A singularidade deste profissional se localiza no seu fazer diário e pode ser analisada em todas as fases do processo produtivo. O artesão vai ao longo do tempo desenvolvendo esse domínio técnico de saberes, que se objetivam na obtenção e um alto grau de identificação com o produto. Andrade (1938), em “O artista e o artesão”, define artesanato como:

[...] uma parte da técnica da arte, a mais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume ao artesanato. O artesanato é parte da técnica que se pode ensinar, mas há uma parte da técnica da arte que é, por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista. (ANDRADE, 1938, p. 4).

Como ressalta Andrade (1938), o artefato artesanal compreende também um testemunho que revela por vezes a relação do indivíduo e sociedade. Sendo assim, na tensão entre repetição e criação, existe a possibilidade do objeto se revelar. Dessa maneira desponta de criação em meio à repetição e contém a rebeldia e a transgressão da própria repetição. Mas,

Ao contrário, tudo o que o mero artista mecânico produz não possui nunca, nem para ele nem para qualquer outro, tal interesse. A sua milésima obra é como a primeira e existe no fim também mil vezes. Além disso, acrescenta-se a isso que, na época mais recente, as máquinas e a indústria foram aperfeiçoadas até o supremo grau e o mundo inteiro foi inundado, por meio do comércio, com coisas transitórias e belas, delicadas e aprazíveis.

Diante disso, vemos que o único antídoto contra o luxo, caso ele pudesse e devesse ser balanceado, é a arte verdadeira e o sentimento artístico verdadeiramente suscitado e que, ao contrário, a mecanização altamente desenvolvida, o artesanato refinado e a produção manufaturada preparam a ruína completa da arte (GOETHE, 2005, p. 89).

Deste modo afirma-se que as relações de produção expressam as múltiplas contradições entre os proprietários dos meios de produção e os produtores diretos de um determinado modo de produção. Assim o artesanato é incorporado ao mundo social e culturalmente estruturado, ao mesmo tempo o sujeito busca e promove a sua inserção em uma atividade cotidiana capaz de construir a sua autonomia.

A contemporaneidade capitalista e industrial tem constituído um marco na experiência laboral do sujeito e em suas relações sociais. Deste modo, a que se investigar o processo de manutenção do artesanato ainda neste contexto. Considerando o artesanato, enquanto um modo de produção da vida, econômica, social e política e que mesmo entrando em um período de transformações das técnicas e tecnologias ainda mantém uma perspectiva de forte relação do produto com o produtor, da matéria-prima com o homem que a transforma em um objeto de arte sempre dotado de diferentes sentidos e significados subjetivos.

Assim passa-se agora a apresentar as categorias teóricas que nos permitem conhecer quem é o artesão, este trabalhador que é ao mesmo tempo o proprietário dos meios de produção e as contradições próprias de seu modo de produção.

2.1 CATEGORIAS TEORICAS

Para o desenvolvimento dos conceitos teóricos, ordenados de forma didática, optou-se por três subdivisões que são: (i) os sentidos do trabalho do artesão; (ii) a influência da tecnologia no trabalho do artesão; e, (iii) o seu planejamento de futuro. No entanto, reconhece-se que tais categorias são dinâmicas e apresentam-se em movimento processual para a análise de aspectos da realidade concreta dos artesãos.

[...] a pesquisa qualitativa não corresponde a uma definição instrumental, é epistemológica e teórica, e apoia-se em processos diferentes de construção do conhecimento, voltados para o estudo de um objeto distinto da pesquisa quantitativa tradicional. (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 51).

Assim se debruça para o conhecimento da subjetividade, na história do sujeito que marca a sua singularidade.

2.1.1 Os sentidos do trabalho do artesão

Concorrer com as grandes indústrias, que possuem produção mecanizada e altas tecnologias, parece uma competição desleal e injusta. Os produtos industrializados ganham espaço no mercado consumidor por seus baixos preços e rapidez na entrega. O artesão vai perdendo espaço e lutando contra o império capitalista.

O trabalho dos proletários perdeu, pela expansão da maquinaria e pela divisão do trabalho, todo caráter autônomo e, com isso, todo atrativo para o operário. Este torna-se um mero acessório da máquina, do qual é exigido apenas o mais simples movimento de mãos, o mais monótono, o mais fácil de aprender. [...] Massas de operários, aglomeradas nas fábricas, são organizadas de forma soldadesca. Como soldados rasos da indústria, são colocados sob a supervisão de uma hierarquia completa de suboficiais e oficiais. (MARX; ENGELS, 2010, p. 66-67).

O capitalismo, segundo Beatriz (2012, p. 33):

[...] é o modo de produção em que os meios de produção – as fábricas, as fazendas, as lojas etc. – são propriedades particulares de uma minoria da população, o que força a maioria a vender a esses proprietários sua capacidade de trabalhar. (BEATRIZ, 2012, p. 33).

Com uma perspectiva diferente sobre seu trabalho, o artesão busca criar valor ao seu produto e não apenas precificá-lo, pois em sua obra encontra-se, além do trabalho em si, sua cultura e seu conhecimento.

Os artesãos de nossos dias no que se refere ao trabalho como relação social, independentemente de seu conteúdo – tem um certo grau de controle sobre o produto de seu trabalho. Este não apenas lhes pertence legalmente, mas além disso podem decidir qual será ele dentro da gama de possibilidades traçada pelo mercado: algumas regulamentações estatais e, em seu caso, as normas das organizações profissionais ou gremiais. E conservam, sobretudo, um grau substancial de controle sobre seu processo de trabalho, tanto qualitativa – os procedimentos – quanto quantitativamente – o emprego do tempo. (ENGUITA, 1989, p. 18).

O capitalismo valoriza a produção e o trabalhador busca o trabalho que melhor lhe remunere. Camps (1992, p. 124) fala que:

[...] já não existe um trabalho que valha mais do que o outro: é mais válido o que paga melhor. Já não existem, portanto, profissões de maior prestígio, e sim profissões que abrem as portas para o dinheiro e o êxito. (CAMPS, 1992, p. 124, tradução livre do autor¹).

Observa-se, com isso, “um enfraquecimento do valor social e psicológico da atividade profissional e um desaparecimento progressivo da ética do trabalho e da consciência profissional” (LEVY-LEBOYER, 1994, p. 59).

Os artesãos, segundo Enguita (1989) preferiam viver mal da crise de seus ofícios, trabalhando em suas casas, mas mantendo um controle, nem que fosse parcial, e autonomia em relação ao seu trabalho, a ter que se sujeitar aos trabalhos nas fábricas, que consideravam a negação de sua independência, além de verem as fábricas como lugares de depravação moral e desumanização.

O trabalho do artesão não é meramente a transformação de um material disforme em objetos de arte e beleza. Vygotsky (1999) concebe a arte como uma ação humana deliberada para recriar a realidade material e afirma que através dela o próprio sujeito é transformado. E considera a arte como um objeto cultural, não de um único artista, mas de um coletivo devido à técnica construída socialmente para objetivar os sentimentos do artista. Dessa forma,

[...] o trabalho só preenche a sua função psicológica para o sujeito se lhe permite entrar num mundo social cujas regras sejam tais que ele possa ater-se a elas. Sem lei comum para dar-lhe um corpo vivo, o trabalho deixa cada um de nós diante de nós mesmos. (CLOT, 2007, p.18).

Gullar (1994, p. 8) diz que o artista se distingue do artesão, pois o artesão continua a produzir objetos de uso e mantém-se preso às formas tradicionais. Uma das características presente no artesanato, em contraposição à arte então nascente. A arte se caracteriza pela busca de formas e estilos novos, enquanto o artesanato é um processo conservador e com técnicas repetitivas. Nele, a experiência é passada de geração em geração e não como conhecimento estético ou uma forma estilística, mas como a forma do objeto a ser produzido, desta forma um copo se faz de tal forma, uma bandeja tem suas características e um cálice carrega seu processo específico e determinado de como se fazer.

¹ [...] *ya no hay un trabajo que valga más que otro: vale más el que mejor se paga. Ya no hay, por tanto, profesiones de mayor prestigio, sino profesiones que abren las puertas al dinero y al éxito.*

A arte é o social em nós, e o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essências sejam individuais. [...] O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade. (VYGOTSKY, 1999, p. 315).

A arte apresentada em cada obra realizada pelo artesão expressa sentimentos diferentes e únicos, mas não bastam sentimentos para gerar a arte.

Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza. Eis que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender a estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude. (VYGOTSKY, 1999, p. 314).

Em sua fala, Albornoz (1994, p. 39, 59), retrata e sintetiza o sentimento do artesão em relação ao seu labor: para o artesão “não há separação entre trabalho e divertimento” e “a satisfação do trabalho não decorre da renda, [...], sequer do *status* ou do poder sobre outras pessoas, mas do processo técnico inerente” porque “o modo de subsistência do artesão determina e impregna todo o seu modo de viver” e que “no mundo industrial falta o vínculo entre trabalho e o resto da vida”.

Passa-se a abordar o modo de produzir o trabalho do artesão, nas condições de sua produção existe o uso da tecnologia que serve para alterar a matéria-prima, mas que mantém a sua arte como um processo criativo.

2.1.2 A influência da tecnologia no trabalho do artesão

O processo de industrialização, que se implantou com a desculpa de buscar a eficácia produtiva pelos aparatos tecnológicos, segundo Marglin (1978) apresenta a ideia de que na verdade tinha como principal objetivo o controle total da produção, do produto e da mão de obra. Controle esse, exercido hoje pelos aparatos tecnológicos e burocráticos desenvolvidos como artefatos sociais

necessários para se manter a ordem econômica e social. Neste sentido o paradoxo aparente do trabalho do artesão é este reconhecimento de que as pessoas se desviam do processo de trabalho industrializado, e em consequência disto se conformam a outras normas e regras do trabalho artesanal se mantendo à margem desta adesão a ordem industrial, pelo afastamento intencional do uso de tecnologias na busca da eficácia. Mas lembrando o que disse Winner (1986), “O que importa não é a tecnologia em si, mas o sistema social ou econômico no qual ela está inserida” e sua forma de utilização.

As coisas que chamamos de tecnologias, para Winner (1986), são maneiras de construir ordem em nosso mundo. Diversos dispositivos ou sistemas técnicos importantes na vida cotidiana possuem muitas possibilidades de ordenar as atividades humanas. De forma consciente ou inconsciente, deliberadamente ou inadvertidamente, as tecnologias escolhidas pelas sociedades influenciam, por um longo tempo, a forma como as pessoas irão trabalhar, se comunicar, viajar, consumir, e assim por diante.

A especialização tomou forma nas indústrias atuais. O papel do especialista se fez necessário diante das novas tecnologias. Albornoz (1994) lembra que a especialização no artesanato tinha ligação com a pretensão de mais capacidade – o objetivo era fazer apenas sapatos para fazer o melhor sapato.

A transição do trabalho artesanal para o industrial transformou a relação trabalho x trabalhador. Enguita (1989, p. 28) diz que “a economia moral” – nas palavras de Thompson – dos artesãos e as tradições dos camponeses foram varridas pela ideologia capitalista do “livre” mercado. O profundo respeito pelo trabalho pessoal bem-feito cedeu lugar ao fetichismo da “maquinaria”.

A maquinaria em si foi um instrumento contra a mão rebelde do trabalho. Através da desqualificação do trabalho, da imposição de um ritmo mecânico e da possibilidade de substituir os artesãos de costumes arraigados por camponeses, por trabalhadores braçais não qualificados, por mulheres e crianças, a inovação tecnológica serviu para ir quebrando pouco a pouco a resistência à nova vida fabril. (ENGUITA, 1989, p. 51).

O senso comum, segundo Dagnino e Dias (2007), aceita a ideia de que conhecimento, tanto o científico quanto o tecnológico, constitui um elemento fundamental dentro de qualquer estratégia bem-sucedida para o desenvolvimento econômico e social. Ele compreende a forma como conhecimento é gerado e o seu

relacionamento com a sociedade de uma maneira que tende a criar uma imagem mistificada da ciência e tecnologia (C&T) e a distorcer o seu papel dentro das estratégias, atualmente adotadas ou defendidas, de desenvolvimento social e econômico, como alternativas possíveis aos estilos existentes.

O aparente triunfo da ciência e da tecnologia nas sociedades contemporâneas transformou em senso comum a ideia de que o conhecimento, desde que “cientificamente” gerado (portanto, verdadeiro e intrinsecamente “bom”) e “tecnologicamente” aplicado (de maneira “eficiente”), sempre se traduzirá em um aumento do bem-estar da sociedade. (DAGNINO; DIAS, 2007, p. 375).

Assim, com um viés, não só de produção artesanal e meramente comercial, mas de preocupação com uma relação mais sustentável entre o ser humano e a natureza, pode-se compreender a maneira de produzir do artesão no mundo contemporâneo, no qual a importância dada aos materiais e a transformação qualitativa do produto se tornam uma constante.

O artesão revela a “verdade” de seus materiais através da reelaboração carregada simbolicamente da matéria pela forma. O moderno tecnólogo aniquila o potencial interno de seus materiais, “des-mundifica-os” e “convoca” a natureza a se encaixar em seus planos. (FEENBERG, 2010, p. 249-250).

Em síntese, no trabalho do artesão se releva uma tecnologia específica, um saber fazer do trabalho presente na arte e na criação dos produtos, ao mesmo tempo se materializa um uso de artefatos e instrumentos tecnológicos no processo produtivo, como facilitadores desta sua obra. Este processo de trabalho não pode aniquilar o potencial dos materiais utilizados pelo artesão, em conta disso a possibilidade de obter reconhecimento de sua atividade como artesanato, passa pelo cálculo racional da seleção e da adesão a determinadas verdades sobre materiais e técnicas de produção.

2.1.3 O planejamento de futuro do artesão

Passa-se a apresentar a categoria planejamento de futuro, que nos permite analisar como o artesão em seu cotidiano pensa o seu fazer e sua técnica aliados a uma perspectiva de futuro, e de sua permanência ou não no mundo do trabalho.

No intercâmbio entre a ação cotidiana e a subjetividade, ao mesmo tempo o sujeito vai construindo nas suas relações sociais uma tentativa de se afirmar pelo trabalho do artesanato, e realizar um planejamento de futuro de sua ação no mundo. São dimensões constituintes da subjetividade, e momentos diferentes de vida, bem adaptada ao sistema social atual, no qual se revela a capacidade de as pessoas pensarem sobre o controle de sua ação e manutenção da sua forma de vida no mundo do trabalho. Bem ou mal planejado, o futuro do artesão está ligado diretamente à sua arte, Vygotsky (1999) comenta que a arte tem relação com as emoções e que:

A arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela. (VYGOTSKY, 1999, p. 320).

No futuro que o artesão vislumbra qual será o sentido de sua vida se cair sobre ele o peso da aposentadoria e de uma vida ociosa? “Pois a realização do sonho da humanidade com o direito à preguiça chegaria quando a era moderna acabou de fazer a glorificação teórica do trabalho”. (ALBORNOZ, 1994, p. 24). Este sentido de glorificação do trabalho permanece na atividade produtiva do artesão, que encontra no seu fazer um sentido para a sua vida.

O indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho. Segundo Hannah Arendt – pensadora alemã que trabalhou e escreveu nos EUA, e cujo pensamento criativo marca hoje fortemente a filosofia política – cada vez mais temos uma alma operária. A sociedade que está por libertar-se dos grilhões do trabalho é uma sociedade de trabalhadores, que desconhece outras atividades em benefício das quais valeria a pena conquistar aquela liberdade. (ALBORNOZ, 1994, p. 24).

Na análise de Knabem (2016), as mudanças que ocorrem no mundo do trabalho e, conseqüentemente na vida do trabalhador, demonstram “a realidade de um mercado de trabalho com altas taxas de desemprego, da presença do desemprego estrutural, do crescimento do trabalho temporário e em tempo parcial”, levando em consideração a influência da tecnologia, a autora ainda destaca que essa tecnologia “tem gerado um impacto na vida do trabalhador e na forma como se estabelece a relação com a profissão e a carreira” (KNABEM, 2016, p. 26). No entanto a carreira do artesão se encerra em sua atividade, em sua produção da

vida através do trabalho, sua subjetividade está determinada pelas condições de manutenção de sua obra.

Para Marx a essência do ser humano está no trabalho. O que os homens produzem é o que eles são. O homem é o que ele faz. E a natureza dos indivíduos depende, portanto, das condições materiais que determinam sua atividade produtiva. (ALBORNOZ, 1994, p. 69).

Da mesma forma que o indivíduo antecipa em sua mente as formas de sua arte, poderia, também, antecipar o seu futuro, planejando, organizando e se preparando para possíveis eventualidades. As condições materiais da existência no futuro de algo para se trabalhar para o artesão deveria ser uma condição preliminar e essencial para a manutenção da própria vida através da sua produção. Esta profunda adesão ao fazer cotidiano no artesanato fragiliza, no entanto, este sujeito trabalhador na sua integração à sociedade, normatizada e regulada exclusivamente pelo tempo dedicado ao trabalho com a perspectiva da aposentadoria futura, ou o não trabalho, que depende da continuidade de sua ação e convicções sobre o seu ritmo produtivo, não dando muita atenção a qualquer forma de contrato social que lhe garanta a sobrevivência além da sua capacidade laboral.

O planejamento do futuro, a aposentadoria, o não trabalho não faz sentido para o artesão.

O homem é um ser que antecipa, que faz projetos, que representa mentalmente os produtos de que precisa. Antes da própria atividade, pela imaginação, o homem já contém em si o produto acabado. (ALBORNOZ, 1994, p. 70).

A análise do planejamento do futuro para o artesão implica em considerar que o sujeito realiza construções em sua mente para a permanecer em atividade, revelando a centralidade do trabalho. O artesão ao falar sobre o seu futuro reproduz de diferentes formas o valor dado ao trabalho artesanal. Em suas relações e contradições com todo o sistema social à sua volta, assim permanece como um trabalhador marginal, para o qual as normas expressas pela sociedade do trabalho, na qual os meios do trabalho se transformariam em seu fim a aposentadoria como o fim do trabalho, não se reafirmam. Portanto, ao mesmo

tempo, observa-se uma inserção social frágil pelo trabalho, do artesão que está na sociedade, mas que não é pensado como parte desta sociedade.

2.2 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Na pesquisa realizada no site do Portal de Periódicos CAPES/MEC com os descritores “artesão” AND “carreira profissional”, “artesão” AND “tecnologia”, “artesão” AND “artesanato”. Na busca avançada tendo como filtro a análise dos últimos dois anos e buscando especificamente artigos. Foram identificados respectivamente 2, 3 e 12 artigos resultados de pesquisas empíricas e teóricas que serão apresentados a seguir:

O artigo relacionado ao “artesão AND carreira profissional”, com o título “O significado do trabalho para os artesãos da região do Cariri cearense”, de Grangeiro e Bastos (2018) objetivou analisar como artesãos significam o trabalho que realizam. Para coleta de dados, utilizaram uma versão reduzida do instrumento de pesquisa construído pela equipe *Meaning of Work International Research Team* (MOW) durante os anos 1980.

Conforme orientação do modelo teórico adotado, o significado do trabalho é analisado a partir de três dimensões: (i) centralidade do trabalho; (ii) normas sociais do trabalho; e, (iii) resultados e objetivos valorizados do trabalho. A partir da realização de análises estatísticas descritivas examinou-se o comportamento da amostra de artesãos investigados frente às dimensões que integram o modelo de significado do trabalho da equipe MOW. Adicionalmente, realizou-se a comparação entre médias de quatro perfis de artesãos, para as dimensões citadas. A média de centralidade absoluta do trabalho para os artesãos é alta e não foi observada diferença relevante entre as médias dos quatro perfis analisados. Quanto à centralidade relativa, o trabalho obteve segunda maior média. Os artesãos do Cariri cearense apresentaram uma adesão levemente superior às normas de direitos quando comparadas às normas de deveres. No exame da dimensão resultados esperados do trabalho, encontrou-se diferenças entre as médias dos quatro perfis e na ordem dos resultados mais valorizados apresenta uma análise de como o artesão significa seu trabalho e para compreender como lidam com o artesanato os autores realizam a análise em três etapas: acesso e tratamento da

matéria-prima; produção; e comercialização. Além disso, é feita uma análise dividindo os artesãos em quatro perfis, os “tradicionais e reconhecidos”, os “tradicionais e não reconhecidos”, artesãos de “referência cultural não reconhecidos” e de “referência cultural reconhecidos”. A análise dos autores buscou identificar o artesão quanto a sua inovação e visibilidade alcançada. A conclusão que chegaram foi de que o significado do trabalho, para esses artesãos, só perde em importância para a família.

O segundo artigo encontrado com os descritores “artesão AND carreira profissional” não se relaciona ao tema abordado nesta pesquisa, sendo, portanto, descartado.

Os três artigos identificados com os descritores “artesão AND tecnologia” também abordam temas não correlatos à proposta desta pesquisa, sendo, portanto, descartados para a análise.

Já nos doze artigos levantados com os descritores “artesão AND artesanato” identificamos a repetição do artigo abordando “artesão e carreira profissional”, com o título “O significado do trabalho para os artesãos da região do Cariri cearense”, outro artigo apareceu em duplicidade devido a uma variação na apresentação do nome do autor, cujo título é “Entre o artista e o artesão”. Dos dez artigos restantes, apenas três abordaram temas relacionados ao artesão ou artesanato, sendo um sobre o artesanato no Novo Reino de Granada no fim do período colonial com uma visão sobre o trabalho de um artesão específico – “*Pedro Romero, el artesano: trabajo, raza y diferenciación social en Cartagena de Indias a finales del dominio colonial*”, o artigo seguinte aborda uma pesquisa feita sobre o uso da fibra do buriti na região central do Brasil – “*Engaging plant anatomy and local knowledge on the buriti palm (Mauritia flexuosa L.f.: Arecaceae): the microscopic world meets the golden grass artisan’s perspective*” e, por fim, o terceiro artigo fala da guasquería, artesanato em couro cru animal para elaboração de peças a serem usadas nas atividades do campo cujo título é “Artesão ou guasqueiro: Uma discussão sobre identidade e Memória”.

O levantamento realizado apresenta pesquisas relacionadas a diferentes visões do artesanato, mas que não fazem menção ao artesão e ao artesanato como opção de trabalho e modo de vida, que é a nossa busca neste trabalho. No entanto, quando buscamos no site do Portal de Periódicos CAPES/MEC com os descritores “Feira do Largo da Ordem de Curitiba”, temos como retorno dezessete

artigos, mas apenas dois fazem referência à citada feira. Sendo o primeiro: “Origem da Feira do Largo da Ordem, Curitiba, em 1970: diálogos de arte e zanato” que aborda os primeiros movimentos da feira, que teve sua origem na década de 1970 e passou por diversas praças da capital paranaense até chegar na sua localização atual. O autor relata a luta dos primeiros artesãos que se posicionaram como resistência ao mundo capitalista e como oposição, através de suas artes e manifestações culturais, a uma série de atitudes governamentais e aos regimes impostos na época. O segundo artigo: “A Feirinha do Largo da Ordem como espaço público – A Feirinha do Largo da Ordem como espaço comercial e lúdico em Curitiba”, relata a convivência do público com o artesão e com os artistas da feira. Resgatando lembranças do público frequentador e suas percepções em relação à feira e ao ambiente do Largo da Ordem.

Passa-se a apresentar uma contextualização histórica de nosso objeto de estudo no caso os artesãos e artesãs da Feira do Largo da Ordem, no sentido de se fazer conhecer ao leitor aspectos do marco legal da feira, enquanto uma organização de trabalho e um modo de produção específico, acolhido pelo Estado e, portanto, normatizado ou institucionalizado.

3 OBJETIVOS

Os objetivos a que se propõe esta pesquisa buscam contribuir para a construção e disseminação do conhecimento sobre o artesão, sua identidade bem como os sentidos atribuídos ao artesanato, trazendo reflexões tanto para a academia quanto para o ambiente empresarial, tendo em vista que hoje o artesão e a artesã são considerados como microempreendedor individual (MEI) e, ao mesmo, tempo se situam no mercado de trabalho à partir de uma inserção social frágil ou fragilizada quanto a garantias de futuro.

A seguir são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos que norteiam o presente trabalho.

3.1 OBJETIVO GERAL

O presente estudo tem por objetivo descrever o artesão bem como os sentidos por ele atribuídos ao artesanato.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, adotaram-se os seguintes:

- a) Identificar o sentido do trabalho do artesão curitibano.
- b) Analisar a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal.
- c) Descobrir o planejamento do seu futuro profissional.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa consiste na atividade intelectual que envolve o ato de conhecer uma realidade cientificamente, onde a apropriação do conhecimento científico requer procedimentos sistematizados e metódicos, uma vez que se entende por ciência a busca constante de explicações e de soluções, revisão e de reavaliação dos resultados, mesmo considerando sua limitação e falibilidade (CERVO; BERVIAN, 2002).

O processo de construção do conhecimento está condicionado, em grande parte, ao modo com que a pesquisa é conduzida. Os procedimentos metodológicos se referem à sistemática que é adotada para a realização do estudo com vistas à obtenção de conhecimento. A finalidade está no aperfeiçoamento dos procedimentos e critérios utilizados na pesquisa (MARTINS; THEÓPHILO, 2007), de maneira que o método represente apenas um meio para a obtenção de determinado objetivo a que se pretende.

Pela qualidade da informação que se busca, esta pesquisa se classifica como sendo de natureza qualitativa, pois visa a descrever o trabalho e identificar o trabalhador da feira em questão, o sentido do seu trabalho, a influência da tecnologia e seu planejamento para o futuro. Segundo Flick (2009, p. 37), “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. De maneira complementar, Gatti (2001, p. 73) escreve que:

As alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos etc. (GATTI, 2001, p. 73).

No que se refere aos estudos qualitativos, Richardson (1999, p. 80) destaca que estes “podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. É neste sentido que Raupp e Beuren (2003) afirmam que o uso desta abordagem é comum nas ciências sociais.

A contribuição trazida pela pesquisa qualitativa é ressaltada por Flick (2009, p. 20) que escreve:

A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida. As expressões-chave para essa pluralização são a “nova obscuridade” (Habermas, 1996), a crescente “individualização das formas de vida e dos padrões biográficos” (Beck, 1992) e a dissolução de “velhas” desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida (FLICK, 2009, p. 20).

A utilização da metodologia qualitativa propicia um olhar abrangente sobre o objeto de pesquisa conforme argumentam Oliveira, Oliveira e Fabrício (2003, p. 154) a seguir:

A pesquisa qualitativa, primando pela leitura, pela interpretação, pela aproximação das possíveis e diferentes configurações que um problema de investigação assume e as dimensões possíveis de enfoque quando pensamos na complexidade, rejeita abordagens redutoras e reducionistas, privilegiando aportes teórico-metodológicos que permitam investigações a partir da multirreferencialidade dos fenômenos, dos fatos sociais e dos problemas a serem estudados. (OLIVEIRA; OLIVEIRA; FABRÍCIO, 2003, p. 154).

A importância da pesquisa qualitativa neste projeto é pelo fato de ela ser orientada a estudar a produção de sentido subjetivo do sujeito, com articulação com os diferentes processos e experiências (GONZALEZ REY, 2005).

Existem diversas formas de classificação da pesquisa: quanto ao objetivo esta pesquisa é classificada como de caráter exploratório, dado que Gil (2002) destaca que esse modelo busca propiciar uma visão geral sobre certo fato. Trata-se de um tipo de pesquisa realizado quando o tema é pouco explorado e, portanto, é difícil formular hipóteses que se possam operacionalizar. Os dados para a realização da pesquisa serão do tipo primário, que ainda não foram coletados, e objetivam atender às necessidades específicas da pesquisa (MATTAR, 2005). Para Andrade (1938) as pesquisas exploratórias podem descobrir um novo enfoque sobre o assunto.

Raupp e Beuren (2003, p. 80) escrevem que “uma característica interessante da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento de conceitos preliminares sobre determinada temática não contemplada de modo satisfatório anteriormente”.

Na condução de uma pesquisa do tipo qualitativa, é fundamental o levantamento histórico-bibliográfico. De acordo com Cervo e Bervian (2002, p. 65), o estudo bibliográfico “é feito com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta”. Este tipo de levantamento permite ao investigador a cobertura de uma gama ampla de fenômenos, mas pode comprometer a qualidade da pesquisa se a coleta e/ou processamento das informações forem equivocados.

Dentre as técnicas qualitativas disponíveis na literatura existe a entrevista, que pode ser classificada em três modalidades, segundo Manzini (2004): a entrevista estruturada, a semiestruturada e a não estruturada. A entrevista estruturada é baseada em questões fechadas, não oferecem flexibilidade para as respostas e não permitem desvios; a semiestruturada possui um roteiro elaborado com antecedência e, ao contrário da estruturada, possui questões abertas permitindo uma maior troca de informações; já a não estruturada possibilita a criatividade na formulação de questões e comporta-se como um diálogo permitindo interferências nas respostas recebidas.

A entrevista semiestruturada é guiada por um roteiro de questionamentos não determinísticos e sim probabilísticos, o que permite flexibilidade dos questionamentos à medida em que a entrevista ocorre e as informações vão sendo coletadas (FUJISAWA, 2000). Em um universo muito mais amplo, a entrevista com sete artesãs e seis artesãos não deve ser compreendida como um distanciamento científico, pois, como Triviños (1987) relata as pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística. “Elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual [...] que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do pensamento científico” (TRIVIÑOS, 1987, p. 118).

A entrevista é um método que visa a compreender o significado que entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos não estruturados anteriormente. Para tal fim é necessário que se tenha uma pessoa chave a ser entrevistada, um roteiro pré-definido, entrevistador treinado e uma boa base teórica (MARTINS; THEÓPHILO, 2007). Segundo Gil (2011), a entrevista é um procedimento racional e sistemático que objetiva levantar respostas aos problemas apresentados no qual o processo de comunicação é privilegiado uma vez que inspira a expressão simbólica do sujeito, ou seja, que será a via para o estudo da

subjetividade. Por isso a comunicação será a via em que os participantes de uma pesquisa se converterão em sujeitos, com seus interesses, desejos e contradições.

Como o propósito desta pesquisa foi o de investigar qual o sentido do trabalho do artesão e da artesã da Feira do Largo da Ordem, este objetivo requer uma metodologia específica que, no caso, será a realização de uma entrevista semiestruturada (Apêndice 1), combinada com fotografias produzidas e encaminhadas pelos próprios artesãos e artesãs, que ainda buscará responder as questões sobre qual o sentido do trabalho desse artesão e artesã, a influência da tecnologia no trabalho artesanal e qual o planejamento do seu futuro profissional.

Para se entender a lógica da estética de grupos sociais diferentes, já nos anos 1960, Bourdieu (1965) reconhecia que a fotografia, na sociedade francesa, registrava “momentos excepcionais” para esse fim. E Martins (2006, p. 2) diz que “O interesse sociológico reside no fato de que a fotografia engendra um esquema de percepções, de pensamentos e apreciações que diz respeito ao grupo social”.

A fotografia enviada pelos artesãos e artesãs tem a finalidade de enriquecer essa análise e percepção que há sobre seus próprios trabalhos.

Para estudar problemas complexos como a subjetividade, a definição metodológica deve ter um caráter qualitativo e participativo, assim não se limita somente a escolha dos instrumentos de coleta de dados, mas estes dados são recolhidos na perspectiva de compreensão do próprio processo de pesquisa como um caminho subjetivo do pesquisador na construção do conhecimento.

4.1 O CENÁRIO DA PESQUISA

O cenário da pesquisa, diz respeito ao *ethos*, esse complexo de normas e valores situados para o trabalhador, assim se considera fundamental para o pesquisador identificar historicamente onde são expressas as normas e prescrições sociais que legitimam o saber fazer e conhecer sobre o artesanato, especificamente situado em Curitiba em uma região denominada “Largo da Ordem”.

A Feira do Largo da Ordem teve sua origem lá pelos anos de 1968, na Praça Zacarias, no centro de Curitiba, conhecida na época como “Feira Popular”, tinha como finalidade promover o artesanato. Inicialmente era uma feira de

“hippies”, com seus artesanatos que, muitas vezes, representavam um símbolo de revolta popular contra governos.

Após migrar por outras praças, como a Tiradentes – o marco zero da cidade de Curitiba – a “Feira *Hippie*” instalou-se no Centro Histórico da capital paranaense, no então conhecido Largo do Rosário, devido à Igreja do Rosário. No final do século XIX o local recebe o nome de Praça Faria Sobrinho e, em 1946, torna-se Praça Garibaldi. Conhecida popularmente, nos dias atuais, como “Praça do Cavalo Babão”, devido a um chafariz que possui uma escultura em forma de cabeça de cavalo que jorra água por sua boca.

Desde então a “Feirinha do Largo” ganhou endereço fixo, atraindo um grande número de turistas e moradores da capital e região metropolitana, todos os domingos. Expandindo-se a cada ano, mas com controle rigoroso realizado pelo Instituto Municipal de Turismo, a feira ganha novos artesãos e novos artesanatos que, segundo os próprios artesãos e artesãs, encantam seus frequentadores.

Agora, em 2019, a feira ocupa um espaço privilegiado no centro da cidade de Curitiba. Localizada no famoso Largo da Ordem, cujo nome verdadeiro, desde 1917 é Largo Coronel Enéas, em homenagem ao Coronel Benedito Enéas de Paula, mas que devido à igreja da Ordem Terceira de São Francisco, construída em 1737, e por ter sido uma região de intenso comércio durante os séculos XVIII, XIX e início do século XX, passou a ser chamado, popularmente, como Largo da Ordem.

A feira é composta por 1.300 barracas de diversos seguimentos, na realidade, nesta pesquisa, o termo “barraca” refere-se a qualquer espaço destinado ao comércio de arte e artesanato da feira, podendo ser a “barraca” do artesão que trabalha com a madeira e possui uma armação de ferro coberta e cercada por uma espécie de lona que o protege, parcialmente, do sol e da chuva, como o espaço utilizado pelo artesão pintor de quadros que expõem suas obras em cavaletes montados a céu aberto.

Para fins de fiscalização, a prefeitura divide a feira em blocos com a função de organizar e manter o espaço público funcionando. Como é um espaço que recebe mais de vinte mil pessoas a cada domingo, o desejo de fazer parte desta feira é presente em muitos artesãos que ainda não conquistaram seu espaço. E como a espera para entrar nessa feira é grande, algumas pessoas tentam burlar o sistema e expõem, de forma ilegal, os seus trabalhos.

Ao caminhar pela feira, o turista, seja local ou de outras partes do país, depara-se com um universo de cores, sabores, texturas e sons que encantam a todos. Com um olhar mais atento pode-se observar, em cada barraca, as mãos habilidosas do artesão dando continuidade à sua obra enquanto espera o próximo cliente.

As primeiras barracas surgem no encontro das ruas Barão do Serro Azul com a Travessa Nestor de Castro, próximo à Catedral de Curitiba, na Praça Tiradentes. Se o turista der início à sua caminhada pela feira no encontro destas ruas e for em direção ao encontro da Rua Kellers com Alameda Júlia da Costa, ponto final da feira (atualmente, pois está sempre em expansão), ele observará que a feira tem ramificações em todas as ruas que a cruzam, como a Mateus Leme e a Alameda Dr. Muricy.

FIGURA 1 – VISTA AÉREA DA FEIRA



Fonte: CURTA CURITIBA, 2017.

Quanto à segurança, o turista caminha despreocupado, pois a presença de fiscais da prefeitura e da Guarda Municipal passa a sensação de tranquilidade. Mas, pela calma ao caminhar, dos guardas municipais, com seus passos lentos e suas mãos às costas, conversando sobre, sabe-se lá o quê, o turista pode ter a impressão de que são apenas mais uns dos personagens que podem ser encontrados todos os domingos na Feira do Largo.

E quando a caminhada pela feira despertar a fome ou a sede, o olfato fará seu papel direcionando a visão para as inúmeras barracas de alimentação, como a comida baiana, a tapioca, os biscoitos, os pães caseiros e geleias, doces, salgados, tortas e o tradicional pastel de feira com caldo de cana.

Um lugar para se perder e não se preocupar. Um lugar para se esquecer dos problemas e descobrir um mundo de artes, diversão e encanto. Se o turista parasse apenas cinco minutos em cada barraca, para apreciar o artesanato e gastar “um dedo de prosa” com o artesão e considerando que a feira funciona das nove horas da manhã às catorze horas, ele demoraria vinte e dois domingos para poder ver, sem muita demora, todo artesanato disponibilizado, isso sem levar em consideração os artistas e artesãos que se misturam, nesse mar de criatividade, ocupando o espaço da feira, sem autorização legal da prefeitura.

4.2 QUEM FAZ A FEIRA E COMO A FEIRA SE FAZ

No que se refere à realização e organização de feiras livres, Lima e Sampaio (2009, p. 7) escrevem que as “feiras livres atravessaram os tempos, adaptando-se a cada sociedade, tipos de economia, sobrevivendo a entraves com o poderio centralizador, limitações para sua efetividade, entre outros”. As feiras existem como espaços onde os indivíduos se relacionam. No sentido primeiro, a feira era um espaço de troca de produtos e mercadorias que constituíam basicamente em alimentos e que garantiam a subsistência dos indivíduos.

Segundo Marx e Engels (1974, p. 19):

[...] podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX; ENGELS 1974, p. 19)

Essa produção pode ser vista e percebida, de forma contundente, na Feira do Largo da Ordem e nas mãos de seus artesãos.

A profissão de artesão, apesar de ser conhecida e reconhecida ao longo da história da humanidade, apenas em 2010 teve um projeto de lei (PL nº 7.755/2010)

propondo seu reconhecimento oficial como profissão e, em outubro de 2015 transformou-se na Lei nº 13.180/2015.

A lei faz uso de apenas um artigo e um parágrafo para definir quem é o artesão:

Art. 1º. Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada.

Parágrafo único. A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto. (Lei nº 13.180/2015).

Como a própria lei diz, “A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual”. Observa-se que nem todos os produtos comercializados na Feira do Largo são de origem artesanal. Segundo relatos dos próprios artesãos, diversos “barraqueiros” vendem produtos do “industriano”, como sendo artesanato puro. Mas, conforme dito por artesãos com mais tempo de feira, são pessoas que estão lá desde o início e, quando a feira começou, tudo era permitido, portanto, os artesãos mais antigos têm o “direito adquirido” de livre comércio.

Do biscoito originado com receita familiar da Grécia, passando pelos fantoches de dedos (“dedoches”), que atraem adultos e crianças e, abusando da criatividade desenvolvida, por alguns, já com mais de oitenta anos de vida, os artesãos se apresentam a cada domingo com trabalhos inovadores, criatividade impensadas e histórias de vida.

Histórias de vida. Histórias de arte. Histórias de famílias. Histórias que fazem rir e chorar. Histórias que fazem a feira ser o que é e que poucos turistas têm tempo para ouvir, mas quando se percebe que naquelas barracas se tem muito mais que artesanato, não se leva apenas produtos, identificados com um preço e sim pedaços de histórias de vida, sonhos e realizações envoltos em valores incalculáveis.

Ao passear pela feira, aos domingos, e observar o mosaico de cores, sotaques de diferentes regiões do Brasil e do mundo, as habilidades ali apresentadas em suas obras, não é possível imaginar os bastidores desse espetáculo cultural. A espera por uma vaga nessa feira pode levar anos, conforme diversos relatos coletados nas entrevistas realizadas com os artesãos e, após

conseguir o espaço tão desejado, é preciso preservá-lo e constantemente inovar na produção para atrair e cativar o cliente. Essa inovação e produção acontecem durante todos os dias da semana em seus “*ateliers*”, onde a criatividade é parceira constante.

Buscar matéria-prima, pesquisar tendências, criar com base em sugestões ouvidas dos turistas durante a feira, atender pedidos, que devem ser feitos e despachados para a casa do cliente ou levados no próximo domingo para ser retirado em sua barraca pelo solicitante, cortar, colar, pintar, desenhar, criar, desenvolver, observar, esculpir, são alguns dos verbos presentes no cotidiano do artesão que trabalha apenas um dia na semana – o domingo – conforme visão de algumas pessoas que passam pela feira.

A feira se faz de sonhos e criatividade; de imaginação e realidade; da transformação da matéria bruta em arte e delicadeza e, principalmente, da paixão do artesão por sua arte. Essa paixão alimenta a feira e a feira – com sua diversidade cultural, artística e humana – alimenta o artesão.

Essa dinâmica de criatividade, produção, vendas e a atração que a feira exerce sobre turistas e moradores, contribuíram para que no dia 26 de abril de 2018, os membros do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural (CMPC) aprovassem o registro da “Feira do Largo da Ordem” como “Patrimônio Imaterial de Curitiba” devido ao seu importante papel para o turismo e o lazer da capital paranaense.

O que não se pode esquecer é que a feira, apesar de toda a magia que a cerca, é um empreendimento com regras e normas determinadas por pessoas que não são artesãos, mas que são responsáveis pela organização e, de certa forma, por garantir a diversidade e originalidade da feira. O controle, a liberação de autorização para o comércio e a fiscalização aos domingos é de responsabilidade da Prefeitura de Curitiba, através do Instituto Municipal de Turismo.

Para conseguir uma barraca, nesse espaço gigante de diversidade cultural, o caminho nem sempre é fácil. Tudo depende do produto que o artesão pretende expor, da sua originalidade e qualidade. É necessário apresentar alguns modelos do que se pretende oferecer ao público. Explicar seu feito. Passar um processo de avaliação. Aguardar o retorno do órgão responsável. E, se for aprovado, aguardar. Há uma fila de espera, e esse tempo de aguardo pode levar meses e até anos, isso faz com que algumas pessoas desistam e outras tentem burlar o sistema,

expondo seus produtos sem autorização e arriscando perder toda sua mercadoria, caso seja pego em flagrante por um dos fiscais que circulam pela feira.

Mas, mesmo com um longo tempo de espera, sempre há novas pessoas expondo suas artes e desta forma a feira se renova, se reinventa e continua encantando, pois a feira só existe porque existem pessoas que a fazem. Pessoas apaixonadas por seu trabalho, desempregadas tentando sobreviver, herdeiras de um legado que encanta, gente que quer encontrar a liberdade de expressão, que não quer ter patrão, sonhadores e turistas, enfim, uma feira feita por vidas que carregam histórias e esperanças.

A mistura de sotaques que se houve denuncia a pluralidade cultural deste local. Malabaristas e artistas das mais variadas possibilidades disputam espaço e a atenção de quem passa. Cantores improvisam seu repertório para agradar os amantes da música. Pintores de caricaturas divertem os que buscam uma lembrança personalizada. Mágicos tentam conquistar as crianças para que os pais possam abrir o coração e a carteira, afinal, ali também é o lugar de se ganhar o sustento para a vida. E quando menos se espera, o turista pode cruzar com um grupo do movimento *Hare Krishna* com sua animada cantoria. E como é um lugar plural, é possível ser abordado por grupos que defendem alguma causa humanitária ou por descontentes com alguma situação social ou política. Um olhar mais atento identifica, em um canto qualquer, um casal de cegos com seu violão e suas vozes desafinadas, mas marcantes, cantarolando e contando com a bondade dos passantes para uma doação.

4.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE COLETA DE DADOS

Dentro dos procedimentos metodológicos foi realizado o encaminhamento do projeto para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal Do Paraná (CEP/UTFPR). Após a sua aprovação, conforme o Parecer CEP/UTFPR nº 3.062.684, foi iniciado o processo de contato com os possíveis participantes da pesquisa em questão.

O convite para participar da entrevista foi realizado na própria feira de Arte e Artesanato Garibaldi, a Feira do Largo da Ordem, pelo pesquisador. Este procedimento foi realizado da seguinte forma: um primeiro contato de

apresentação informal que buscava a proximidade entre pesquisador e entrevistado. Após o primeiro contato, no mesmo dia, àqueles que foram receptivos à pesquisa, foi esclarecido o teor do projeto e sua finalidade por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1).

Aproximadamente setenta artesãos foram abordados em três domingos, durante a permanência do pesquisador na feira de três horas por domingo. O pesquisador tomou o cuidado de chegar cedo antes do horário da abertura oficial da feira para não causar inconvenientes. Obteve neste período de coleta de dados – dias 09, 16 e 23 de dezembro de 2018 –, quinze aceites de participação.

A recusa da participação se deveu aos seguintes motivos: alguns alegaram falta de tempo, outros, timidez e ocorreu até mesmo uma suspeita de que o entrevistador era alguém da prefeitura investigando o trabalho realizado por eles. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo seu caráter construtivo-interpretativo, dialógico e pela sua atenção ao estudo dos casos singulares” (GONZÁLEZ REY, 2001, p. 4).

Destes quinze participantes na pesquisa quatro artesãos agendaram a entrevista já na semana seguinte, o pesquisador se dirigiu ao ateliê no dia e horário programado e não foi recebido pelo artesão. Ao enviar mensagem consultando o porquê da não participação o pesquisador foi informado de que não havia mais interesse.

Cinco participantes preferiram realizar a entrevista na própria feira e determinaram que deveria acontecer bem cedo, antes do início do movimento de clientes. Os demais solicitaram que o entrevistador fosse até seus locais de produção. Com isso criou-se um cronograma de entrevistas agendadas que totalizou onze participantes, uma vez que a proposta inicial era de atingir doze. Durante as entrevistas realizadas na própria feira, outros quatro artesãos foram convidados e aceitaram participar, estes também optaram por entrevistas em seus ateliers. Um fato interessante foi que, durante uma entrevista realizada na feira, um vizinho de barraca do entrevistado ficou curioso com o que acontecia e quis saber do que se tratava. Após inteirar-se do assunto perguntou ao pesquisador se poderia participar. Por este motivo, as entrevistas que originalmente deveriam ser doze, totalizaram treze, sendo sete artesãs e seis artesãos.

A entrevista com cada um dos participantes teve duração entre 5 e 27 minutos, conforme desenvoltura e interesse do entrevistado. Foi gravada no celular

do entrevistador e, posteriormente, transcrita. Estas entrevistas foram realizadas com artesãos convidados em função dos segmentos de artesanatos desenvolvidos conforme o tipo de material utilizado para determinar os tipos de tecnologias envolvidas nos processos produtivos. Para esse fim tomou-se o cuidado de observar os materiais que se utilizavam nas confecções do artesanato, como madeira, argila, sementes, pedraria, tecido entre outros, para evitar a repetição de materiais e poder observar se a mesma tecnologia era utilizada em artesanatos com matérias-primas diferentes.

Esse projeto foi desenvolvido com a realização de entrevistas que tinham o propósito de identificar a história do artesão, o sentido do trabalho para o artesão, a influência da tecnologia na sua produção e o seu planejamento de futuro. Para complementar a coleta de dados, no sentido de compreender o processo de produção e/ou serviços realizados e o produto, foi solicitado ao artesão que este encaminhasse, via aplicativo WhatsApp[®], três imagens que identificassem seu processo produtivo demonstrando um pouco do seu trabalho diário.

A introdução da fotografia trouxe elementos novos para a pesquisa, houve uma disparidade na entrega das imagens. Enquanto uma artesã encaminhou apenas duas imagens, outro artesão enviou dezoito, cabe ressaltar que a fotografia tem o papel de registrar e documentar determinada ocorrência, ou seja, possui a mesma função que as filmagens nos dias de hoje (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Cada artesão(ã), caso não possuísse máquina fotográfica ou celular, enfim os meios necessários para o registro de imagens, receberia o apoio necessário para tal fim, situação que não ocorreu, pois todos possuíam a tecnologia necessária para o registro solicitado.

O recebimento das imagens que ilustram o processo de trabalho ocorreu sem nenhum transtorno, a maioria dos participantes encaminhou as fotos selecionadas dentro de uma semana, sendo a fotografia considerada como um elemento valioso na interpretação do processo de trabalho.

4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa são artesãos e artesãs, sendo sete mulheres e seis homens de classes sociais bem distintas. Dentre os participantes da

pesquisa há quem é empresário e ocupa o espaço como hobby, outro o tem como única fonte de renda e há aqueles que uniram a oportunidade com a necessidade. Do artesão(ã) que chega à feira, com sua caminhonete de última geração, para descarregar sua produção semanal e expô-la para venda, ao(a) artesão(ã) que anda quilômetros empurrando um carrinho de mão com seus artesanatos até chegar à sua barraca e ali continuar seu labor. Todos têm em comum o prazer de buscar uma matéria-prima bruta, seja madeira, pedra, resina, tecido ou farinha de trigo e transformá-la em um desejo que se desponta no turista que passa pela feira.

Inicialmente os(as) artesãos(ãs) que participariam das entrevistas seriam os relacionados aos artesanatos desenvolvidos nos seguintes segmentos: vidros; calçados (chinelos); brinquedos; biscuit; alimentos (biscoitos); bordados; moda pet; madeira; areia; lã; feltro; e, acessórios pessoais (bijuterias), esta seleção foi realizada pelo pesquisador, tendo como base de critério de seleção dos participantes na pesquisa as referências que são dadas pelo IMT. Dentro destes determinados segmentos, previamente selecionados pelo pesquisador, os artesãos foram convidados conforme disponibilidade e aceitação em participar da pesquisa.

Alguns artesãos(ãs), apesar de inicialmente terem aceitado fazer parte desta pesquisa, na data combinada para realização, não compareceram ou negaram-se a dar continuidade. Para González Rey (2002) o sujeito pesquisado muitas vezes não está preparado para expressar-se em função de diferentes momentos que vive no desenvolvimento da pesquisa. Assim, desta forma, novos convites foram realizados até o fechamento da quantidade de participantes proposta inicialmente, que era de doze participantes. Isso levou a uma pequena alteração dos tipos de materiais utilizados pelos artesãos, mas houve o cuidado de diferenciá-los pelo tipo de produção e matéria-prima utilizada, buscando com isso identificar os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção.

Após a coleta de dados, os entrevistados foram identificados com apelidos, como: El Grego, Dedoches, Professora e assim por diante a fim buscar preservar o anonimato dos mesmos, no entanto, todos os participantes permitiram, se necessário, ter seu nome ou suas imagens vinculadas à pesquisa, favorecendo a construção de conhecimento sobre o seu fazer.

O pesquisador no exercício de sua atividade deve buscar garantir a realização do objetivo de sua procura de saber incluindo nisto a honestidade

intelectual e o desinteresse pessoal em função da busca da verdade. Neste caso gerar conhecimento sobre quem é o(a) artesão(ã) da Feira do Largo da Ordem implica em retratar os sujeitos em sua atividade em seu processo de trabalho, no entanto todo cuidado ético na condução da pesquisa foi tomado no sentido de que quem selecionou as imagens foram os próprios participantes e não o pesquisador. Assim os próprios participantes expressam os materiais e instrumentos utilizados nas técnicas de seu processo de trabalho, elemento imprescindível para a manutenção da relação entre pesquisador e pesquisado, conforme orienta González Rey (2002).

O Quadro 1 apresenta o segmento do(a) artesão(ã), o tempo de duração da entrevista, sua idade e sexo e tempo de feira.

QUADRO 1 – ENTREVISTADOS E SEGMENTOS

Entrevistado	Segmento	Duração da 1ª entrevista (minutos)	Idade da(o) artesã(o) (anos) e sexo	Tempo de Feira (anos)
1 El Grego	Alimentação	05:19	54 – M	10
2 Dedoches	Entretenimento	07:36	61 – F	11
3 Professora	Costura em tecido	07:21	63 – F	3
4 Livrinho	Educação lúdica	09:49	46 – F	3
5 Vovó	Patchwork	25:27	80 – F	23
6 Biju	Bijuterias	11:49	57 – F	20
7 Feltrinha	Decoração	20:49	48 – F	3
8 Magia	Resina	06:47	49 – F	10
9 Cascata	Fontes	21:57	59 – M	12
10 Pintor	Pintura em tecido	05:42	61 – M	39
11 Natureza	Sementes	27:15	38 – M	12
12 Jardim	Jardinagem	16:07	39 – M	3

Entrevistado	Segmento	Duração da 1ª entrevista (minutos)	Idade da(o) artesã(o) (anos) e sexo	Tempo de Feira (anos)
13 Lojinha	Madeira	16:53	37 – M	18

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados da pesquisa.

Pode-se observar no Quadro 1 a representação de artesão(ã) de cada segmento proposto nesta pesquisa, muito embora existam mais de 40 segmentos, por exemplo: trabalho com pinturas, com areia, material reciclável e plástico. O processo de selecionar artesãos e artesãs por seguimentos e utilização de matérias-primas diferentes foi pelo interesse do pesquisador em realizar uma ampla representação dos tipos de trabalho realizados na feira. Todos os(as) entrevistados(as) são pessoas acima dos 37 anos de idade e o tempo de feira em média de 13 anos se estende de 3 a 39 anos. A grande variação no tempo de entrevista se deve às características subjetivas das pessoas que foram entrevistadas, uma vez que o pesquisador buscou deixá-las bem à vontade e não forçá-las ou induzi-las às respostas, esta interação conforme González Rey (2005) permitiu construir “zonas de inteligibilidade” para a construção teórica da pesquisa. Tudo ocorreu no tempo e no ritmo do(a) entrevistado(a), desse modo o processo de comunicação estabelecido entre pesquisador e participante, constituiu-se como um fator facilitador do estudo e elemento fundamental para a qualidade da informação produzida na pesquisa.

5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de análise dos dados adotado nesta pesquisa, tanto para as entrevistas quanto para as fotografias, é a análise de conteúdo. Conforme nos apresenta Bardin (2011), o termo análise de conteúdo pode ser entendido como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens [...] que permitam a inferência de conhecimentos relativos [...] destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

A sua seleção e elaboração são meras formas de levar em conta os pressupostos da pesquisa qualitativa, em constante processo de reflexão sobre a necessidade de apreender a realidade do artesão e da artesã. Segundo Bauer e Gaskell (2008, p. 191), a análise de conteúdo:

[...] reduz a complexidade de uma coleção de textos. A classificação sistemática e a contagem de unidades do texto destilam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características. (BAUER; GASKELL, 2008, p. 191).

A análise de conteúdo – técnica que será empregada neste estudo – consiste em um conjunto de técnicas de análise de comunicação que se utiliza de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens para obtenção de indicadores quantitativos ou não, de modo que permitam a inferência de conhecimentos inerentes às condições de produção/recepção de variáveis inferidas das mensagens. (BARDIN, 2006).

A redução da complexidade dos textos se dará com a eliminação de redundâncias e textos prolixos que não venham a colaborar com o objetivo da pesquisa, desta forma busca-se apresentar um texto que aponte as percepções dos artesãos e artesãs de forma geral e abrangente, destacando os principais pontos relacionados às suas histórias de vida, ao sentido de seu trabalho, à influência da tecnologia em seus trabalhos e às suas expectativas de futuro como profissionais do artesanato.

Os dados coletados pelas fotografias também foram utilizados para análise e reflexão acerca do material coletado, compreendendo que através da imagem o pesquisador pode evocar memórias de pessoas que uma entrevista não

conseguiria de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente, ou pode acessar importantes memórias passivas, mais que memórias ativas, presentes. (BAUER; GASKELL, 2008). O uso de imagens, como as fotografias sempre produzem reações mais fortes que as instruções puramente verbais (BAUER; GASKELL, 2008). No entanto, segundo os autores, deve ser empregado com cautela, assim as imagens foram selecionadas pelos(as) próprios(as) artesãos(ãs) na intencionalidade de demonstrar, a partir de sua expressão subjetiva, como o participante percebe elementos fundamentais do seu processo de trabalho culminando em seu produto.

Tomando todos os procedimentos de transcrição, leitura e síntese das entrevistas para a análise do conteúdo as fotografias também foram submetidas a uma recepção, uma vez que a seleção das imagens capazes de representar o processo produtivo foi organizada pelos(as) próprios(as) artesãos(ãs). Importa salientar que as fotos recebidas foram observadas e selecionadas em função de sua imagem apresentar o saber e o fazer do(a) artesão(ã), a sua interpretação serve para ilustrar as categorias de análise que se relacionam com o processo produtivo. Uma vez que segundo González Rey (2005), presente em todo tipo de comportamento ou expressão humana, a organização subjetiva é para o pesquisador um campo considerado complexo, uma vez que cada ser é único, impossibilitando a geração de um conhecimento que seja caracterizado como universal. O uso das fotografias teve o objetivo de evidenciar a relação entre aspectos da vida da pessoa e aspectos do trabalho, evidenciando ações realizadas para tornar mais compreensivo o processo de análise. Ainda assim, deve-se afirmar que em um estudo qualitativo, cabe ao pesquisador a responsabilidade de estar atento à própria criatividade, à flexibilidade e à capacidade de perceber a subjetividade individual e social no sujeito da pesquisa, na forma como ele se expressa, uma vez que o sujeito representa neste momento um núcleo gerador de pensamento que o torna inseparável da pesquisa.

6 ANÁLISES DOS DADOS DAS ENTREVISTAS E FOTOS

Uma vez que se trata de dados qualitativos e, portanto, dados não estruturados, após a transcrição integral das entrevistas (Apêndice 2), foram realizadas várias leituras sistemáticas sobre elas. Neste sentido a análise qualitativa de dados se caracteriza por ser um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiana dos sujeitos, estando baseada nos pressupostos da pesquisa qualitativa evidenciados em González Rey (2002).

Sendo as respostas agrupadas em torno de três categorias de análise: (i) sentido do trabalho; (ii) influência da tecnologia; e, (iii) planejamento de futuro; assim o conteúdo obtido nas entrevistas ao mesmo tempo em que garante a adequação do roteiro da entrevista semiestruturada permite articular a análise ao universo de vida dos sujeitos. De forma a possibilitar uma leitura do contexto geral que releva uma subjetividade social dos(as) artesão(ãs) e detém-se no conteúdo expresso do discurso subjetivo integrando as leituras às categorias apresentadas pelos entrevistados. Assim construiu-se um quadro sintético dos valores atribuídos pelos(as) artesãos(ãs) que expressam os sentidos do trabalho, a influência da tecnologia e o seu planejamento de futuro.

QUADRO 2 – ENTREVISTADOS E AS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Entrevistado	Segmento	Sentido do trabalho	Influência da Tecnologia	Planejamento de Futuro
1 El Grego	Alimentação	A descendência, tradição familiar e a insatisfação com a formação escolar.	A tecnologia é artesanal. Usa uma batedeira e um forno.	Investir em equipamentos e pensar na aposentadoria.
2 Dedoches	Entretenimento	Expressão profissional. Gratificação. Diversão.	Usa muito a internet e fotocopiadoras, mas o recorte e as carinhas são artesanais.	Está em processo de aposentadoria, mas não quer deixar a feira. Tem imóveis alugados.

Entrevistado	Segmento	Sentido do trabalho	Influência da Tecnologia	Planejamento de Futuro
3 Professora	Costura em tecido	Influência familiar. Prazer em ensinar outras pessoas.	A tecnologia é artesanal, todo corte e costura é manual.	Já é aposentada, mas gostaria que houvesse continuidade em sua barraca e artesanato, mas os filhos não se interessam.
4 Livrinho	Educação lúdica	Influência familiar. Terapia. Passar de geração em geração. Hobby. Paixão.	Usa diversos programas de desenho, máquina de costura, impressora, máquinas de corte.	Voltar a trabalhar em seu antigo emprego como engenheira cartógrafa por cinco anos e depois retornar à feira.
5 Vovó	Patchwork	Prazer. Hobby.	Cortadores circulares, máquinas de costura e bordado. Pranchas. Máquinas eletrônicas. Internet, computador.	Parar com a feira em dois anos, devido à idade (80 anos). Viajar. Continuar no artesanato, mas não de forma comercial, apenas pelo prazer.
6 Biju	Bijuterias	Influência familiar. Dom. Paixão.	Usa ferramentas manuais e computador com internet.	Tornar-se ourives. Comprar maquinários e continuar na feira.
7 Feltrinha	Decoração	Necessidade. Prazer. Se descobrir como pessoa capaz. Criatividade. Paixão.	Computador com internet para vendas e máquina de costura. Tesouras e agulhas.	Não pretende parar, quer continuar na feira 'enquanto aguentar'.
8 Magia	Resina	Influência familiar. Terapia. Faz parte de sua vida, é a sua vida. Aprendizado.	Computador com internet para pesquisas. Máquina de costura.	Não pensa no futuro. Vive um dia de cada vez. Preocupa-se com o futuro dos filhos, mas não com o seu próprio.

Entrevistado	Segmento	Sentido do trabalho	Influência da Tecnologia	Planejamento de Futuro
9 Cascata	Fontes	Tradição familiar e influência da irmã. Criatividade. Inovação.	Utiliza computador com internet. Furadeiras manual e de pressão. Máquina de furar cerâmica. Lixadeira. Serra tico-tico.	Só vai parar quando não aguentar mais. Quer comprar mais equipamentos para facilitar o trabalho. Montar um site para vendas. Se aposentar, mas não parar. Inovar nos materiais e na tecnologia.
10 Pintor	Pintura em tecido	Sustento familiar. Influência familiar. Felicidade.	Tecnologia artesanal. Pincéis e tintas.	Sem planejamento. Enquanto aguentar ir para a feira estará lá.
11 Natureza	Sementes	Paixão. Sentido para a vida. Extensão de sua formação.	Usa três furadeiras alemãs de chicote, um pirógrafo e computador.	Abrir um espaço para juntar vários artesãos. Participar de mais feiras. Não se vê trabalhando de empregado pra ninguém, mas não gosta muito de pensar no futuro.
12 Jardim	Jardinagem	Paixão. Empreendedor nato. Aprendizagem. Desenvolvimento. Realização pessoal.	Usa apenas celular – redes sociais. Todo trabalho é manual.	Abrir uma floricultura para trabalhar apenas com miniaturas. Continuar na feira e sendo jardineiro.
13 Lojinha	Madeira	Tradição familiar. Continuar a tradição e o legado do pai. Conquista financeira. Criatividade. Crescimento profissional e financeiro. Inovação.	Usa corte à laser. Equipamentos de impressão. Muitas máquinas de marcenaria. “Plotters”. Computador e programas de desenhos técnicos.	Abrir mais lojas em pontos turísticos. Parar com a feira.

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados da pesquisa.

6.1 ANÁLISES DO COLETIVO

Pesquisar o sujeito que produz seu artesanato, a partir de sua criatividade, supõe-se observá-lo em sua subjetividade, mas não se pode esquecer que o coletivo é que faz a feira e, desta forma, se faz presente a permanente relação com a subjetividade social dos espaços frequentados pelos(as) artesãos(ãs).

Essa relação social e sua interferência no individual e, conseqüentemente no coletivo, pode ser entendida pela seguinte definição de categoria de subjetividade social:

La subjetividad social es la forma en que se integran sentidos subjetivos y configuraciones de diferentes espacios sociales, formando un verdadero sistema en el cual lo que ocurre en cada espacio social concreto, como familia, escuela, grupo informal, etc. está alimentado por producciones subjetivas de otros espacios sociales. (GONZÁLEZ REY, 2008, p. 234).

Conhecer a relação entre os indivíduos e os espaços por eles frequentados é importante na análise da subjetividade, A interação entre o(a) artesão(ã) e seus pares tem reflexo em seus trabalhos, pois como diz González Rey (2003):

Essa concepção da organização subjetiva das influências sociais permite superar a dicotomia do social e do individual de forma definitiva, pois nenhuma influência social concreta ou comportamento pontual do sujeito podem ser analisados isoladamente, como um determinante gerado fora da condição subjetiva do próprio sujeito, na qual se sintetizam os sentidos sociais ao largo de sua história individual. Assim, todo comportamento concreto do sujeito em determinado espaço social é inseparável dos sentidos procedentes de outros espaços sociais, os quais se organizam no plano subjetivo nas configurações da personalidade do sujeito concreto. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 196).

Observa-se no Quadro 2 que dos treze artesãos e artesãs entrevistados(as), quando questionados(as) sobre **o sentido do trabalho**, oito (62%), tem a família e a tradição familiar como ponto de origem do seu interesse pelo artesanato. Percebe-se a força familiar e o desejo de dar continuidade a uma cultura tradicional presente nas atividades realizadas. Deste modo, em sua condição social o sujeito é parte de um sistema de relações constitutivas de significação o que para González Rey (2002) caracteriza a subjetividade social. A admiração pelo que seus antepassados construíram e a possibilidade da preservação, continuidade e, até mesmo, melhorias no que se faz, aparece nas

falas dos entrevistados(as), como na síntese deste relato: *“Tradição familiar. Continuar a tradição e o legado do pai. Conquista financeira. Criatividade. Crescimento profissional e financeiro. Inovação.”* (E13).

Não é só o sentido que está além da palavra. O sentido não é o elemento final dessa cadeia. Além da palavra estão as expressões dos objetivos e os motivos. Além da palavra estão os afetos e as emoções. (VLASOVA, 1987, p. 369).

Deste modo, o sentido do trabalho para o artesão está relacionado com a sua existência social, em um jogo de comunicações e relações sociais de afetos e de emoções que se expressam como motivos. Os sentidos do trabalho caracterizam a configuração subjetiva do aprender o artesanato, de definir valores do trabalho manual, e de se expressar objetivamente através de seu trabalho criativo.

No quesito **influência da tecnologia**, nove (70%) entre os treze artesãos e artesãs entrevistados(as), destacam o uso de algum aparato tecnológico em seu labor, mas frisam que são tecnologias de apoio, pois o processo manual é uma técnica predominante no desenvolvimento de seus artesanatos. A percepção de que tecnologia pode descaracterizar o seu artesanato e levá-lo a ser percebido como “industrializado”, faz com que os entrevistados(as) sejam cautelosos e, em algumas vezes, se percam em justificativas do porquê estarem utilizando essa ou aquela tecnologia. Nota-se que as ferramentas manuais mais comuns ou rudimentares, como martelo, formão, agulhas ou pincéis, são considerados tecnologia artesanal ou nem são vistos como tecnologia pelos artesãos e artesãs.

Esta imagem convencional, segundo a qual a tecnologia teria sempre como resultado produtos industriais de natureza material, manifesta-se nos artefatos tecnológicos considerados como máquinas, em cuja elaboração tenham sido seguidas regras fixas ligadas às leis das ciências físico-químicas. (BAZZO, 2003, p. 39).

Uma frase tirada de uma das entrevistas sintetiza esse pensamento e demonstra a contradição expressa no discurso *“máquinas ajudam, mas é tudo manual”*:

“É, não tem muita tecnologia porque, por exemplo, surgem máquinas novas, né? E..., e, assim a gente trabalha com artesanato ‘mais’ as

máquinas ajudam muito. Mas eu na realidade, o meu é tudo, tudo produzido manual, sem máquina mesmo, né?” (E3).

O artesão parece atuar como protagonista de sua atividade, delimitando a escolha de seus aparatos técnicos e evitando a tecnologia como um trabalho que não esteja determinado pelo modo de produção capitalista, alguém que se vale da liberdade de escolher o seu ofício de acordo com os valores e costumes de sua própria comunidade. No ofício do artesão se encontra um modo particular da qualidade do trabalho que garanta a originalidade do seu fazer.

O futuro, para o grupo pesquisado, aparece envolto pela continuidade na feira, isso é percebido em dez (77%) dos treze participantes das entrevistas realizadas. A liberdade de escolha do que fazer em seu futuro permite planejamentos, que podem não se concretizar, mas que são elaborados com base nos desejos e necessidades sentidas no presente.

A escolha está atrelada às necessidades e carências do indivíduo. A emoção faz parte desse processo. As necessidades são compostas pelos registros emocionais, gerados em um estado de desejo que mobiliza o indivíduo. O indivíduo significa algo do mundo social que será capaz de satisfazer sua necessidade; a partir desse momento, encontra-se o motivo (externo), vinculado com a necessidade (interna). (DIAS; CORDOVA, 2019, p. 104)

Essa emoção que acompanha o fazer parte da construção de uma sociedade, na qual é sujeito ativo, apresenta-se claramente na entrevista realizada com uma das artesãs (E3), quando ela se reconhece como instrutora e sente-se orgulhosa por ser “dona” do artesanato realizado por terceiros, pois como usam sua técnica, o sentido de pertencimento é indissociável, como ela diz: *“eu não só faço o artesanato, como eu dou aula também de artesanato”* (E3). A alegria de ser reconhecida como artesã capaz de disseminar seus conhecimentos funciona como estímulo para sua caminhada: *“eu fui convidada a ensinar o artesanato em São José dos Campos em São Paulo, [...] lá que o pessoal faz [...] com muita dedicação”* (E3). E, a sua técnica era passada aos seus aprendizes, com isso o trabalho realizado por terceiros ainda era visto como “seu”: *“E, eu ficava alegre porque eu chegava lá eles já estavam produzindo e vendendo meu artesanato”* (E3).

Por mais dificuldades que se possa encontrar na feira, como poucas vendas em determinados domingos, chuvas que atrapalham as negociações,

grande concorrência, devido ao número de “barraqueiros”, o desejo de permanecer na feira é proclamado e marcante nas entrevistas. Uma frase tirada de uma das entrevistas sintetiza esse desejo: *“Enquanto aguentar ir para a feira, estarei lá”* (E3).

Assim o planejamento de futuro revela um desejo de permanência na feira, e na atividade artesanal, o sentido do trabalho está presente no saber fazer do produto e de si mesmo, a maioria das pessoas na feira não se veem realizando outras atividades que não o trabalho. Compreende-se que o(a) artesão(ã) se vale de liberdade de determinar a sua ação criativa com uma escolha de futuro que seja mais autônoma e dotada de sentido, sem que esse trabalho esteja integralmente atado às normalizações e preceitos do trabalho futuro, dentro do mercado capitalista.

6.2 ANÁLISES DA SUBJETIVIDADE INDIVIDUAL

No processo de análise dos dados, foram constatados diversos aspectos do trabalho artesanal que exprimem a subjetividade dos sujeitos da pesquisa, assim são apresentados trechos das entrevistas e as imagens analisadas. Na perspectiva qualitativa a fotografia serve tanto como registro de informação como produção de conhecimento. Assim, esta integração entre trechos da entrevista e as fotos se referem à forma de diálogo entre o mundo objetivo e subjetivo. A presença de fotos nesta pesquisa demanda considerar o mundo subjetivo do sujeito pesquisado que vivência o artesanato e seu processo de trabalho como um conjunto de cenas por ele retratadas.

A subjetividade individual tem dois momentos essenciais que se integram entre si no curso contraditório do seu desenvolvimento: a personalidade e o sujeito, que se exprimem em uma relação na qual um supõe ao outro, sem que isto implique diluir um no outro. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 241).

As fotografias recebidas fazem parte desse contexto para uma melhor interpretação do significado dado ao trabalho, pelos(as) próprios(as) entrevistados(as). O leitor observará que em algumas entrevistas o número de fotografias não condiz com o solicitado inicialmente aos(às) entrevistados(as), que eram três imagens. Alguns encaminharam mais que três e outra entrevistada,

apenas uma imagem. Optou-se por respeitar a percepção do artesão e artesã em relação às imagens que consideraram suficientes para demonstração de seus processos. Pode-se observar que não houve o cuidado de ocultar os rostos das artesãs e dos artesãos, pois, ao serem informados que uma tarja seria colocada para não haver a identificação da pessoa, todos solicitaram que isso não fosse feito, pois gostariam de serem reconhecidos. Solicitação atendida pelo pesquisador.

6.2.1 Entrevistado El Grego

É do sexo masculino, tem 54 anos e trabalha no segmento de alimentação da feira. O seu produto é um biscoito grego. A sua entrevista foi realizada na feira e ele foi muito objetivo em suas respostas, o sentido do trabalho para ele está relacionado com a sua tradição familiar, em vários momentos de sua entrevista ele faz questão de frisar:

“– Eu sou. É da família, é da família. Eu faço... Eu tenho... Eu sou descendente de gregos., né? Tenho descendência grega, e... E são receitas de família, receitas tradicionais de família que a gente foi aprendendo. Eu fui aprendendo e fui... E fui fazendo.” (E1)

Sentido do trabalho – Os valores aprendidos no lar orientam para reproduzir a sua descendência grega que deve ser mantida na família. A insatisfação com a função que exercia no trabalho anteriormente realizado, com base em sua formação escolar, foi um impulso para seu aprendizado e dedicação na tradição familiar de fazer biscoitos gregos. Corroborando o estudo de Enguita (1989) de que o artesão preferiria viver mal da crise de seus ofícios, trabalhando em suas casas, mas mantendo um controle, nem que fosse parcial, e autonomia em relação ao seu trabalho. A tradição familiar fundamenta uma identidade de artesão e, ao mesmo tempo, evidencia valores do trabalho associados à autonomia e liberdade criadora.

Influência da Tecnologia – Longe de grandes aparatos tecnológicos, a utilização de uma simples batedeira caseira e de um forno, garante a qualidade do produto oferecido na feira. Como ele nos informa:

“– A tecnologia é artesanal, né? É artesanal. Até mesmo porque é feito em casa. É um artesanato, então é forno caseiro, é bateadeira caseira”. (E1)

O produto oferecido na feira é o artesanato e como tal para manter as suas características deve estar afastado de um processo industrializado, é possível vislumbrar que o artefato tecnológico representa aqui uma ambivalência entre o sentido do fazer manual e a necessidade de instrumentos para a realização do trabalho do artesão. A credibilidade de seu produto também está no local de trabalho, no fazer em casa, garantindo uma subjetividade e uma identidade de artesão.

Planejamento de Futuro – Com a expectativa subjetiva do sujeito de permanecer na feira, o seu planejamento de futuro está relacionado com o investimento em máquinas que parece inevitável para que artesão garanta o aumento da sua produção. Como ele nos informa:

“Eu amplie e compre extrusoras, as máquinas, torne o trabalho mais, mais, não tão artesanal, né?”

Encontra-se desta maneira um argumento de utilizar mais aparatos tecnológicos para ser permanecer na feira, no entanto, em sua subjetividade se observa as contradições entre dar um sentido manual ao artesanato e conseguir se manter na atividade produtiva com algo talvez como ele diz não tão artesanal. O medo de infringir as regras e valores do que considera como artesanato passa por esta reflexão do lugar secundário da tecnologia do processo produtivo.

A seguir, apresentam-se as fotos selecionadas pelo participante neste estudo, sendo que as fotos descrevem o processo de trabalho do artesão e os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 1 selecionou, em primeiro lugar, o material e o insumo que julga fundamental para o trabalho: a bateadeira, que aparece como o aparato tecnológico privilegiado em seu trabalho e a manteiga como a matéria-prima, que garante a qualidade do seu produto.

FIGURA E1-1 – MÁQUINA DE USO PARA O PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesão E1.

A primeira imagem (Figura E1-1), encaminhada pelo artesão, apresenta o principal aparato tecnológico utilizado no processo produtivo. Uma batedeira caseira com um dos principais ingredientes do biscoito, a manteiga. Para dar sentido ao trabalho artesanal a transformação da matéria-prima e sua seleção é fundamental, escolha que perpassa a grande maioria das representações de fotos utilizadas pelos(as) artesãos(ãs) para demonstrar o seu processo produtivo.

FIGURA E1-2 – O PROCESSO PRODUTIVO



Fonte: Artesão E1.

Na segunda imagem (Figura E1-2) selecionada observa-se o próprio artesão em seu trabalho manual, executando a preparação da massa do biscoito. Aqui podemos observar o uso de um uniforme: a touca, o avental e toda a vestimenta que conformam o seu fazer diário, às técnicas de manuseio da massa e a presença dos instrumentos empregados na produção, em um ambiente onde os utensílios também se encontram ao alcance do produtor. Para todos(as) os(as) artesãos(ãs) o ofício do artesanato tem esta relação direta e imediata com o fazer com as mãos, o poder da imagem dá credibilidade para o discurso do artesão e a materialidade de seu trabalho.

FIGURA E1-3 – O USO DA FORMA PARA O PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesão E1.

Na terceira imagem (Figura E1-4) selecionou a forma (assadeira), outro aparato tecnológico para descrever o seu trabalho no processo de confecção dos biscoitos.

FIGURA E1-4 – O PRODUTO FINAL DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesão E1.

Na quarta e última imagem (Figura E1-4) observa-se o produto pronto, já embalado e etiquetado para a comercialização. Desse modo, o produto já acabado ainda contém um selo na imagem que reflete a imagem que o artesão quer passar, demonstrando a origem artesanal do produto, e a identidade de grego assumida por sua tradição familiar. O produto não está desvinculado de sua história de vida de dez anos trabalhando para manter um processo sempre criativo e inovador, que realiza buscando receitas, compreendendo a melhoria constante do seu produto e a manutenção da qualidade oferecida.

6.2.2 Entrevistada Dedoches

É do sexo feminino, tem 61 anos e trabalha no segmento de entretenimento da feira. O seu produto são “dedoches”, fantoches de dedos que compõem histórias para crianças e adultos. A sua entrevista foi realizada na feira e ela foi muito simpática e receptiva, mas sem rodeios em suas respostas.

Sentido do trabalho – A busca pelo complemento em sua formação profissional, como desenhista. A realização pessoal e a possibilidade de se

expressar através de suas obras faz do trabalho uma diversão e é gratificante. Como ela nos informa:

“– Eu buscava alguma coisa que me completasse como desenhista, pois... Eu tenho curso de desenho técnico pela antiga escola técnica Federal do Paraná. [...] mas a lacuna do trabalho com desenho ficou em aberto. Daí busquei o artesanato”. (E2).

Confirmando a hipótese de Enguita (1989) de que o artesão não quer sujeitar-se aos trabalhos nas fábricas. Apesar de sua formação e da possibilidade de inserção em outro mercado de trabalho, o sentido do trabalho de artesão(ã) representa a manutenção de sua capacidade expressiva e criativa e o fortalecimento de laços sociais.

Influência da Tecnologia – A influência da tecnologia no trabalho do(a) artesão(ã), não é ocultada, é exercida em função do impacto causado pelas mídias na saída e comercialização de seu produto (FEENBERG, 2019). Assim o sentido do trabalho do(a) artesão(ã) revela a busca constante por atualização e tendências faz com que a navegação pelas redes sociais seja parceira em suas criações. Como ela nos informa:

“– A internet me ajuda muito... Então eu utilizo muito a internet. Eu trabalho muito com é, Xerox, porque, às vezes, eu preciso fazer ampliações e reduções. [...] Mas o momento de ‘dar vida’ aos personagens é totalmente manual. [...] Os recortes... É um processo, cem por cento manual. Cem por cento manual. Inclusive os olhos, as..., a face dos bichinhos, tem que ser todas elas feitas de forma artesanal.” (E2).

Novamente se observa uma tendência no conteúdo dos discursos dos artesãos uma busca de manutenção da criatividade no processo produtivo.

Corroborando com Feenberg, 2019, para quem a criação técnica envolve uma interação entre a razão e a experiência. É necessário reconhecer **que o elemento da tecnologia é fundamental para esta artesã** no sentido de funcionar como um instrumento que se relaciona com o mundo social, e que influencia o seu trabalho de artesão bem como a comercialização de seus produtos.

Planejamento de Futuro – Pensar no futuro é rotina na vida desta artesã. Sempre que pode, buscou direcionar seus ganhos para aplicações em imóveis, que lhe garantem uma renda. O seu planejamento de futuro através do não trabalho, ou da percepção de que o trabalho artesanal possa ser comparado, mas

o *hobby*, que lhe dá prazer e alegria aos domingos, pretende não abandonar tão cedo. Como ela nos informa: “– *Pretendo continuar na feira até onde eu conseguir, porque eu gosto da feira*”. Para ela a feira é um lugar que transpira vida e onde os problemas diários são esquecidos, como na fala de Machado e Mocelin (2018, p. 97) “É preciso vencer ideologias arraigadas e construir utopias diárias onde o SER HUMANO aproveite cada momento de sua vida em plenitude”.

A foto (Figura E2-1) descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número 2 selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho.

FIGURA E2-1 – O INÍCIO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E2.

Na primeira imagem (Figura E2-1), selecionada pela participante, observa-se a presença do computador, como sendo o seu canal de pesquisas e, a tesoura, o seu principal artefato tecnológico para produção. Nota-se o início do seu processo de trabalho, a fase da criação, existe o esboço, à mão livre, do desenho do personagem a ser criado. Neste sentido, corroboramos com Feenberg (2019) de que o desenvolvimento técnico do artesão é moldado pela experiência, mas combina registros da atividade técnica que auxilia e circunda o fazer da artesã.

FIGURA E2-2 – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E2.

A segunda imagem (Figura E2-2), selecionada pela participante, representa o corte do material para dar forma ao personagem desenhado. Conforme Feenberg (2019) esta imagem representa o elemento da atividade que preserva as lições da experiência e costume de trabalho manual do artesanato.

FIGURA E2-3 – A CRIAÇÃO NO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E2.

Já na terceira imagem (Figura E2-3) aparece o personagem idealizado e percebe-se que, os materiais necessários são: caneta, cola e tesoura, seu processo produtivo envolve a destreza manual, além, claro, da habilidade da

desenhista. A identidade da artesã se presentifica sempre pelo verbo trabalhar, é na vida cotidiana que se ritualiza o ser artesão. Neste caso, a subjetividade do trabalhador é retratada no seu local de trabalho, cristalizando objetivamente o seu fazer no produto de seu trabalho.

FIGURA E2-4 – O FINAL DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Foto feita pelo Pesquisador com a Artesã Dedoches na barraca da feira.

Por fim, uma imagem (Figura E2-4) selecionada pelo pesquisador a fim de registrar sua presença na feira em frente à barraca da entrevistada, com seu artesanato exposto para venda.

6.2.3 Entrevistada Professora

É do sexo feminino, tem 63 anos e trabalha no segmento de costura em tecidos da feira. O seu produto é o suporte para sacolas, conhecido popularmente como “puxa saco”. A sua entrevista foi realizada na feira em um dia de muito vento, o que atrapalhou um pouco o desenvolvimento, mas como já havíamos tentado um domingo antes realizar a entrevista e devido ao fluxo grande de turistas não foi possível, decidimos não nos deixar intimidar pelo vento.

Sentido do trabalho – A influência familiar está presente no trabalho que desenvolve. O desejo dessa continuidade à tradição herdada é tão grande como a decepção de perceber que o legado pode se perder devido à falta de interesse das

novas gerações familiares. Mas o fato de poder ensinar outras pessoas a desenvolverem artesanato gera a sensação de que seu trabalho não morrerá. Como ela nos informa: “– *eu não só faço o artesanato, como eu dou aula também de artesanato.*” (E3). Mesmo sendo outras pessoas que desenvolvem o artesanato, pelo fato de ter ensinado a técnica, a artesã fica com a sensação de que o produto final é seu, conforme ela nos informa:

“– ensinar o artesanato em São José dos Campos em São Paulo, aí eu, aí então eu vi lá que o pessoal é..., é..., faz mas... é, assim com muita dedicação e..., e, eu ficava alegre porque eu chegava lá eles já estavam produzindo e vendendo meu artesanato.” (E3).

Corroborando com o pensamento de Sapiezinskas (2012) de que não é apenas por empregar uma técnica artesanal, que uma artesã se torna uma artesã, mas por estar inserida num contexto em que o fato de ser artesã tem um significado social dos quais ela compartilha.

É justamente sobre este ponto que devemos realizar a análise, o sentido do trabalho, que ultrapassa a identidade de ser artesã, ou de ser artesão, e alcança a integração com a comunidade de pessoas interessadas em aprender, assim o sentido do trabalho não é só necessidade de sobrevivência material, mas dotar a vida de sentido subjetivo e de significado. A ação do homem no mundo deve enfatizar a sua particularidade de cada pessoa de participar da sociedade do trabalho, do mundo do trabalho e isso só faz sentido quando o homem pode usar o seu potencial criativo e criador para ser ativo na sociedade que pertence, como diz Marx (2004, p. 107):

[...] sou ativo socialmente porque [o sou] enquanto homem. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha própria existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social. (MARX, 2004, p. 107).

Influência da Tecnologia – Como foi aprendido com a mãe, a forma de trabalho manual continua a ser aplicada, mesmo sabendo que a tecnologia poderia tornar mais fácil e rápido o processo de produção. Para Feenberg (2019) o desenvolvimento técnico do artesanato, é conduzido por vezes por caminhos incompatíveis com a influência da tecnologia, mas a técnica também é preservada

por diferentes fenômenos, como os papéis sociais, os gostos locais e os costumes. Conforme ela nos informa:

“– Olha eu gosto de produzir assim... [...] É, não tem muita tecnologia porque, porque por exemplo surgem máquinas novas, né? E..., e, assim a gente trabalha com artesanato mais é... as máquinas ajudam muito. Mas eu na realidade, o meu é tudo, tudo produzido manual, sem máquina mesmo, né? Não modernizei, continuei no ‘sisteminha’ antigo, né? Da, da, da, da confecção. Do corte, tudo sem máquina. Tudo manual mesmo”. (E3).

O sentido de ser artesã é ‘fazer com as mãos’, a representação do que é tecnologia não aparece aqui, no entanto a técnica é a sua tecnologia. O seu modo de saber e de fazer um determinado produto. O conhecimento de seu artesanato é obtido pelo registro subjetivo de algo que se deve fazer de modo manual e o uso da tecnologia poderia representar uma ruptura em seu papel de artesã.

Planejamento de Futuro – Como já está aposentada, seu artesanato é conforme ela nos informa: “– ... *uma distração para a cabeça*” (E3). Gostaria que os filhos dessem continuidade em sua barraca de artesanato, mas os filhos não se interessam.

“Dar uma continuidade no que a gente começou, né? Que senão é... acaba tudo, né? Exatamente. Daí acaba e você vai embora daí os produtos... teu vai pra um e pra outro... a pessoa não sabe como lidar, né? Não sabe como que vai. Eu queria que continuasse...” (E3).

O planejamento de futuro tem a ver com manter a cabeça ocupada, distraída e trabalhando, o sentido do trabalho é um processo de aprendizado longo que tem sua história, mas que subjetivamente é sentido como tendo um final, porque suas emoções revelam a tristeza da não continuidade de seu legado.

A artesã não enviou fotos do processo produtivo, apenas uma imagem com os produtos acabados e organizados para venda já em sua barraca (Figura E3-1). A identificação com a profissão de artesão está revelada na imagem, a importância social de seu trabalho está na rua, na barraca e no produto.

FIGURA E3-1 – O FINAL NO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E3.

Nesta única imagem (Figura E3-1), encaminhada pela artesã, observa-se os produtos finais que são moldados, cortados e costurados manualmente. O fato significativo de ter selecionado somente uma imagem, e uma imagem na qual a artesã está centralizada na barraca, no meio de seus produtos, a alegria em sua expressão transmite a tranquilidade e a satisfação com o que faz, o seu processo produtivo e criativo que, no entanto, não será mantido pelas gerações subsequentes senão pelas pessoas que apreendem o seu saber. O processo de transferência da informação da costura de seu artesanato dá sentido e significado ao seu fazer.

6.2.4 Entrevistada Livrinho

É do sexo feminino, tem 46 anos e trabalha no segmento de educação lúdica da feira. O seu produto são livros infantis em tecido. A entrevista foi realizada em seu atelier, que na verdade é o seu apartamento, onde se respira

artesanato por todas as partes. Da cozinha ao quarto, da sala ao banheiro, o artesanato está presente, seja na decoração ou nos materiais armazenados em prateleiras e por cima das mesas, aguardando serem transformados.

Sentido do trabalho – Pertencente a uma família tradicionalmente de artesãos, não teve muita escolha, conforme explicita: “– *Na verdade eu fui meio forçada a gostar do artesanato*” (E4). Neste caso, entre a subjetividade da trabalhadora, se apresenta no seu relato como uma condição social de transição que perpassa as relações sociais (GONZALEZ REY, 2005). O sentido do trabalho é reproduzir intencionalmente os valores familiares. Funcionou e funciona como uma terapia conforme relata:

“– E, eu era muito ansiosa, com sete anos, lembro até hoje da consulta médica, e... A minha mãe perguntou para o médico se ela podia me ensinar a fazer tricô. E aí comecei, né? Me apaixonei pelo tricô e fui do tricô pra madeira e da madeira pra pintar, e de pintar pra bijuteria. E aí de tecido, vestido, roupa, lençol... Tudo... [hahaha]”. (E4).

O filho, atualmente com oito anos de idade, já aprendeu diversas técnicas de artesanato. É mais uma geração que aprendeu a se apaixonar pelo legado familiar como observa-se em seu relato:

“– Meu filho agora com oito anos, ama fazer coisas com sucata, construir, montar, já pediu pra eu ensinar tricô, já ensinei fazer tricô, já ensinei a fazer tapeçaria”. (E4).

Dentro desta análise novamente se evidencia o aspecto da tradição e do legado familiar, na continuidade do processo produtivo do artesanato. A relação entre as características do artesanato e o contexto social historicamente vivenciado no mundo do trabalho, mantém e perpetua os valores do conhecimento técnico e do saber fazer do artesão.

Influência da Tecnologia – Como sua formação é em Engenharia Cartográfica, pelo antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), a tecnologia é marcante em seu artesanato. Utiliza diversos *softwares* de desenhos técnicos para elaborar seus produtos, ferramentas que utilizava em seu trabalho como engenheira e agora são importantes no seu artesanato, como descreve:

“– Uso tudo [haha]. Eu, por causa do meu trabalho de engenheira, né? Eu trabalhava muito com programas, né? De desenho, de..., de coisa. Então

eu continuo usando todos os meus programas [hahahaha] Faço desenho... É programa técnico, né? [...] Às vezes, digitalizo alguma imagem que eu queira e faço todo o desenho de novo por cima. Então eu uso o computador, uso muito a impressora, uso o... Eu tenho duas máquinas de corte. Uma é digital, outra é manual. E tudo o que puder eu uso". (E4).

Evidencia-se neste conteúdo de sua fala a utilização da tecnologia, pode-se afirmar no trabalho dessa artesã que a técnica é conduzida por caminhos que mantêm a tradição e ao mesmo tempo preservam a experiência familiar, sem, no entanto, o detrimento do uso de aparatos tecnológicos. Novamente, conforme Feenberg (2019) a interação entre a razão e a experiência se manifestam no registro do sentido do trabalho no artesanato.

Planejamento de Futuro – Com uma proposta recebida e já aceita, retornará ao seu trabalho como engenheira, mas por tempo determinado, cinco anos, após esse período pretende retorna ao *hobby* que é sua paixão, conforme explicita:

“– E depois quando voltar vou tentar de novo. Acredito que vou sair daqui por um período determinado. Bem uns cinco anos eu acho [hahaha]. E eu vou voltar porque é isso que eu gosto de fazer”. (E4).

Percebe-se aqui um conflito entre duas carreiras distintas, a de engenheira em uma estatal e a de artesã em uma feira popular, conforme identifica Lima-Dias e Soares (2012) “Existem dois tipos básicos de carreiras trazidas pela dinâmica da globalização: uma carreira externa oferecida pelo mercado de trabalho, objetiva, e uma carreira subjetiva”. A feira e o labor diário, envolvendo a criatividade e a livre expressão em sua arte, demonstram uma carreira subjetiva. Lima-Dias e Soares (2012) explicam que:

[...] na carreira subjetiva, essa possibilidade de construção de uma carreira interna implica em um planejamento também objetivo que é decorrente de possibilidades e impossibilidades de ser alcançada em determinadas condições sociais e econômicas. (LIMA-DIAS; SOARES, 2012, p. 56).

A Figura E4-1 descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número 4 selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho.

FIGURA E4-1 – OS MATERIAIS NO INÍCIO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E4.

A primeira imagem (Figura E4-1), encaminhada pela artesã, apresenta os diversos tipos de tecidos, a tesoura, companheira indispensável para o trabalho e seu pequeno espaço de confecção, sempre organizado, com os materiais necessários à mão. É preciso compreender que o mundo social e a identidade andam juntos, para Feenberg (2019, p. 15) “nas sociedades modernas são ambos fluidos e entrelaçados com a tecnologia”. O grau de dependência do artesanato das tecnologias, no entanto, é muito relativo e, por vezes, encobrem a relação entre a razão e a experiência vivida no processo de trabalho. Com frequência as tecnologias eliminam rapidamente grupos de ofícios que permanecem somente na memória.

FIGURA E4-2 – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E4.

A segunda imagem (Figura E4-2) apresenta os moldes, já cortados, para dar início ao trabalho.

FIGURA E4-3 – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E4.

A terceira imagem (Figura E4-3) representa a parte intermediária do trabalho que é a colagem e costura do livro em tecido. Nesse ponto a historinha a ser contada já está estruturada.

FIGURA E4-4 – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E4.

A quarta imagem (Figura E4-4) demonstra o acabamento, realizado manualmente e com muita atenção aos detalhes. Estes exemplos ilustram o caráter manual, autônomo e criativo do trabalho da artesã, que se situa em uma rede de relações, em que a descoberta do artesanato é também uma descoberta de si mesma.

FIGURA E4-5 – O DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DE TRABALHO



Fonte: Artesã E4.

Na quinta e última imagem encaminhada (Figura E4-5), é apresentado o produto acabado. Livros educativos em tecido. A boneca, também em tecido, acompanha alguns livros, pois faz parte da história criada. A preocupação com o produto e a disciplina técnica envolve e marca a subjetividade da artesã, ela é o que faz.

6.2.5 Entrevistada Vovó

É do sexo feminino, tem 80 anos e trabalha no segmento de patchwork da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir da junção de diversos pedaços de tecidos. A sua entrevista foi realizada em seu atelier, onde se vê artesanato por

todas as partes. Com uma pequena cozinha, para um momento de descanso e um bom café, onde realizamos a entrevista, e duas salas maiores com algumas máquinas de costura e mesas para elaboração das peças, esse ambiente se torna ainda mais acolhedor pela simpatia das entrevistadas (apesar de serem duas amigas sócias no empreendimento, contamos como apenas uma entrevista, pois foi um diálogo a três). Para González Rey (2002) na pesquisa qualitativa o problema se faz complexo porque conduz a zonas de sentido que eram imprevisíveis no começo da pesquisa.

Sentido do trabalho – O prazer de transformar matéria-prima em arte vem desde a sua infância. Paixão pelo que faz, é como define seu interesse pelo artesanato. Sem nenhuma influência familiar, descobriu sua habilidade manual e acreditou em sua capacidade de produzir, comercializar e viver da renda conseguida com seus produtos. Com uma amizade construída ao longo de mais de trinta anos, firmou parceria com outra pessoa e nunca mais se separaram. Sem contrato assinado, sem registro em cartório, sem nenhum meio legal de reconhecimento, apenas a confiança e a paixão em comum pelo que fazem é que as ligou e manteve a amizade e a sociedade sólidas até os dias atuais.

Apresentar seus produtos na feira e receber elogios é gratificante e estimulante. Saber que seu produto está em diversas partes do mundo é um orgulho expresso em suas próprias palavras:

“E mais uma coisa, para enaltecer o nosso produto, as pessoas, várias pessoas passam e falam: ‘— nossa seu produto é o mais lindo da feira’. Mas isso toda... Não passa um mês que as pessoas não elogiam. Pessoas que vem pela primeira vez: ‘— nossa, mas que coisa linda que vocês fazem’. E mais um detalhe, o nosso..., os nossos produtos não, não estão no Brasil todo. Eles estão no mundo todo. As pessoas vêm especialmente lá buscar o nosso jogo pra levar pra fora. Porque não quebra, não pesa, não faz volume na mala, e muitas pessoas, mas muitas mesmo há muitos anos, todas as partes do mundo têm o nosso produto. Isso é muito gratificante”. (E5).

O trabalho faz parte de sua vida, a ocupação ajuda a deixar a cabeça mais leve diante dos infortúnios da vida, como relata:

“E toda vez que eu chego aqui, e começo, e penso numa coisa, vamos fazer assim, vamos bolar isso aqui, e depois quando está pronto a gente olha assim e fala: nossa eu não acredito que nós conseguimos fazer tudo isso aqui. Então isso, pra nós, é muito gratificante. Pra nossa cabeça... A [...] que agora recente... Recente não, mas tem cinco anos que ela

perdeu, perdeu o esposo, já pensou se não tivesse este espaçozinho aqui pra ela... Se ela tivesse que ficar em casa?” (E5).

Percebe-se a dedicação diária pelo que se faz. O cuidado com cada detalhe e a busca pela beleza para agradar os clientes e não simplesmente realizar uma produção para comercializar. Como nos conta com suas palavras:

“[...] nós não fazemos para vender, para ganhar, nós fazemos para..., para, muitas vezes para agradar, agradar as pessoas. E com isso é lógico que vem o dinheiro que faz parte, é a consequência. Mas não aquela coisa que eu vou fazer, e fazer de qualquer jeito, porque eu tenho que vender, porque o dinheiro, porque nós... Não é isso. Nós primamos pelo nosso acabamento. Se percebemos, ao terminar o produto, que tem algum defeito, alguma falha, qualquer probleminha, ele já é retirado, ele não vai... para venda”. (E5).

Não é o fazer pelo fazer, mas a importância dada à obra para que seja reconhecida como “perfeita”, única e possa receber os elogios merecidos. O trabalho é uma diversão entre as duas amigas e uma atividade que dá sentido às suas vidas.

Influência da Tecnologia – No início de suas atividades a tesoura era o melhor aparato tecnológico que tinham, mas não se opuseram às novidades do mercado tecnológico. O mundo muda com a tecnologia para Feenberg (2019) é preciso compreender que os objetos de nossas ações, estão no dia a dia, e que o sujeito técnico também tem a reciprocidade de sua ação no meio. O que diferencia o artesanato é a sua capacidade de criar neste processo entre o autor e a ação. Deste modo a influência se apresenta nas ferramentas, com cortadores circulares, navalhas de precisão e máquinas silenciosas, sua produção e acabamento tiveram uma melhora significativa.

“...quando nós começamos a fazer o Patchwork, nós cortávamos muitas das coisas com a tesoura. Hoje nós não cortamos mais com a tesoura. Nós cortamos agora com cortador. Aquele cortador é..., circular que a gente corta, e nós temos uma prancha”. (E5).

Mesmo com diversos aparatos tecnológicos seus produtos não são considerados industriais, pois não há produção em grande escala ou lotes. A criatividade está presente em cada peça que elaboram. Contam com orgulho como a tecnologia veio ajudar:

“E agora na tecnologia ali, nas máquinas, nós temos duas máquinas, são eletrônicas. Primeiro que elas não têm barulho no motor. Você pode ver que lá estão... Você não vê o barulho do motor. [...] É, a... a máquina faz tudo sozinha. Agilizou um pouco o trabalho. Então isso aí agilizou bastante. Mas a máquina não tem a criatividade [Hahahaha], a criatividade não... [Hahaha]. Nós que temos que criar, realmente a gente que tem que por a cabeça pra criar.” (E5).

Mais uma vez se evidencia neste conteúdo de sua fala a utilização da tecnologia, pode-se afirmar no trabalho dessa artesã um primado pela técnica sem detrimento do uso de aparatos tecnológicos.

Planejamento de Futuro – O futuro, para essa artesã, parece bem delineado. Com idade na faixa dos oitenta anos e com muita energia para viver e trabalhar, ela pensa em parar, apesar de já ter planejado isso e não ter cumprido, como relata:

“Eu falava pra minhas filhas: ‘— oh, quando eu chegar nos oitenta eu não vou trabalhar mais. Agora eu quero sossegar um pouco’. E, ela chegou nos oitenta e ainda está aí. Agora eu comentei com elas: ‘— Olha, só mais dois anos, até os oitenta e dois ainda eu vou.’ [Hahaha]. Mas, se deus me deixar até nos oitenta e dois. Depois não sei o que será. Porque eu já sinto cansada. Já tenho problemas, né?” (E5).

Mas novos planos surgiram. Parar com a feira, sim, mas, parar de produzir é impensável. Há um sentimento de não abandonar os clientes, de não deixar seu legado morrer. Um desejo de que alguém assumisse e continuasse com tudo o que fazem, como relata:

“Na realidade daqui a cinco anos, eu pretendo... A intenção nossa é... é fechar aqui, né? A intenção nossa é fechar. Porque ela já vai tá... Ainda não avisamos nossos clientes da feira. Não sei o quê que nós vamos... Porque muitas vezes a gente pensa, eu penso em passar isso aqui pra uma outra pessoa que faz artesanato. [...] Então... É bem provável, ali, que alguém se interesse por essas coisas. Eu acho que passar isso aqui pra frente.” (E5).

E ela explica que não vai conseguir parar:

“E o coração? Agora, eu, por exemplo, eu já falei pra ela, como eu tenho três máquinas aqui que eu comecei com minhas três máquinas. Essas três máquinas eu vou levar pra minha casa. Porque eu vou continuar fazendo isso aqui na minha casa. E... Pra dar de presente, pra um filho, pra uma pessoa, pra uma amiga. Não pra... Não pra comercializar. Para presentear. Comercializar não. Mas presentear eu vou. Isso aí eu vou continuar. Que eu parar também eu não vou conseguir”. (E5).

A necessidade de continuar trabalhando corrobora com o pensamento de Marx, no que tange à diferenciação do ser social do ser natural, pois o desejo, mesmo sem a necessidade do fazer, é consciente e planejado:

[...] o trabalho é, para Marx, uma atividade que distingue o ser social do ser natural, isto é, define a especificidade do ser humano como um ser histórico, social e cultural, por possuir essas três características: a de ser uma atividade conscientemente dirigida por uma finalidade previamente estabelecida na consciência, a de ser uma atividade mediatizada pelos instrumentos e a de ser uma atividade que se materializa em um produto social, um produto que não é mais um objeto inteiramente natural, um produto que é uma objetivação da atividade e do pensamento do ser humano. (DUARTE, 2000, p. 208).

A foto (Figura E5-1) descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número 5 selecionou, em primeiro lugar, a bancada onde inicia o trabalho.

FIGURA E5-1 – A CRIAÇÃO



Fonte: Artesã E5.

Observa-se na imagem (Figura E5-1) a prancha, a régua e o cortador circular, ferramentas tecnológicas primordiais para o desenvolvimento de seus produtos. (Na imagem, a sócia da entrevistada com um adesivo medicinal, em seu braço esquerdo, para tratamento de uma tendinite devido ao esforço repetitivo).

FIGURA E5-2 – A MONTAGEM



Fonte: Artesã E5.

A imagem (Figura E5-2) seguinte apresenta as máquinas para a junção das peças de tecidos previamente separadas e agrupadas na bancada anterior.

FIGURA E5-3 – A OBRA FINAL



Fonte: Artesã E5.

A terceira imagem (Figura E5-3) traz algumas peças acabadas, prontas para serem levadas à feira. O cuidado com as tonalidades e junção das cores se dá na primeira etapa, na bancada onde tudo tem início e termina nas mãos habilidosas da artesã ao juntar as partes em sua máquina de costura.

FIGURA E5-4 – A AMIZADE



Fonte: Foto feita pelo Pesquisador com a Artesã Vovó e sua sócia no ateliê.

A última imagem (Figura E5-4), feita pelo pesquisador, apresenta ao fundo, o espaço do café, onde a maior parte da entrevista ocorreu. Logo atrás das entrevistadas podemos observar o cuidado com o armazenamento de alguns materiais utilizados na confecção do artesanato.

6.2.6 Entrevistada Biju

É do sexo feminino, tem 57 anos e trabalha no segmento de bijuterias da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir de pedras, metais e qualquer material que possa se transformar em uma “semijoia” artesanal. A entrevista foi realizada em seu atelier, que na verdade é o seu apartamento, onde se respira artesanato por todas as partes. O artesanato está presente, seja na decoração ou nos materiais colocados em caixas e por cima das mesas, aguardando serem transformados.

Sentido do trabalho – Tendo como exemplo a avó, que sustentou cinco filhos com o artesanato, e ainda diversos parentes que trabalhavam como artesãos e artesãs, pode descobrir logo cedo o seu dom para esse trabalho. “*Eu já, desde criança já tenho esse dom*” (E6), relata. A curiosidade e o gosto por joias antigas fez com que, ainda na infância, desmanchasse um colar de “pérolas mabi” de sua

mãe na intenção de criar novas peças. Essa ação não teve um desfecho muito feliz, como conta:

“Eu desmanchei aquilo inteirinho. Inteirinho. A minha mãe me deu um... com a sola do sapato na cabeça de raiva de mim [Hahaha]. Não lembro se eu criei outras peças com aquilo. Sei lá o quê que eu fiz. Eu desmanchei”. (E6).

O seu trabalho se desenvolve a partir de suas ideias e imaginação. Para ela o trabalho é a criatividade inerente à artesã:

“Eu tenho paixão. Amor. Eu não monto bijuteria. Porque as pessoas acham que: ‘ah vou montar bijuteria. Vou ali fazer, vou ali fazer um curso, tal.’ Eu nunca fiz curso. Sempre fui aprendendo sozinha. Fui fuçando. Eu crio, eu, eu... Sabe? A minha cabeça pira assim”. (E6).

Influência da Tecnologia – Com grande facilidade de acesso às ferramentas e aos meios tecnológicos, a artesã utiliza de vários artifícios para inovar em seu fazer. Do uso da televisão a pesquisas na internet, a artesã busca inspiração em filmes antigos:

“Já sempre gostei, sempre gostei de joia antiga, que eu adoro ver filme antigo e olhar as joias antigas. Só para observar o que estão usando lá”. (E6).

Mas, também pesquisa tendências para agradar seu público. A própria artesã fala:

“Claro que hoje já não faço mais tanto (ver filmes antigos) porque a gente tem que seguir tendências, né? Mas eu gosto, adoro joia antiga”. (E6).

A artesã reconhece ferramentas simples como tecnologia, pois as ferramentas tecnológicas simples, como alicates, são essenciais para seu trabalho.

Planejamento de Futuro – O futuro, para essa artesã, é de aprendizado e investimentos em sua arte. Um pouco confusa em suas declarações, pois a princípio diz:

“Eu gostaria de ser uma ourives, né? Gostaria de fazer um curso de ourivesaria, para fazer as minhas peças”. (E6).

E logo adiante complementa:

“Quero tudo [Haha]. Gosto de pedras diferentes, então eu gostaria de fazer as minhas peças. Fazer prata... Não ouro. Até o ouro eu não sou... Latão eu gosto muito de latão...” (E6).

Mas independentemente do tipo de material que irá trabalhar, em um ponto é taxativa, quando se trata do seu futuro relacionado à feira:

“Daqui há cinco, dez anos eu ainda me vejo na feira, porque eu amo a feira. Eu acho que a feira é sensacional...” (E6).

A foto (Figura E6-1) descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número 6 selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho.

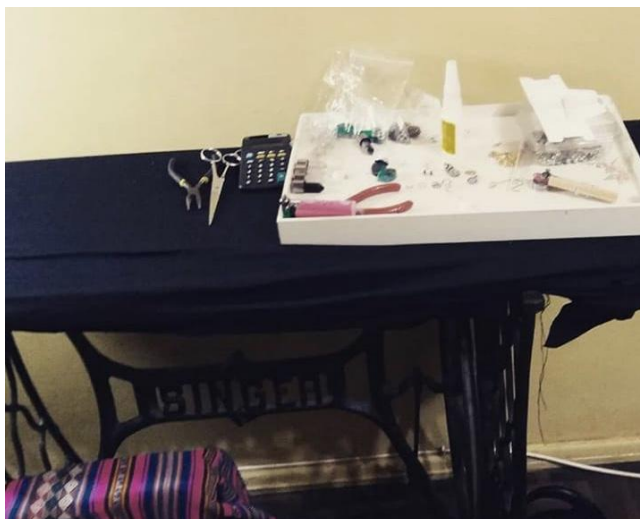
FIGURA E6-1 – A ESCOLHA DA MATÉRIA-PRIMA



Fonte: Artesã E6.

Em destaque a ferramenta mais utilizada em seu processo de produção. Os detalhes são percebidos, não apenas em sua obra, mas também no arranjo feito para a produção da imagem.

FIGURA E6-2 – A MESA DE TRABALHO



Fonte: Artesã E6.

A sua paixão pelo antigo aparece até em sua bancada de trabalho. Observa-se que a bancada foi construída em cima de uma antiga máquina de costura que recebeu como herança e a preserva até os dias atuais. Mais um indício dos laços familiares e da memória preservada (Figura E6-2).

As três imagens seguintes apresentam seus produtos acabados (Figura E6-3, Figura E6-4 e Figura E6-5).

FIGURA E6-3 – O RESULTADO FINAL 01



Fonte: Artesã E6.

FIGURA E6-4 – O RESULTADO FINAL 02



Fonte: Artesã E6.

FIGURA E6-5 – O RESULTADO FINAL 03



Fonte: Artesã E6.

Nas Figura E6-3, Figura E6-4 e Figura E6-5 podemos observar a atenção aos detalhes e a preocupação em criar uma harmonia entre as peças e o plano de fundo.

6.2.7 Entrevistada Feltrinha

É do sexo feminino, tem 48 anos e trabalha no segmento de decoração da feira. Os seus produtos são diversificados, pois atendem a decoração de uma porta de entrada, um suporte para canecas, marca páginas exclusivos e até chaveiros para decorar fechos de bolsas. A entrevista foi realizada em seu atelier, que é seu próprio apartamento, onde se vê artesanato por todas as partes. Apesar de seu marido, que não é artesão, ter participado em alguns momentos da entrevista colaborando com informações, como datas e alguns detalhes do início da carreira, contamos como apenas uma entrevista.

Sentido do trabalho – Sem nenhuma influência familiar para o artesanato, a artesã relata que com treze anos de idade despertou o desejo pelo trabalho manual:

“Hoje eu estou com quarenta e oito anos, mas eu comecei com, é... treze anos eu já despertei essa vontade de fazer trabalhos manuais” (E7).

O trabalho é visto como um compromisso com horários e regras. Uma rotina que faz parte da “vida normal”:

“Eu já acordo assim, né? Já programadinha, eu tenho programadinho é assim, o que eu vou fazer, né? Então eu, cedo, eu pego eu... Primeiro eu procuro assim cortar tudo o que eu tenho, né? Corto, as peças, né? Então... eu trabalho em casa, né? Meu atelier é em casa, né? [...] é a vida normal assim, faz parte. Eu, de manhã é, trabalho de manhã com o artesanato, daí tem..., tem o almoço, também, também faz tudo em casa.” (E7).

A gratificação pelo esforço diário está no resultado vislumbrado em cada peça produzida. Apesar da artesã falar que tem horários para trabalhar, por diversas vezes já se pegou produzindo noite à dentro:

“Às vezes, eu tenho que trabalhar até onze horas da noite, eu tô lá produzindo.” (E7).

Mas o resultado é gratificante, segundo ela. A satisfação de produzir uma peça e gostar tanto do que fez, a ponto de não querer levar para vender, demonstra a forte ligação entre a artesã e sua obra:

“É muito gostoso. É assim... Sou apaixonada, eu gosto do que eu faço. Cada peça, cada... Eu gosto assim de fazer peça começar e terminar. Ver o final dela sabe? Você vê: ‘— Ah isso aqui eu consegui...’ Não tem coisa melhor você terminar o dia assim, né? E ver, nossa, olha que, terminei, tem peças que até você fica assim: ‘— Aiii esse aqui eu vou ficar pra mim’. Não dá nem vontade de vender [Hahaha].” (E7).

Influência da Tecnologia – Encantada com as possibilidades de contato com os clientes e com as vendas realizadas pelos canais digitais, a artesã faz uso da tecnologia para divulgação e vendas.

“tem cliente que compra, gosta de comprar pelo... Manda mensagem no WhatsApp®, que daí eu mando foto, né? Pro cliente ver também é bom. [...] eu uso também é... Computador, né? Pra pesquisar e também pra olhar no site, né? Faço, vendo pelo site”. (E7).

Mas para o processo produtivo os aparatos tecnológicos são rudimentares, apenas tesoura, linha e agulhas. Possui uma máquina de costura que raramente é utilizada:

“E o meu trabalho é muito, é tudo, é geralmente é tudo manual, tudo costurado a mão, né? Tem alguma coisa que eu faço na máquina também, mas geralmente não. É tudo feito à mão. É costura também é à mão, bem artesanal mesmo”. (E7).

Planejamento de Futuro – Vislumbrar o futuro, para essa artesã, é permanecer em sua produção de artesanato:

“Eu sou MEI, que é um Micro Empreendedor Individual, então eu recolho um fundo pra uma aposentadoria assim. Isso, mas também tenho uma previdência privada, né? Também pago, né? Mas é... Assim, futuramente quando eu me aposentar, mesmo que eu me aposentar eu pretendo continuar fazendo artesanato porque eu gosto, né? É minha paixão”. (E7).

A foto (Figura E7-1) descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número sete selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho.

FIGURA E7-1 – A ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS



Fonte: Artesã E7.

Observa-se na primeira imagem (Figura E7-1) que o destaque está para a diversidade de cores no principal material, o feltro, sua paixão: *“Eu fiz outros artesanatos, né? Pinteí muito gesso, fiz tricô, crochê, é... Outros assim, trabalhos manuais, né? Mas foi no feltro que eu me descobri mesmo...”* (E7).

FIGURA E7-2 – MATERIAIS PARA MONTAGEM



Fonte: Artesã E7.

A segunda imagem (Figura E7-2) apresenta o material já recortado. Nota-se que a artesã realiza o corte de diversos modelos para só depois realizar a montagem, como ela mesma relata: *“Primeiro eu procuro assim cortar tudo o que eu tenho, né? Corto, as peças, né? Então... Eu trabalho em casa, né? Meu atelier é em casa, né?”* (E7).

FIGURA E7-3 – O RESULTADO FINAL



Fonte: Artesã E7.

Na terceira imagem (Figura E7-3) a artesã revela diversos produtos acabados. Decoração para portas, marca páginas e chaveiros. A admiração e o orgulho pelo que faz fica claro em sua fala:

“Não tem coisa melhor você terminar o dia assim, né? E ver, nossa, olha que, terminei, tem peças que até você fica assim: ‘— Ai esse aqui eu vou ficar pra mim.’ Não dá nem vontade de vender [Hahaha]”. (E7).

FIGURA E7-4 – PERSONALIZANDO O PEDIDO



Fonte: Artesão E7.

A quarta imagem é um pedido feito pelo pesquisador (Figura E7-4).

FIGURA E7-5 – O MODELO PARA A PERSONALIZAÇÃO



Fonte: Foto feita pelo Pesquisador: cachorro “Fred” da filha do Pesquisador.

Todo cuidado com os detalhes em seus produtos pode ser sintetizado no produto desenvolvido a pedido do pesquisador. Foi encaminhada uma foto do cachorro da filha do pesquisador e a artesã personalizou o produto. Pode-se comparar e ver a semelhança na quinta e última imagem (Figura E7-5). Essa preocupação com os detalhes e a busca por atender e satisfazer seus clientes faz com que todos os dias sejam de produção para dar conta de tantos pedidos.

6.2.8 Entrevistada Magia

É do sexo feminino, tem 49 anos e trabalha no segmento de resina da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir da junção de resinas importadas. A sua entrevista foi realizada em sua barraca na Feira do Largo da Ordem.

Sentido do trabalho – A influência direta do seu pai fez com que surgisse a artesã que é hoje. “*Meu pai fez eu gostar, [...] ele trabalhava madeira, e então eu comecei a gostar muito do trabalho artesanal mesmo*” (E8).

Observa-se, mais uma vez, a presença da tradição familiar e do despertar desde cedo para o artesanato, sob influência de um parente próximo.

Por ser estrangeira, o artesanato possibilita o contato com novas pessoas e cultura. Por meio do seu trabalho e exposição na Feira do Largo da Ordem fez novas amizades e conheceu pessoas.

“...eu sou de Córdoba Argentina. E... Aqui comecei a procurar feiras de artesanato mesmo para inter atuar [interagir] um pouco. Conhecer as pessoas, né? Me encaixar [Hahahaha]”. (E8).

Como diz Clot (2007): “Lembremo-nos desta ideia: o trabalho é a capacidade de estabelecer engajamentos”.

O trabalho artesanal faz parte da vida da artesã, do seu espaço familiar e dos seus desejos de criar.

“[...] um dia acordei com vontade de fazer duendes [Haha], mas se eu não tenho nem massa em casa. Então eu fui na loja comprei massa, trabalhava com palitos em casa. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa. E ali foram saindo os rostos assim, aos poucos... Formas [Haha]”. (E8).

Chegou-se ao ponto em que a obra domina a artesã e o seu espaço, segundo suas próprias palavras:

“Olha... Na minha casa tem duendes por todo canto [Haha]. Eu trabalho um pouco no quarto, na sala, até no banheiro tem alguma massa. Eu não tenho assim... Tenho um espaço meu só que não uso nunca [Haha]. Meu atelier não é usado por mim, sempre estou... Embaixo, na sala ou na cozinha, onde tem televisão, tem... Partilhando com todos eles [a família]. Mas já se acostumaram. Às vezes, tenho que tirar as coisas da mesa, de lado assim, para comer [Hahahaha]. E os outros ficam ali, os duendes que tomaram conta da casa, de tudo”. (E8).

Influência da Tecnologia – Utilizada apenas para consultar as novidades de mercado, a internet é a única ferramenta tecnológica da qual a artesã faz uso. Possui uma única máquina de costura que prefere não utilizar, como ele mesma relata:

“Não tenho maquinário. Só máquina de costurar. Quando tenho que fazer os bonecos, né? Dependendo do boneco, porque se dá pra fazer manualmente... Não utilizo moldes para fazer os bonecos também não”. (E8).

Planejamento de Futuro – Sem planejamento e sem preocupação com o futuro a artesã aprecia cada dia, cada domingo de feira como uma experiência única:

“Não tenho. Na verdade gosto de viver o dia a dia, sempre [Hahaha]. Eu adoro a feira, adoro isto aqui [Hahaha]. Adoro a feira, compartilhar assim com os amigos. Tem muitas vezes que não... Você não consegue vender nada, né? Mas, estar aqui, partilhar com os amigos, os... Você passou uma coisa muito mal em casa, vem aqui já fala com eles, já esquece dos problemas, é outra coisa. Vivo o dia a dia mesmo. Daqui a cinco anos nem penso. Para mim, né? Para meus filhos, lógico que penso. Mas para mim não. Não. Eu estou feliz do jeito que estou [Haha]”. (E8).

A foto (Figura E8-1) descreve o processo de trabalho da artesã, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, a entrevistada número 8 selecionou apenas duas imagens:

FIGURA E8-1 – DELICADEZA NO ACABAMENTO



Fonte: Artesã E8.

Na Figura E8-1 pode-se observar o início do processo de uma peça em resina, moldada à mão e recebendo uma camada de tinta.

FIGURA E8-2 – RESULTADO FINAL



Fonte: Artesã E8.

A segunda imagem apresenta o produto acabado, pintado e pronto para a comercialização. A preparação do fundo para registrar a imagem demonstra o cuidado com a apresentação do seu trabalho.

6.2.9 Entrevistado Cascata

É do sexo masculino, tem 59 anos e trabalha no segmento de fontes da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir da junção de diversas peças como argila, madeira, parafusos e decorações naturais. A sua entrevista foi realizada em seu atelier, onde ele monta as fontes, decora e testa todas.

Sentido do trabalho – O orgulho de pertencer a uma família de artesãos e manter viva a tradição familiar fica evidente na fala do artesão:

“Tem muita gente que faz da minha família. Dizem ó, parece... É pegou, como se diz, o sangue do vô, né? Eu peguei o sangue do meu pai, que é lógico é..., é..., é herança do, dele, né?” (E9).

O trabalho é fruto da criatividade, sem rotina, sem muito planejamento. A liberdade do criar quando e como for mais conveniente torna o trabalho prazeroso.

“A ideia é... Surge na hora, né? Isso tem muito disso aí, a criatividade vem, vem... Como se diz assim é uma luz que dá na hora. Como fosse o Professor Pardal já [Hahaha]...” (E9).

Ser bom no que se faz e ser reconhecido pelo público é bom, como ele mesmo diz, *“Então, então eu me acho um... sei lá. Não vou dizer que eu sou um bambambam, né? É... Mas eu me considero um artista de ponta [...] Eu recebo bastante elogios, então... Eu como artesão eu me acho um bom artesão, entendeu?” (E9)*, mas ser útil para a sociedade com o seu trabalho e ser indicado como referência para solucionar ou ajudar a solucionar alguns problemas de saúde faz com que se sinta importante.

“Eu até me acho, às vezes, importante porque eu já vendi fontes para pessoas que, com enfermidades, que são consideradas com enfermidades, que faz tratamento com medicina, para quem tem bruxismo. Ó compra uma cascatinha de água, vai lá e conversa com o seu ‘Fonte’ lá, que ele vai te vender uma fontezinha de água para você que isso aí é bom. Tem pessoas que tem problema, tem um médico aqui na cidade que ele é otorrino, ele indica a cascata de água para quem tem problema de zumbido no ouvido”. (E9).

Reafirmam-se aqui as palavras de Marx (2004):

[...] sou ativo socialmente porque [o sou] enquanto homem. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha própria existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social. (MARX, 2004, p. 107).

Influência da Tecnologia – Presente em vários momentos do processo produtivo, os aparatos tecnológicos são ferramentas de apoio para atividades repetitivas ou que demandam precisão, como furar a cerâmica: *“Tenho outra máquina que é só para furar a cerâmica para..., para passar a mangueira também”.* (E9).

Com diversas furadeiras, lixadeiras, serras, e outros aparatos tecnológicos, o artesão reconhece a necessidade desses equipamentos para facilitar seu trabalho:

“Mas a tecnologia em termo de maquinário ajuda muito. Inclusive se tivesse outras máquinas ajudaria mais ainda, né? Para fazer outro tipo de coisas, né? Mas agora de imediato não penso em investir em outros equipamentos. Eu pensando em comprar um agora de imediato, a..., a..., esse ano ainda eu quero comprar é um soprador térmico, mas é pra mim fazer umas floreiras que eu vi na..., na..., na internet”. (E9).

Mas o artesão não reconhece esses equipamentos como influenciadores em seu trabalho enquanto artesanato, como ele mesmo diz: *“Cara... Eu diria que, não sei se tem alguma influência”. (E9).* Apesar da grande utilidade desses equipamentos no processo produtivo, a ideia de que a criatividade não parte dos aparatos tecnológicos e sim do artesão, faz com que seja negada essa influência em seu trabalho.

Planejamento de Futuro – *“Eu, lógico eu vou fazer igual meu pai, só vou parar a hora que não, que realmente tiver cansado mesmo, entendeu? Eu não tenho é... assim... de imediato assim, previsão de parar não”. (E9).* Na própria fala do artesão, o futuro é a continuidade do seu labor.

Investir em novos materiais, fazer feiras e montar site para melhorar as vendas são alguns dos objetivos para o seu futuro, além da preocupação de não poder trabalhar por algum motivo de enfermidade, por isso se previne com alguns pequenos investimentos de segurança:

“Quero continuar trabalhando por um bom tempo ainda. É fazendo as feiras de bairro, fazendo essas feiras especiais aí. E lógico se eu conseguir montar um site eu consigo aumentar um leque de vendas minhas agora. Eu tenho como vender pela internet e entregar, mandar pelo correio, pela transportadora. E... Continuar na Feira do Largo. E a questão da..., da..., do futuro também, o MEI (Microempreendedor Individual) ele te obriga, você paga uma taxa todo ano, todo mês tem que pagar uma taxa de contribuição. Esse é para questão da aposentadoria, né? [...] Eu já fiz três vezes é... Previdência Privada, mas infelizmente tive que sacar o dinheiro entendeu? Antes do tempo e... Agora tô pagando uma outra previdência privada, né? Pago o..., é o INSS normal e pago uma previdência privada por fora. O dia que cair em doença ou alguma coisa aí, então eu tenho uma garantia. Mas por hora assim quero continuar trabalhando. E se Deus quiser e me ajudar, inventando outras coisas ainda”. (E9).

A Figura E9-1 descreve o processo de trabalho do artesão, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 09 selecionou quatro imagens que representam seu fluxo de processo produtivo.

FIGURA E9-1 – MATÉRIA-PRIMA EM ESTADO BRUTO



Fonte: Artesão E9.

A primeira imagem apresenta a matéria-prima principal, a madeira, em forma bruta, que é como recebe em seu atelier (Figura E9-1).

FIGURA E9-2 – MATÉRIA-PRIMA APÓS TRATAMENTO



Fonte: Artesão E9.

Na segunda imagem observa-se a madeira já lapidada para o início da montagem das fontes (Figura E9-2).

FIGURA E9-3 – A CRIATIVIDADE EM AÇÃO



Fonte: Artesão E9.

A Figura E9-3 revela alguns aparatos tecnológicos utilizados na produção, como furadeira, tesoura e martelo. Nesse momento o artesão precisa colocar sua imaginação para funcionar, pois a fonte precisa existir primeiro em sua mente para depois ser concretizada. Como cada pedaço de madeira possui forma diferente, a disponibilização de cada item que compõe a fonte, é única e não se repete.

FIGURA E9-4 – O RESULTADO FINAL



Fonte: Artesão E9.

Na última imagem recebida (Figura E9-4), o artesão apresenta seu trabalho acabado e pronto para ser apresentado nas feiras. Cada madeira gera uma fonte única e com detalhes diferentes, pois são utilizadas matérias-primas naturais como encontradas na natureza, como o próprio artesão fala: *“Eu chamo meu artesanato assim de artesanato mais rústico entendeu? [...] eu trabalho só com coisas naturais, né?”* (E9).

6.2.10 Entrevistado Pintor

É do sexo masculino, tem 61 anos e trabalha no segmento de pintura em tecido. Os seus produtos são elaborados em tecidos que são pintados, cortados e estampados à mão. A entrevista foi realizada em sua barraca na Feira do Largo da Ordem.

Sentido do trabalho – Tradição. Provavelmente a palavra que define melhor o sentido do trabalho para esse artesão. Sua família está presente na feira desde a década de 1980, praticamente iniciaram suas atividades quando surgiu a feira, ainda na Praça Zacarias.

No início era uma atividade para complementar a renda, mas acabou se tornando a única fonte de renda familiar, como ele mesmo relata:

“Na época eu fiz... Como uma atividade comercial para reforçar a renda de casa, né? Eu trabalhava com outra coisa antigamente, hoje não. Hoje é só a feira”. (E10).

O trabalhar na feira é um momento de prazer e alegria, como relata em sua fala:

“Eu particularmente me considero uma pessoa feliz. Aqui eu tenho um bom ambiente de trabalho. Eu já estou aqui há muito tempo. Eu conheço quase que... Toda a feira. Uma rotina agradável. Descontraída. É..., é bacana”. (E10).

Influência da Tecnologia – Sem nenhum aparato tecnológico, o trabalho é desenvolvido totalmente de forma manual, pois, segundo o próprio artesão:

“No nosso ramo bem pouca coisa de tecnologia. É mais manualzão mesmo. Trabalho manual. Não temos máquina de corte ou costura. A

agente foca mais em pintura, né? A parte de costura a gente até, geralmente terceiriza.” (E10).

As ferramentas que utiliza são pincéis, bancadas e tintas. É um trabalho realizado com criatividade e detalhes, onde uma pintura nunca é igual a outra.

Planejamento de Futuro – O futuro, para esse artesão, se faz na feira. Em suas palavras:

“Eu não vou estar aposentado ainda [Hahaha]. Disso eu tenho certeza. Mas na feira provavelmente eu estarei, né? Se estiver vivo até lá. Provavelmente estarei. Aqui a gente é MEI, recolhe INSS e sem previdência privada. E a feira, enquanto a gente puder vim até aqui, a gente vai estar na feira”. (E10).

A Figura E10-1 descreve o processo de trabalho do artesão, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 10 enviou apenas duas imagens de seus produtos já expostos em sua barraca em uma das feiras realizadas aos domingos no Largo da Ordem.

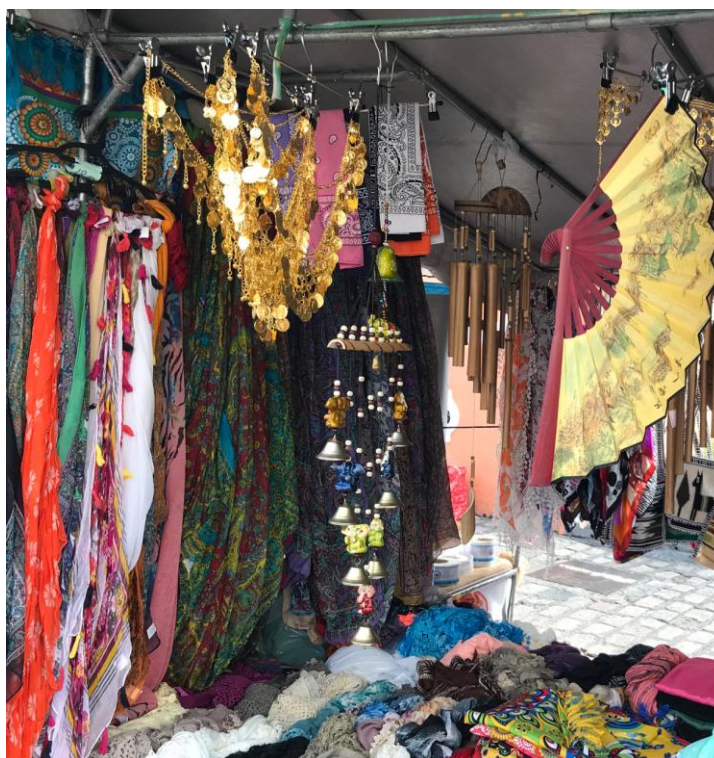
FIGURA E10-1 – A ORGANIZAÇÃO DA BARRACA 01



Fonte: Artesão E10.

A primeira imagem apresenta os produtos pintados, tingidos e estampados expostos para venda (Figura E10-1).

FIGURA E10-2 – A ORGANIZAÇÃO DA BARRACA 02



Fonte: Artesão E10.

A segunda imagem (Figura E10-2) traz, como destaque, alguns produtos visivelmente industrializados, mas justifica-se a presença desses objetos pelo tempo de feira que essa família possui. Como no início da feira, lá pelos anos de 1980 era permitido esse tipo de comércio, além do artesanato próprio, o direito adquirido ainda se faz valer até os dias de hoje.

6.2.11 Entrevistado Natureza

É do sexo masculino, tem 38 anos e trabalha no segmento de biojoias (artesanato com sementes) da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir de sementes e materiais encontrados na natureza. A sua entrevista foi realizada em seu atelier, que é uma peça em sua casa destinada à sua criação.

Sentido do trabalho – Sem influência positiva familiar, muito pelo contrário, teve que enfrentar opiniões contrárias da família, que achava um absurdo um biólogo (que é sua formação acadêmica) deixar um emprego fixo para fazer artesanato com sementes.

“A influência do meu pai, o pai era sempre assim: tudo que não era dele era lixo, então tinha que jogar fora. E... Até tem umas coisas engraçadas assim que, na época assim que... Comecei trabalhar com isso. Eu fui... E eu trabalhava num laboratório já. Trabalhava meio período no laboratório e daí meu pai sempre falava assim, tipo, ‘— Ah, eu te ajudei pra caramba, te ajudei a pagar a faculdade’, ele pagou uma parte da faculdade, eu pagava outra. E depois ‘— Te ajudei pagar a faculdade pra você ficar furando sementinha em casa e tal...’ [...] daí era desanimador sabe?” (E11).

Mesmo sem apoio o artesão encontrou nesse trabalho a sua realização pessoal. Em suas palavras:

“Eu fazia na época que comecei o artesanato, eu..., eu trabalhava como biólogo e fazia aquilo dali porque eu gostava mesmo. Achava legal. Me fazia bem. Gostava de ver que estava vendendo coisas pra pessoas que, eu vendia uma peça, mas tinha uma história junto, e a pessoa gostava e ela ficava feliz”. (E11).

O artesanato é sua fonte de renda: *“Tudo o que eu faço toda a renda que vem minha, vem do artesanato”*.

Influência da Tecnologia – Os aparatos tecnológicos começaram a fazer parte de seu trabalho após um problema de saúde ocasionado pelo esforço ao elaborar suas peças de artesanato. Foi obrigado a adquirir furadeiras com aceleração no pé e outros pequenos equipamentos, como pirógrafo. Como relata:

“Tive uma inflamação, né? A bursite. E daí eu fui obrigado a investir dinheiro no..., no..., em tecnologia. Então hoje em dia eu trabalho com..., com... Tenho três furadeiras alemãs de..., de..., de chicote, como se fosse um aparelho de dentista, com aceleração no pé pra você calcular a velocidade que você quer furar. Trabalho com material, uma ferramenta mais antiga, chamada pirógrafo... O pessoal mais novo acho que não conhece. Mas que é pra começar a fazer os buracos na..., nas sementes, porque elas são lisas, pra não furar os dedos. É a pouco tempo investi numa, numa tico-tico de bancada pra eu..., pra fazer os cortes mais rápido, pra acelerar o processo. Então a tecnologia ela, ela, ela, ela vem pra melhorar, sabe? Mas, tipo, eu não sou muito bom com ela. Mas ela tá me ajudando em várias coisas.” (E11).

Planejamento de Futuro – Vivendo exclusivamente do artesanato, esse artesão mantém o bom humor, apesar de saber das dificuldades que enfrenta e que poderão surgir, como ele fala, em tom de brincadeira, mas com muita seriedade:

“Eu me vejo velho, gordo... Barbudo [Haha]. É... Andando de moto, tal. Mas, eu falei hoje em dia, depois deste tempo sem trabalhar numa

empresa fixa, eu... Acho que não consigo voltar a..., a trabalhar pra alguém, sabe?” (E11).

Com uma renda nem sempre certa e com uma criança pequena para cuidar, relata que “*não sei exatamente o quê que vai rolar no futuro. Eu não quero nem pensar, na verdade*” (E11).

E complementa: “*Eu tenho mais medo do final do mês do que do final do mundo*” (E11).

Mas mesmo com esse temor, planeja participar de novas feiras para poder aumentar sua renda, enquanto tem saúde:

“Depois desses doze anos agora que eu tô começando a me mexer a conhecer outras feiras, o que o pessoal faz. Então essas feiras que todo mundo conhece, sabe? Mas as feiras mais alternativas assim. E tô começando a entrar nessas feiras, me inscrever pra ver se aumenta essa renda. Mas no futuro assim eu não sei o quê, o quê que... eu vou ficar velho, não vou conseguir mais trabalhar que nem trabalho hoje em dia. O artesanato ele destrói as costas, ele..., ele..., ele é cansativo, sabe?” (E11).

As fotos descrevem o processo de trabalho do artesão, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 11 selecionou imagens que apresentam matérias-primas e produtos acabados (Figura E11-1, Figura E11-2 e Figura E11-3).

FIGURA E11-1 – A BUSCA PELA MATÉRIA-PRIMA NA NATUREZA



Fonte: Artesão E11.

A primeira imagem (Figura E11-1) apresenta o início do processo de produção que é a coleta de sementes diretamente na natureza. Percebe-se que sua formação acadêmica colabora com essa etapa, pois, com o seu conhecimento é possível identificar mais facilmente quais sementes podem ser utilizadas para o artesanato de forma que não prejudique a natureza e nem venha a causar danos à saúde de seus clientes.

FIGURA E11-2 – A SEPARAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA



Fonte: Artesão E11.

A segunda imagem traz um produto acabado e ao lado a matéria-prima de onde se originou (Figura E11-2).

FIGURA E11-3 – O RESULTADO FINAL DO TRABALHO



Fonte: Artesão E11.

A terceira imagem (Figura E11-3) mostra diversos artesanatos elaborados com sementes, sua principal matéria-prima. O artesão se apropria dos processos e condições existentes e os transforma em algo ajustado ao seu sentido de arte, o produto é resultado de sua criatividade.

6.2.12 Entrevistado Jardim

É do sexo masculino, tem 39 anos e trabalha no segmento de jardinagem da feira. Os seus produtos são confeccionados a partir de miniplantas. A sua entrevista foi realizada em seu atelier, onde se vê vasos, mudas de plantas e minijardins por todo lado.

Sentido do trabalho – A realização pessoal e a superação faz com que esse artesão dê sentido ao seu trabalho. A primeira influência que teve em sua jornada como artesão de minijardins foi de um colecionador, como relata,

“Eu conheci um colecionador, mas eu era bem criança, que ele fazia composições com suculentas em floreiras grandes, né? E daí, talvez, essa tenha sido a primeira inspiração. Mas, acredito que essa foi a única influência.” (E12).

A necessidade de pagar suas contas fez com que tomasse uma atitude, que acabou sendo a sua porta de entrada na Feira do Largo da Ordem:

“Um belo dia apertou o calo, eu percebi que não... O mês não ia cobrir, que eu não ia ter dinheiro pra cobrir as contas, eu peguei todos aqueles minijardins, que eram feitos em latas de sardinha, lata de atum, cápsula de café, tampinha de garrafa... E eu fui pra feira e fiquei no banco lá.” (E12).

O reconhecimento por parte dos turistas dá orgulho pelo que faz. O trabalho ajudou a quebrar preconceitos e descobrir seu lado artístico, que lhe dá orgulho quando é reconhecido:

“Então eu acredito que, eu tô conhecendo as pessoas dessa forma, né? Você derruba todos os preconceitos. [...] às vezes, vem um turista e esse turista... ele fala que é lá de São Paulo. Meu... São Paulo tem um polo produtor de plantas que é Holambra. Mas ele fala que nunca viu nada parecido. A gente fica pensando, nossa, imaginem, quantos milhões de produtores existem e ó..., e, e essa pessoa que veio de fora fala que o meu minijardim é diferente, ele vai comprar o meu minijardim e vai levar lá pra São Paulo. Eu me sinto, na verdade, realizado.” (E12).

Influência da Tecnologia – Como jardineiro seus aparatos tecnológicos são ferramentas de jardinagem. Grandes e pesadas, quando se referem aos jardins de casas e pequenas, leves e, muitas vezes miniaturas para trabalhar com os minijardins. A única mídia digital que utiliza é o aplicativo WhatsApp®, por onde envia fotos de seu trabalho para muitos contatos, como relata:

“Eu acredito que a única tecnologia que eu uso ainda é o WhatsApp®, né? Porque, às vezes, tô na feira lá eu fotografo uma planta e coloco lá numa página que eu tenho num grupo que chama-se jardim para todos. E a pessoa fica vendo: “— Olha que legal o jardim!” E alguém vai na feira comprar o minijardim.” (E12).

Planejamento de Futuro – Planos bem traçados e metas definidas fazem com que esse artesão vislumbre seu futuro com trabalho, feira e criatividade. Sonhando em ser dono de seu próprio negócio, uma floricultura diferenciada, ele traça planos para um período de dez anos:

“Eu não penso nunca mais em abandonar a feira, né? O que eu imagino é em desenvolver. Em talvez, daqui um tempo desenvolver uma outra espécie de trabalho, uma outra apresentação. Um outro arranjo, né? Vender uma outra planta... É produzir algo diferente, né? Mas o meu objetivo mesmo pro futuro é chegar numa floricultura. Não ter uma floricultura comum, quero ter uma floricultura que trabalhe com as miniaturas, né? Vai ser o foco da floricultura... vai ser cacto, suculenta e minijardins. Mas isso eu acredito que até os cinquenta anos eu ainda vou conseguir fazer, né? Eu tenho um plano pra dez anos, não sair da feira, mas pra dez anos não tá mais trabalhando dessa forma, né? Pra daqui dez anos eu ter um espaço, manter a feira de domingo, mas que nesse espaço eu venda terra, venda planta, venda os minijardins.” (E12).

A foto descreve o processo de trabalho do artesão, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 12 selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho (Figura E12-1).

FIGURA E12-1 – A MESA DE TRABALHO



Fonte: Artesão E12.

A primeira imagem apresenta a bancada de trabalho com diversas ferramentas rudimentares, mas necessárias ao seu trabalho (Figura E12-1).

FIGURA E12-2 – AS MUDAS – MATÉRIA-PRIMA



Fonte: Artesão E12.

A segunda imagem apresenta algumas mudas de suculentas, sua matéria-prima para os minijardins (Figura E12-2).

FIGURA E12-3 – O RESULTADO FINAL



Fonte: Artesão E12.

A terceira imagem mostra um minijardim construído em cápsula de café. Um exemplo de reaproveitamento de matérias recicláveis por parte do artesão (Figura E12-3).

FIGURA E12-4 – SEPARANDO O QUE VAI À FEIRA



Fonte: Artesão E12.

Na quarta e última imagem (Figura E12-4) aparece o artesão selecionando as plantas e minijardins que irão para a Feira do Largo da Ordem, como ele mesmo fala: “*Eu pego todo meu material, organizo num carrinho de mão e levo até a feira, né?*” (E12).

6.2.13 Entrevistado Lojinha

É do sexo masculino, tem 37 anos e trabalha no segmento de madeiras da feira. Os seus produtos são muito variados, entre eles destacam-se os quadros para decoração e os porta-rolhas.

Sentido do trabalho – Para esse artesão a palavra tradição, também, representa o sentido primário do seu trabalho. Seu pai, há quarenta anos, tem uma barraca na Feira do Largo da Ordem. O desejo de seguir os passos do patriarca começou cedo:

“Eu fazia feira com ele desde pequeno e há uns dez anos atrás eu comecei a brigar por um ponto pra mim. Então ele tem o ponto dele e eu tenho o meu ponto [...] eu fiquei três anos pra conseguir entrar na feira”. (E13).

A ideia de que sendo dono do seu próprio negócio pode fazer seu trabalho na hora que achar melhor e ainda determinar seu ritmo e seu volume de produção, cai por terra, como ele mesmo relata:

“Eu acho que ainda a gente como um empresário, trabalha mais do que um funcionário, né? Por que esquenta muito mais a cabeça, né? Por que é muita coisa. Não é só coisa de feira. É cliente, é... A gente tem bastante lojista também que compra com a gente”. (E13).

Mas para esse artesão, seu negócio não é mais artesanato, como ele mesmo fala:

“Olha... Na verdade hoje eu já nem me sinto mais como um artesão, né? Eu vejo mais como um empresário. Por que... É... Aqui a gente, ele segue uma linha de produção, né? Graças a Deus as vendas ‘tão, tão’ boas então é... Tenho, tenho máquina, tenho bastante máquina, mas também a gente faz muito trabalho braçal ali, né?” (E13).

O trabalho passou a ter um viés puramente capitalista e focado nos lucros.

“Então eu optei por... Fazer anúncios: OLX®, Mercado Livre®, Facebook®... Pra não depender só das vendas do domingo assim. E aquilo alavancou, alavancou bastante as vendas, ajudou bastante, até hoje ajuda. Hoje eu fico bastante aqui em cima respondendo... E-mail e... E pergunta de OLX® e Mercado Livre®. É... E daí o ano passado que pintou essa loja ali no Largo, esse ponto ali. Bem no domingo que eu tava montando a barraca, eu vi a moça, ela tava entregando o ponto, né? Daí, era, era, era uma... Um salão de beleza. Aí eu perguntei pra ela assim: se

realmente ela ia entregar o ponto. Ela disse que ela tava pintando a parede ali já pra entregar o ponto na segunda-feira. Aí já peguei o telefone da imobiliária e... Na segunda-feira já corri atrás e... E abrimos a loja.” (E13).

Influência da Tecnologia – A tecnologia passou a ser parceira constante no processo produtivo desse artesão, que já se intitula “empresário do artesanato”:

“Tenho, tenho máquina, tenho bastante máquina. [...] A gente lida com, com tecnologia também, né? E volta e meia dá algum problema. Eu trabalho bastante com “Corel Draw” com... É... Com o “Adobe Illustrator” e... Da parte ali de computação os programas são esses, né? Mas daí tem também o corte a laser, né? [...] E as “Plotter” ali que faz. As “Plotter” já são mais parceria nossa aqui. [...] A gente tem corte a laser também. Tenho uma parceria com a gráfica.” (E13).

Desta forma, o processo produtivo em série perde a característica de artesanato puro e pode assumir a classificação dada por dois dos entrevistados, como “industrianato”.

Planejamento de Futuro – O futuro para esse artesão, diferentemente dos demais entrevistados, é sair da Feira do Largo da Ordem, como se pode observar em sua fala:

“Eu penso em abrir mais uma loja. Eu, eu sabia que, que ia dá boa, a loja. Não imaginava que ia ser tão bom quanto tá sendo. A gente pegou um ponto bom, que é no Largo da Ordem, no centro histórico, então o movimento é bom. Mas eu penso em abrir mais uma loja. É... Em ponto turístico. Ou Santa Felicidade, ou Jardim Botânico. No Museu do Olho, alguma coisa assim. Eu penso em abrir mais loja., né? E... Parar com..., com a Feira. Eu não sei se eles (os turistas) sentem mais confiança em comprar dentro da loja do que comprar na banca. Não sei se eles discriminam os feirantes. Ah! É só um feirante. Um artesão. ‘— Vamo comprar na loja’. Não sei.” (E13).

A foto descreve o processo de trabalho do artesão, os tipos de aparatos tecnológicos presentes nos processos de produção. Na descrição pela imagem de seu processo produtivo, o entrevistado número 13 selecionou, em primeiro lugar, os materiais que julga prioritários para o trabalho.

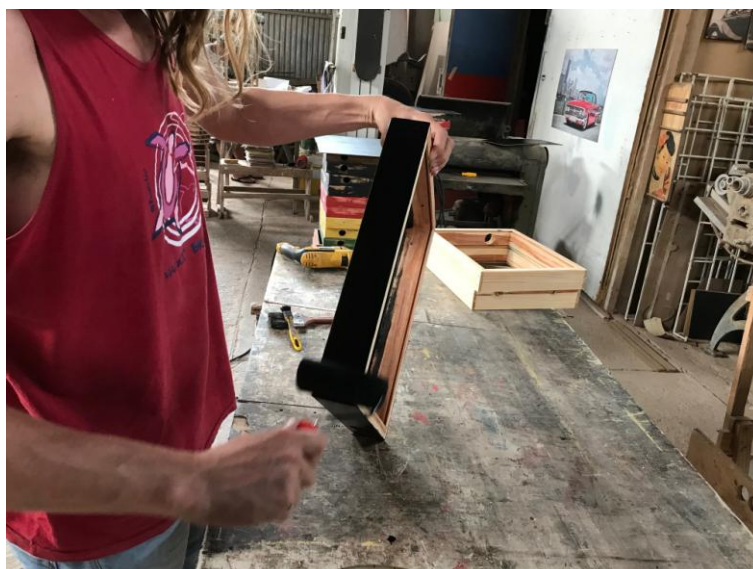
FIGURA E13-1 – A MATÉRIA-PRIMA



Fonte: Artesão E13.

Na primeira imagem (Figura E13-1) observa-se uma das máquinas utilizadas para o corte da madeira. Também, aparecem os feixes de madeiras e perfis para serem cortados e algumas placas já cortadas para serem utilizadas na fabricação dos quadros.

FIGURA E13-2 – MONTAGEM E PINTURA



Fonte: Artesão E13.

A segunda imagem (Figura E13-2) retrata o acabamento dado à estrutura antes de receber as partes do fundo e frente do quadro porta-rolhas. Nota-se que o

funcionário que executa o serviço não utiliza nenhum equipamento de segurança (luva, máscara ou avental) para evitar o contato com a tinta.

FIGURA E13-3 – PRODUTOS ACABADOS



Fonte: Artesão E13.

A terceira imagem apresenta uma exposição dos quadros, com diversos formatos e mensagens, prontos para a venda. Ao descrever o seu processo de trabalho observa-se um ponto de passagem e ruptura de uma identidade de artesão para empresário. As alterações na escala da produção para atender as demandas do mercado caracterizam um ponto de energia despendida para a elaboração dos produtos para além da força manual do trabalhador, de modo que desta maneira a alternativa é a instalação de novos aparatos tecnológicos organizados no fim desta sequência. Observa-se um trabalhador prontamente adaptável aos processos de evolução do próprio capital.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa trouxe à luz da reflexão do pesquisador, o importante trabalho do artesão e da artesã da Feira do Largo da Ordem em Curitiba, no Paraná, o sentido dado por ele(a) mesmo(a) ao seu trabalho. Neste contexto a Feira do Largo da Ordem tem uma história de trabalho, escritas por trabalhadores e que deve levar em conta como fundamental para a manutenção da Feira.

A atividade do(a) artesão(ã) no campo Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) e na perspectiva da psicologia histórico-cultural orientaram esta pesquisa empírica que foi conduzida pelo caminho da epistemologia qualitativa. No qual a experiência subjetiva do trabalhador pode ser expressada e registrada. Portanto, ainda que, com limitações de tempo e de práticas na pesquisa esta dissertação apresenta caminhos para futuras pesquisas e achados sobre quem são estes trabalhadores da artesanaria. Por vezes estigmatizados no mundo contemporâneo e associados ao desvalor de se trabalhar expostos na rua, e desprotegidos dos sistemas reguladores da sociedade. São sujeitos de dotam o seu fazer de sentido e de significado e exemplificam uma determinada identidade relacionada a ser artesão. É preciso problematizar as relações entre identidade e trabalho, entre o trabalho industrializado e o artesanato. A despeito das grandes transformações ocorridas no mundo pela tecnologia, pela reestruturação produtiva e pela alteração das formas de trabalho. O artesão é aquela pessoa que permanece dentro destas características da contemporaneidade, com a valorização do seu fazer, o que se deve levar em conta ao considerar a centralidade do trabalho na vida humana, enquanto uma categoria fundamental de análise.

O fazer do(a) artesão(ã) dota uma atividade carregada de sentido de vida e que preserva valores muito diferenciados da alta competitividade e do isolamento da grande maioria dos trabalhadores. Um trabalho que é digno e realizado com muito orgulho pelos artesãos e artesãs por conservar a capacidade criativa e inventiva do homem na transformação da matéria-prima em produto.

Foi possível nesta pesquisa além de conhecer sua rotina diária para a produção do seu artesanato, resgatar histórias de famílias, de tradições e culturas impregnadas em cada detalhe dos trabalhos desenvolvidos. Configurando, ao mesmo tempo, uma subjetividade coletiva, que outorga a credibilidade pessoal ao

produto da manufatura de modo que seus produtos sejam reconhecidos pela qualidade e pela exclusividade do produto manual.

Ficou claro que por trás de cada objeto exposto, na Feira do Largo da Ordem, não há somente materiais como madeira, plásticos e resinas, mas uma trama de vidas, experiências, sonhos e crenças em uma forma de se expressar e sentir a vida, que é específica deste grupo de pessoas, uma realidade que reflete de um modo muito peculiar a preocupação com o produto e com a feira, com a manutenção e cuidado com o espaço social ocupado, ao fazer artesanato, garante-se a identidade do artesão.

Dizer que o produto comunica o trabalhador, expressa a sua criação, revela as suas raízes e sua tradição familiar, o seu ofício é pouco, é preciso investigar ainda mais a fundo, para além dos limites temporais da pesquisa, o que faz estas pessoas permanecerem no mundo contemporâneo dando sentido às suas vidas através do artesanato. Não ignoramos o lugar da revisão bibliográfica neste estudo, mas apontamos para a precariedade e falta de investigações mais profundas sobre a subjetividade do trabalhador no artesanato.

O processo da pesquisa possibilitou alcançar o sentido subjetivo dado pelo trabalho para esses artesãos e artesãs, sentido que vai além do ganhar o sustento para a vida, que subverte o próprio significado do trabalho. Para muitos dos entrevistados, é a própria vida, pois não conseguem se ver sem o labor diário no artesanato. O sentido do trabalho retém múltiplos significados, mas em todos os entrevistados permanece a criação realizada pela mão humana, no ser ativo que age sobre o mundo e o transforma e assim transforma-se a si mesmo pelo trabalho.

Isso se apresenta claramente na entrevista realizada com uma das artesãs (Entrevistada nº3), quando ela se reconhece como instrutora e se sente “dona” do artesanato realizado por terceiros, pois como usam sua técnica, o sentido de pertencimento é indissociável, como ela mesma diz: “*eu não só faço o artesanato, como eu dou aula também de artesanato*” (E3). A alegria de ser reconhecida como artesã capaz de disseminar seus conhecimentos funciona como estímulo para sua caminhada: “*eu fui convidada a ensinar o artesanato em São José dos Campos em São Paulo, [...] lá que o pessoal faz [...] com muita dedicação*” (E3). E a sua técnica era passada aos seus aprendizes, com isso o trabalho realizado por

terceiros ainda era visto como “seu”: “*E, eu ficava alegre porque eu chegava lá eles já estavam produzindo e vendendo meu artesanato*” (E3).

Percebe-se também uma subjetividade individual que expressa cada singularidade cada diferença e semelhança entre diferentes leituras sobre a atividade do artesanato. Para esses artesãos e artesãs, o fazer e o criar têm um significado de criatividade e liberdade, que busca fugir da alienação do trabalho tradicional dentro de uma empresa e da objetivação desse trabalho. Os(as) artesãos(ãs) da Feira do Largo da Ordem em sua materialidade de vida, transmitem o que sabem e aprenderam como legado de gerações anteriores em um sistema de comunicação sobre o fazer, que perpassa ao longo do tempo o desenvolvimento social, e, no entanto, que mantém e conserva os costumes do fazer preservados.

Quanto ao uso da tecnologia no artesanato, por vezes se reduzem aos instrumentos; os aparatos tecnológicos não são prioridade, antes são vistos com recurso auxiliar, ao propósito de manter a feitura manual. E, na maioria das entrevistas realizadas, não são refutados, mas se integram ao saber fazer herdado de gerações anteriores ou de tradições apreendidas, e mantidas na comunidade de artesãos(ãs). Ao descreverem o seu modo de produção sempre fazem referência ou fotografam os poucos instrumentos e equipamentos que quando utilizados têm somente a função de facilitar o trabalho. Em apenas dois dos entrevistados evidenciou-se a grande preocupação com o produto, o devido cuidado para não se perder as características do artesão e nem do artesanato. Em alguns momentos das entrevistas percebeu-se certo receio em falar de tecnologia, como se seu uso fosse descaracterizar o artesanato e ou com isso a sua própria identidade do que é ser artesão(ã). Assim a tecnologia tem um potencial de ruptura com a manufatura mas no caso destes(as) artesãos(ãs) é mais um meio de atividade que preserva o conhecimento do fazer, este conhecimento não é transmitido para a máquina e não pode ser classificado como um “industrializado”, e nisto se revela toda a dignificação do trabalho do artesão.

Viver intensamente o presente e nele ser feliz é o planejamento de futuro que mais se destacou nessa pesquisa, a carreira do artesão é subjetivamente apropriada como algo que dota a sua vida de sentido e significado. O artesão faz de cada dia uma oportunidade única para inovar e ser criativo. E onde estará esse artesão daqui cinco anos? Segundo eles mesmos: “*Na feira. Porque eu amo a*

feira". Uma artesã deseja deixar a feira em, no máximo dois anos, devido à idade avançada, mas quer continuar fazendo artesanato em sua residência. Outro artesão pretende abrir uma loja de artesanato e não quer continuar com a feira devido à instabilidade de vendas e por ser em um único dia, não gerando a renda que necessita e, por fim uma única artesã que diz não pensar em seu futuro, apenas viver um dia de cada vez. Diante da centralidade do trabalho na vida humana, o artesanato tende a ser a alternativa para se afirmar como uma possibilidade de trabalho mais autônomo e criador.

O desejo pela preservação de costumes e cultura familiar se fez marcante nas entrevistas, demonstra o envolvimento dos artesãos e artesãs, não só com o objeto produzido, mas com os valores culturais. Valores e saberes que devem ser preservados, pela própria memória histórica do artesanato frente a expropriação do saber fazer do trabalhador. Para finalizar é importante destacar que os relatos e as imagens aqui apresentadas indicam também um registro significativo destas pessoas inseridas em um contexto social de trabalho. Um contexto de trabalho que por vezes é socialmente desqualificado ou desvalorizado pelo senso comum por uma convenção social da ordem e do progresso tecnológico que transforma a nossa sociedade em uma sociedade do consumo rápido e do produto descartável.

Mas o artesanato ainda que conviva nesta mesma sociedade capitalista e consumista, transpõe de certa forma a dominação do capital sobre o trabalho. O artesão busca em suas raízes identitárias e subjetivas um sentido de preservar a tradição do seu saber e fazer que é expresso no seu produto. É possível vislumbrar que estes trabalhadores do artesanato se realizam em sua atividade, conduzindo o seu fazer cotidiano de modo prazeroso e satisfatório, expressando a sua criatividade e imaginação e garantindo a qualidade daquilo que produzem e sua qualidade de vida.

Isso faz com que o papel desses artesãos e artesãs seja ainda mais relevante, no tocante à preservação de suas histórias, origens, tradições e culturas familiares, que juntas formam a cultura de uma das feiras mais importantes da capital paranaense, a Feira do Largo da Ordem, ou "Feirinha", como é popularmente conhecida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Tempo livre. *In*: ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 70-82.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ANDRADE, Mario de. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil [digitada], 1938.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. (Presses Universitaires de France, 1977). Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Qualitative researching with text, image, and sound**. London: Sage, 2008.

BAZZO, Walter A.; LINSINGEN, Irlan von; PEREIRA, Luiz Teixeira do Vale (Ed.); PALACIOS, Eduardo Marino García; GALBARTE, Juan Carlos González; CERESO, José Antonio López; LUJÁN, José Luis; GORDILLO, Mariano Martín; OSORIO, Carlos; VALDÉS, Célida. **Introdução aos Estudos CTS** (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Cadernos de Ibero-América. Ed. Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2003. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/salactsi/introducaoestudoscts.php>. Acesso em: 31 maio 2018.

BEATRIZ, Marilene Zazula. **Economia solidária: os caminhos da autonomia coletiva**. Curitiba: Juruá, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Un Art Moyen**. Essai sur les usages sociaux de la photographie. Paris : Lês Editions de Minuit, 1965. (Collection Le sens commun).

BRASIL. Lei nº 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23.10.2015, p. 2. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13180.htm. Acesso em: 31 maio 2018.

CAMPS, Victoria. El sentido del trabajo y el *ethos* individualista. **El Socialismo del Futuro**, n. 6, p. 123-132, 1992. Disponível em: https://esdf.files.wordpress.com/2016/03/10_victoria-camps_el-futuro-del-trabajo-y-la-polc3adtica-sindical_nc2ba-6-1992_editado.pdf. Acesso em: 31 maio 2018.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portal de periódicos**. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 28 out. 2018.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2002.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin. Trabalho e construção da identidade. **Psicologia em estudo**. v. 4, n. 1, p. 29-43, 1999.

CURITIBA. **Decreto nº 112**, de 01 de fevereiro de 2010. Regulamenta as atividades de Feiras de Arte e Artesanato no Município de Curitiba. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=174436>. Acesso em: 31 maio 2018.

CURTA CURITIBA. **Amanhã tem a Feira do Largo da Ordem**. Curta Curitiba [Facebook®], 09.12.2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/CuritibaCurta/posts/1436786983083200/>. Acesso em: 19 jun. 2018.

DAGNINO, Renato; DIAS, Rafael. A Política de C&T Brasileira: três alternativas de explicação e orientação. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 6, n. 2, p. 373-403, jul./dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.20396/rbi.v6i2.8648952>.

DIAS, Maria Sara de Lima; CORDOVA, R. P. A complexidade da escolha profissional: contribuições da psicologia histórico-cultural na compreensão da configuração dos processos decisórios. *In*: Maria Sara de Lima Dias. (Org.). **Introdução às leituras de Lev Vygotski**: debates e atualidades na pesquisa. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 99-112.

DICIONÁRIO Michaelis [online]. Busca pelo termo “**artesanato**”. [2019]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/artesanato/>. Acesso em: 16 mar. 2019.

DUARTE, Newton. **Vygotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. São Paulo: Cortez, 2000.

ENQUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FEENBERG, Andrew. Do essencialismo ao construtivismo – A filosofia da tecnologia em uma encruzilhada. NEDER, Ricardo T. (Org.). **Andrew Feenberg**: racionalização democrática, poder e tecnologia. (Série Cadernos Primeira Versão: CCTS – Construção Crítica da Tecnologia & Sustentabilidade. Vol. 1. Número 3) Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América

Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável – CDS. Ciclo de Conferências Andrew Feenberg, 2010.

FEENBERG, Andrew. **Entre a razão e a experiência**: ensaios sobre tecnologia e modernidade. Tradução de Eduardo Beira; Cristiano Cruz e Ricardo T. Neder. Portugal: Inovate, 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUJISAWA, Dirce Shizuko. **Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de crianças**: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a04n113.pdf>. Acesso em: 31 maio 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Arte e artesanato. *In*: WERLE, Marco Aurélio. **Escritos sobre a arte**: Johann Wolfgang Goethe. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Humanitas; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. (Obra original publicada em 1797). p. 87-89.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Frases. **Pensador**. [2018]. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/johann_goethe/3/. Acesso em: 19 jun. 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. *In*: 24ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd. **Anais [...]** Outubro, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Revista Diversitas – Perspectivas en Psicología**, v. 4, n. 2, p. 225-243, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GRANGEIRO, Rebeca da Rocha; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. O significado do trabalho para os artesãos da região do Cariri cearense. **Periódico Holos**, IFRN, v. 2, p. 190-206, jun. 2018. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6256>. Acesso em: 19 jun. 2018. doi: <https://doi.org/10.15628/holos.2018.6256>.

GULLAR, Ferreira. O artesanato e a crise da arte. **Revista de Cultura Vozes**, v. 88, n. 4, p. 7-12, 1994.

KNABEM, Andréa. **Construção da carreira em egressos do ensino superior público**: trajetórias e projeto de vida de trabalho. 2016. Tese (Doutorado – programa de pós-graduação em psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2016.

LEVY-LEBOYER, Claude. **A crise das motivações**. São Paulo: Atlas, 1994.

LIMA, Anna Erika Ferreira; SAMPAIO, José Levi Furtado Aspectos da Formação Espacial da Feira-Livre de Abaiara/Ceará: Relações e trocas. *In*: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2009, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/344189426/LIMA-A-E-F-SAMPAIO-J-L-F-Aspectos-da-formacao-espacial-da-feira-livre-de-Abaiara-pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

LIMA-DIAS, Maria Sara; SOARES, Dulce Helena Penna. Planejamento de carreira: uma orientação para estudantes universitários. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 53-61, jan./mar. 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.5884>.

MACHADO, Dinamara P.; MOCELIN, Marcia Regina A práxis reflexiva e autônoma provocada pela EAD: alunos e docentes em busca dos direitos humanos. *In*: DISTRITO FEDERAL (Brasil). **Diálogos sobre a Educação**. 3ª CONAE. Brasília, 2018. Fórum Nacional de Educação(FNE). Brasília: FNE/CONAE, 2018. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/2018/pdf/livro-dialogos-sobre-a-educacao-3-CONAE.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MANZINI, Eduardo Jose. **Entrevista**: definição e classificação. Marília: Unesp, 2004.

MARGLIN, Stephen. Origens e funções do parcelamento das tarefas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 07-23, out./dez. 1978. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901978000400001>.

MARTINS, Ana Lúcia Lucas. Sobre usos da fotografia na pesquisa sociológica: força persuasiva e/ou conflito de representações. *In*: **30º Encontro Anual da**

ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais. CD-ROM. p. 1-14, 2006. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt10-20/3297-amartins-sobre/file>. Acesso em: 31 maio 2019.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, Karl. **Capital**. v. 1. Tradução de Samuel Moore e Edward Aveling. 3. ed. New York: Modern Library, 1906.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. [Original de 1848]. São Paulo: Hedra, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **La ideologia alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos / Barcelona: Grijalbo, 1974.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de Marketing**: metodologia, planejamento, execução e análise. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul./dez. 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200005>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 04 out. 2018.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de; OLIVEIRA, Vânia Fortes de; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia. **Educar**, Curitiba [Editora UFPR], Especial, p. 151-174, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/nspe_/nspea08.pdf. Acesso em: 19 jun. 2019.

PORTUGAL. **Estatuto do Artesão e da Unidade Produtiva Artesanal**. Decreto-Lei nº 41/2001. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/41/2001/02/09/p/dre/pt/html>. Acesso em: 19 jun. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Instituto Municipal de Turismo – Feiras de artesanato**. [2018a]. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/artesanato-imt/42>. Acesso em: 19 jun. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Instituto Municipal de Turismo – Feiras**: Feira do Largo da Ordem. [2018b]. Disponível em: <http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/feiras/46>. Acesso em: 19 jun. 2018.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. *In*: BEUREN, Ilse Maria. (Ed.). **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade**: teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 76-97.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social, métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SAPIEZINSKAS, Aline. Como se constrói um artesanato: negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 38, p. 133-158, dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832012000200006>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 jun. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VLASOVA, T. A. (Ed.). Thinking and speech. *In*: RIEBER, Robert W.; CARTON, Aaron S. (Ed.). **The collected works of L. S. Vygotsky**. New York: Plenum Press, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNER, Langdon. Artefatos têm política? [Do Artifacts have Politics? *In*: WINNER, Langdon. **The Whale and the Reactor** – A Search for Limits in an Age of High Technology]. Tradução de Fernando Manso. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. p. 19-39. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/Trads/Artefatos%20tem%20Politica.htm>. Acesso em: 19 jun. 2019.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Conhecer o trabalhador artesão na perspectiva histórica:
passado, presente e futuro.

- a) Quando começou o seu interesse pelo artesanato?
- b) Como se originou?
- c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?
- d) Conte-me a sua história, suas origens o que te trouxe até aqui.
- e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?
- f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?
- g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e com a sua família?
- h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?
- i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?
- j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

1

ARTESÃO: EL GREGO

a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?

Há oito anos atrás. Há oito anos eu comecei a me interessar pelo artesanato, principalmente pela cultura grega, pela comida grega, né? E daí, passei a fazer os biscoitos e doces gregos.

b) Como se originou?

É da família, é da família. Eu faço... Eu tenho... Eu sou descendente de gregos., né? Tenho descendência grega, e... E são receitas de família, receitas tradicionais de família que a gente foi aprendendo. Eu fui aprendendo e fui... E fui fazendo.

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Sim. É total. A Influência familiar é total, total. Meu, meu avô veio da ilha de Simi na Grécia., né? E eu sou descendente dos Aviaras e fui aprendendo, a... a família é... tem um peso muito grande nessa...

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Não. Na realidade não. Na realidade não. Eu sou... eu tenho minha formação. Eu sou Tecnólogo em Segurança do Trabalho e já não estava satisfeito com a minha..., com a minha função. E daí vi, esse veio, essa... não é? Como um, um, um... um ganha pão, um ganha pão, uma maneira de ganhar o meu sustento e eu mesmo resolvi mudar de Segurança do Trabalho pra artesanato na culinária grega. Oito anos. Oito anos aqui no Largo da Ordem. Mas eu já faço feira há mais tempo, né? Mas aqui no Largo da Ordem, há oito anos.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Ah, sim. Tenho bastante lembranças e bastante história pra contar. É... Uma delas é..., é..., é ter aprendido a lidar com a massa, né? É ter aprendido... É aprender... Aprender a fazer os biscoitos a entender a manteiga. É... ao contrário do que todo mundo pensa, é... Não é fácil fazer amanteigados. É... Saber trabalhar com a manteiga. Escolher uma boa farinha. Uma... Escolher uma boa manteiga. Tempo de batida da manteiga. Aquecimento da cozinha. Então, é..., isso tudo pra mim foi uma experiência nova e difícil. Joguei algumas receitas foras no início até aprender, né? E tem outras experiências também que é atender. É... Lidar com o público é..., é bem complicado. E... Aguentar perguntas como “Por que que é Grego?” “Isso é grego mesmo? “É, qual a diferença do grego é pros, pros outros amanteigados?” É... atender o público é muito difícil. Cada um a sua..., né? A sua peculiaridade, as suas ideias. E... Isso foi um desafio grande pra mim. É... Não me irritar tanto e saber entender o meu público. Saber, e... a..., a..., atendê-los e com mais calma, e levar isso, na realidade mais na brincadeira, né? É... Já chegaram na minha barraca uma vez, perguntando se eu vendia rapadura. “Ah, o senhor tem rapadura?” [hahaha]. É... é complicado você ouvir isso quando você tem uma barraca de biscoitos e doces

gregos, né? É... essas histórias são muito legais. Mas eu..., eu..., eu tive é... Mais histórias felizes na realidade, mais momentos felizes no artesanato do que tristes. É... Eu acho que o..., o mais chato deles foi eu ter que jogar as minhas receitas, algumas receitas foras, né? Ou não botá-las pra vender porque realmente estavam fora de padrão. Mas... Do mais foi realmente mais divertido. Foi bem divertido assim.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Ah, o artesão curitibano é um cara que tem... boas ideias, é... gosta de trabalhar, porque a gente tem que gostar de fazer o que faz. É... e enfim, gera lucro, gera, gera, gera renda... é... enfim...Hum... É... não. Aqui... na Feira do Largo da Ordem é uma história de vida. E essa feira já tem quarenta anos, né? Eee... as pessoas que estão aqui já vem, já tem uma tradição de..., de artesão, de artesanato, né? Então elas são pessoas que já tem uma história realmente grande de vida na..., no artesanato.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Eu sou casado. Tenho filhos. Que me ajudam aqui... [hahaha]. Então, eu produzo isso em casa, né? Eu produzo isso em casa. Eu tenho... é artesanato então eu não tenho uma indústria. Eu trabalho em casa, pra ser artesanato, né? Então eu trabalho junto com a família... é familiar. É... vez em quando a minha mãe... inclusive foi a minha mãe que me ensinou, né? A fazer, e ela até hoje me ajuda aí... a produzir.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Certo... É... Normalmente eu tiro a segunda-feira pra comprar insumos de processo, que eu não, eu não tenho estoque. Como eu trabalho, sou artesão eu vou comprando isso pra semana. Então eu tiro a segunda-feira pra poder estocar, pra poder comprar o meus insumos que eu preciso manteiga, farinha, enfim... óleo. O que eu preciso pra produzir. E na semana, daí de terça a sexta-feira eu passo produzindo, né? Eu vou fazendo as produção dos biscoitos e dos doces.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Não... A tecnologia é artesanal, né? É artesanal. Até mesmo porque é feito em casa. É um artesanato, então é forno caseiro, é batedeira caseira, os i..., os..., os produtos que eu uso, na realidade, as ferramentas de trabalho são todas artesanais e caseiras mesmo. Não tem nada industrial.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Então hoje, eu tô satisfeito com o meu trabalho. Hoje eu tô satisfeito com o que eu produzo, com a quantidade que eu faço, e com o que eu tô vendendo, né? Pode ser que pra um futuro, é... Eu amplie e compre extrusoras, as máquinas, torne o trabalho mais, mais, não tão artesanal, né? Mas hoje eu tô satisfeito com o que eu tô produzindo e com o que eu tô é... vendendo na realidade. Na feira a gente não é obrigado, mas eu recolho como autônomo. Eu recolho meu INSS com certeza.

ARTESÃ: DEDOCHES**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

É... Eu buscava alguma coisa que me completasse como desenhista. E... Conhecendo pessoas da feira eu acabei me interessando por execução de flores artesanais em EVA, e entrei no Largo justamente porque era um produto inovador na época.

b) Como se originou?

Eu tenho curso de desenho técnico pela antiga Escola Técnica Federal do Paraná. Da Escola Técnica eu entrei como estagiária na multinacional Incepa onde trabalhei por quinze anos como designer master. A empresa foi vendida para um grupo espanhol e desativados muitos setores incluindo o de criação. Na época fui convidada pelo concorrente mas teria de mudar para Santa Catarina. Com duas filhas pequenas e um esposo trabalhando aqui não seria viável. E aqui não consegui colocação na mesma área que me proporcionasse salário parecido com o que eu tinha. Então passei a auxiliar meu esposo mas a lacuna do trabalho com desenho ficou em aberto. Daí busquei o artesanato.

c) Conseguir identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Não. A única descompensada da família sou eu. [Hahahahaha]. Eu que tive esse sonho. Desde criança sempre gostei muito de desenhar.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Eu lembro... Eu estava em uma reunião familiar e conheci uma pessoa que trabalhava na época aqui no "Largo" e eu perguntei pra ela como que eu faria pra entrar no ramo de artesanato, e aí, a pessoa me indicou a Secretaria de Turismo. Eu fui lá, entrei em contato com a coordenadora na época, e ela me explicou que eu deveria trazer três trabalhos que seriam avaliados, e se fossem selecionados, eu primeiro passaria por uma etapa de pelo menos um ano em feiras de bairro. Primeiro no bairro.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Da feira, só tenho lembranças boas. [hahaha]. É muito gratificante, principalmente se você gosta daquilo que você faz. Porque toda vez que você trabalha com o que você gosta, você não trabalha você se diverte. E... Na feira você aprende muito, com diversas técnicas de outras pessoas, então é bem, bem interessante.

Bom. Tem clientes que acham que a gente tem uma maquininha pra executar o artesanato. Então... Eles acham assim, que é muito fácil de você fazer e... Então você pode dar o desconto que eles acham interessante. Isso é bem, bem corriqueiro. É uma prática muito recorrente. A não valorização do trabalho.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Batalhador. É um batalhador. A maioria das pessoas estão aqui por complemento de, de rendimento. E... Tem os que gostam que têm já... Amor à feira. E tem os que só

têm esta atividade. Então é misto a..., a função do artesão. E eles gostam muito do que fazem, e procuram sempre técnicas novas, procuram sempre se aprimorar porque senão você não se mantém no mercado. A atualização é constante, constante.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Bom... No período da manhã eu auxilio meu esposo numa empresa familiar. Uma..., uma oficina em autopeças de escapamentos. E... Auxilio um pouco na parte de papéis, né? E... No período da tarde, eu me dedico exclusivamente a minha atividade de artesanato.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Meu dia é bem cronometrado. Eu tenho que, assim, determinar certinho a minha função é..., é bem dividida. No período da tarde eu chego em casa, eu tenho meu horário de almoço, arrumo, faço minha arrumação da cozinha, e a partir dali eu vou pro meu artesanato, porque eu tenho as encomendas que são é... Como qualquer empresa você tem um prazo a cumprir, você tem uma data pra entregar. Você tem que manter a qualidade do teu trabalho, porque te conheceram trabalhando aqui na feira. Então eles vão cobrar a mesma qualidade que eles veem aqui. E, eu fico até em torno de umas 18 horas só no artesanato. E depois do jantar, eventualmente eu fico até, até a madrugada daí, fazendo esse trabalho porque eu sou, tenho uma vida meio noturna [hahaha].

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

A internet me ajuda muito. Porque, têm muitas... É... Como eu trabalho com produto infantil, tem muitos é..., produtos, muitos personagens da mídia que pras historinhas infantis são cobrados, né? Durante a venda de produtos. Então eu utilizo muito a internet. Eu trabalho muito com é, Xerox, porque, às vezes, eu preciso fazer ampliações e reduções, que se eu ficasse fazendo tudo normalmente eu ia trabalhar muito tempo e é desnecessário se eu tenho a tecnologia a meu favor. Então eu trabalho, faço ajustes e só desenho mesmo, no momento que eu tenho que, que executar as adaptações pro..., pro meu produto. Os recortes... É um processo, cem por cento manual. Cem por cento manual. Inclusive os olhos, as..., a face dos bichinhos, tem que ser todas elas feita artesanal. Por isso que é o diferencial do meu produto, que tem muitos outros trabalhos que são feitos, que existem as carinhas compradas, que você adesiva em cima do..., do teu trabalho. Mas elas vão ficar sempre com as carinhas iguais. E o meu trabalho não. É desenhado carinha a carinha e feito manual. Não tem muito jeito de você fazer.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Bom, eu estou num processo de aposentadoria, que eu não sei se o governo um dia vai liberar [haha]. Estou aguardando isso, mas não dá, é o tipo de coisa que não dá pra você contar muito. Pretendo continuar na feira até onde eu conseguir, porque eu gosto da feira, gosto, e, além do que eu tenho um complemento de..., de renda através da feira. E, eu tenho, fiz investimentos durante toda a minha vida, com imóveis, então eu dependo, tenho aluguéis também. A minha aposentadoria é isso. Com o governo não dá pra contar não.

ARTESÃ: PROFESSORA**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Eu... Desde criança aprendi a fazer artesanato. Minha mãe já fazia e eu... comecei a fazer, desenvolvendo os meus produtos mesmo. Aprendi, né? Fiz curso. É... Mais assim em igrejas e, e..., fiz curso mais aperfeiçoado, né? E... Aí comecei a fazer meus artesanatos.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Sim, tive Influência da família. Minha mãe, ela fazia chinelos, mas por necessidade, né? Fazia chinelos de pano, né? Ela fazia, a gente ajudava e..., né? Aí fui pegando gosto, mas só que eu na realidade não fiz o produto que ela... Mudei de produto, né? Mas não o que ela fez.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Ah! Eu... primeiro eu..., eu fazia artesanato em casa, né? Aí depois eu, é... Surgiram as feiras de bairro, de bairro. Aí eu fui pra feira de bairro, fiquei doze anos em feira de bairro, e já fiz inscrição pra entrar aqui já há muito tempo, né? Desde o começo, mas nunca consegui. Levei quinze anos pra conseguir entrar aqui. Pra conseguir uma vaga aqui na Feira do Largo. Eu só tô aqui há três anos.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Olha eu... no artesanato... é como... eu não só faço o artesanato, como eu dou aula também de artesanato. Aí então eu..., eu fui convidada a participar... é fazer artesanato, ensinar o artesanato em São José dos Campos, em São Paulo. Aí eu..., aí então eu vi lá que o pessoal é..., é..., faz mas... é, assim com muita dedicação e, e, eu ficava alegre porque eu chegava lá eles já estavam produzindo e vendendo meu artesanato. E, e, tinham recém começado, então eu saía daqui, e ficava quinze dias aqui em Curitiba e quinze dias em..., em São José. Aí eu trabalhava com senhoras numa igreja, né? Que uma vez por semana só que retornavam. Então eu ficava alegre, que eu chegava... eu ensinava, nossa elas tinham o maior interesse em aprender, aí quando eu voltava da próxima vez elas já vinham me mostrar que já tavam produzindo e já tavam ganhando o dinheiro delas com o artesanato.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Olha, é..., é, assim o artesão na realidade, sem um, tem que ser um artesão que produza o seu produto no caso, né? Que faça, né? O seu bordado, né? Então a gente tá vendo que agora meio que desvia um pouco, né? O artesanato, do produto do artesão natural mesmo, que faz desde o começo da peça. É dá o começo, início e o fim da peça. Então a gente vê que, às vezes, tem coisa industrializada que já foge um

pouco do artesanato, né? Mais aqui, graças a Deus ainda continua, né? Muitas barracas ainda têm o..., o artesanato legítimo mesmo, né?

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Olha eu agora já tenho meus filhos todos casados, tudo moço, né? Mas tenho meus netos. Então eu, eu cuido deles, né? E quando eles vão pra escola daí que eu posso sentar tranquila, né? E produzir meu artesanato, né? Quando vai levar pra escola, volto daí faz, né? O artesanato. Daí a gente não tem hora pra terminar, né? Daí vai que... daí eu pego o embalado e vou embora, né?

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Olha eu gosto de produzir assim... não... é... como eu faço diversificado os meus artesanatos, tem coisa diferente, então eu tenho que... é ter um objetivo. Hoje eu vou produzir só descanso de panela por exemplo. Então aí eu tenho que cortar, cortar por série, né? E como eu não tenho máquina, eu corto tudo manual, né? Então eu, eu faço aquele tipo da..., na semana e como eu venho no domingo aqui, o que eu vendo eu procuro repor o que eu vendi, né? Pra não ficar desfalcado, né? A minha barraca. Mas eu vou fazendo assim, vou produzindo o..., conforme vai pedindo e produzindo novas peças, né? Quando dá, né? Porque, às vezes, a gente acaba vendendo, graças a Deus, bem, né? No domingo, daí você tem que produzir o que você vendeu, o que você que já tinha. Que daí você sai do teu, do teu esquema, né? Que o bom mesmo é você corta bastante e já produz tudo. Uma quantidade razoável que dá, né? Pra mais de mês e aí depois você vai produzindo só o que você... repõe o que já vendeu, né?

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

É, não tem muita tecnologia porque, porque, por exemplo, surgem máquinas novas, né? E..., e..., assim a gente trabalha com artesanato mais é... as máquinas ajudam muito. Mas eu na realidade, o meu é tudo, tudo produzido manual, sem máquina mesmo, né? Não modernizei, continuei do sisteminha antigo, né? Dá..., dá..., dá..., dá confecção. Do corte, tudo sem máquina. Tudo manual mesmo.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Olha eu... hoje já aposentada, né? E como já faz muitos anos que eu trabalho com artesanato. Eu não trabalhava com feira. Porque antigamente não tinha, né? Se bem que esta aqui já tem há mais de vinte anos. Mas eu não tinha... eu, eu sempre quis... eu vinha visitar a feira e tinha vontade de entrar. Não conseguia, né? Daí fui fazendo meu... é..., é meu artesanato em casa e fui vendendo em casa mesmo. Como hoje, até hoje eu ainda vendo na feira e vendo em casa também. É o pessoal conhece a gente daí ele vem procurar, né? Então eu... assim, lógico a gente tem uma... queria que meus filhos, né? Também fizessem, né? Mas... o único que tem interesse é meu filho que se a gente mostra ele, né? Tem mais habilidade. Daí outros assim, em casa não tem, então a gente queria que... pra continuar, né? Dar uma continuidade no que a gente começou, né? Que senão é... acaba tudo, né? Exatamente. Daí acaba e você vai embora daí os produtos... teu vai pra um e pra outro... a pessoa não sabe como lidar, né? Não sabe como que vai. Eu queria que continuasse.

ARTESÃ: LIVRINHO**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Na verdade, eu fui meio forçada a gostar do artesanato. A família inteira, né? Artesã. E, eu era muito ansiosa, com sete anos, lembro até hoje da consulta médica, e... A minha mãe perguntou para o médico se ela podia me ensinar a fazer tricô. E aí comecei, né? Me apaixonei pelo tricô e fui do tricô pra madeira e da madeira pra pintar, e de pintar pra bijuteria. E aí de tecido, vestido, roupa, lençol... Tudo [hahaha]. Tudo. E... Sempre me interessei, né? Sempre. Sempre gostei. Fazia reuniões lá em casa, lá minha mãe fazia, daí tudo as primas, tias e todo mundo sentava numa mesa enorme que tinha e fazia artesanato. Sou de origem alemã, italiana e polonesa. Então juntava a família toda. E daí vinham, porque aqui a casa era grande, né? Da minha mãe, aqui pertinho. E tinha a lavanderia que a gente chamava, que era uma casa enorme no meio da casa dela, do meu avó. E... Aí a família toda trazia peça pra pintar, é..., é tecido, tudo, tudo. E daí deixava lá, né? Porque tinha espaço pra deixar.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

A influência é totalmente da família, totalmente. Minhas irmãs fazem, o meu pai também fazia [hahaha]. É, minhas irmãs, minhas sobrinhas desde pequenininhas fazem. Meu filho agora com oito anos, ama fazer coisas com sucata, construir, montar, já pediu pra eu ensinar tricô, já ensinei fazer tricô, já ensinei a fazer tapeçaria, e, casei com o pai dele que também fazia. O enxoval do..., do..., do nosso filho ele também fez. Lençol, fronha ele fez tudo [hahaha].

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Então, junto com o artesanato eu sempre estudei e me formei, e fiz especialização e sempre trabalhei na minha área. Sou Engenheira Cartógrafa. Fiz CEFET, edificações e depois fui pra UFPR. Me formei e já comecei a trabalhar na área. Só que sempre o meu *hobby* era fazer artesanato, né? E, na hora do almoço eu ia na Daiara. Ali correndinho. E em dois mil e um eu fui embora daqui. Fui pra São Paulo. E São Paulo é uma cidade louca, né? Então eu trabalhava de dia, ficava em casa, não tinha aonde ir, né? Porque é tudo muito longe, eu ficava pintando. Vinha final de semana, cortava meus MDF e ficava pintando lá toda noite. E aí ao longo de todos esses anos eu fiquei fora, né? E há três anos que eu voltei pra Curitiba. E, nesse meio tempo eu vendi, ou fiz só pra mim e fiz pra família, né? Não tinha um local fixo. Há cinco anos que eu comecei a vender mais, aí esses livros que eu fiz agora, né? Os livros pedagógicos, né? Por causa do filho, livros em tecido. Fiz um pro meu filho a psicóloga lá da escola adorou, e... E aí comecei a vender. Mas junto com o meu trabalho da parte de engenharia. Aí teve, né? Infelizmente essa limpa aí na Petrobras, né? Que eu tava lá. E aí fiquei sem emprego totalmente, né? E aí eu falei, a agora vou só pro artesanato, né? E aí vim embora, né? Que eu tinha esse apartamento aqui e tentei a feira que é um sonho da nossa família, né? Trabalhar naquela feira ali [hahaha]. Estou lá vai fazer

três anos. É, porque eu cheguei aqui na metade do ano, final do ano eu já, já entrei lá. É que é um produto bem diferente, né? Então foi fácil entrar.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

É o primeiro que eu fiz, né? [haha] porque a minha mãe achou que eu ia levar assim, um mês pra fazer, né? O meu colete [hahaha]. Saímos do médico aquele dia, comprou a lã, as agulhas, eu cheguei em casa, e no outro dia tava pronto. E aí começou, né? A minha mãe começou até a ficar maluca, porque eu só queria lã, lã, lã. Em dois dias eu fazia uma blusa pra mim. Então assim, foi... Que ela não esperava, né? Nem eu esperava [hahaha], que eu fazia tão rápido assim, né? Então não foi só pra descarregar um pouco da ansiedade, mas eu até gostei. E com dez anos eu até vendia. Uma mulher achou lindo meu tricô, ela achou lindo meu colete, fiz um colete enorme pra ela [hahaha]. Com dez anos foi minha primeira venda de artesanato.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Assim, eles não, não assumem, mas são apaixonados pelo artesanato, né? Muitos falam que tão lá por causa... Financeiro, né? Por causa de dinheiro mesmo, mas... Quem tá lá tem que gostar. Não... Não tem..., tem que gostar pra ir pra feira.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Maravilhoso [haha], embora eu trabalhe de domingo a domingo, né? Não tem folga. Não tem. Mas o bom assim que eu consigo é... Por exemplo, sexta-feira o meu filho tem médico. Eu consigo ir tranquilamente no médico, volto e continuo fazendo. Mas eu levanto às cinco da manhã, mas vou dormir cedinho com ele. E, é direto, né? Sábado, domingo, chega encomenda eu vendo pela internet também. Então não tem dia, né? Paro pra, paro pra ajudar na tarefa. Paro pra brincar um pouco, mas é direto. Meu padrão não me incomoda [hahahaha].

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

É todo dia mas... [haha]. É, levanto as cinco, né? Da manhã. E aí até sete horas que eu levo ele pra escola eu não uso a máquina, né? Pra não fazer barulho, senão vão me tocar aqui do prédio [haha]. Então eu uso esse tempo pra passar, né? Que eu passo o tecido, ou recortar. Ou montar o livro, né? Deixo ele montadinho. Aí eu levo ele na aula, sete e quinze tô em casa, daí eu costuro. Aí eu fico até as onze e meia costurando. E, pego ele onze e meia, volto dou almoço e continuo costurando e vou até as oito e meia da noite.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Uso tudo [haha]. Eu, por causa do meu trabalho de engenheira, né? Eu trabalhava muito com programas, né? De desenho, de..., de coisa. Então eu continuo usando todos os meus programas [hahahaha]. Faço desenho... É programa técnico, né? Desenho técnico, né? Mas eu uso tudo pra fazer minhas coisas. As vezes digitalizo alguma imagem que eu queira e faço todo o desenho de novo por cima. Então eu uso o computador, uso muito a impressora, uso o... Eu tenho duas máquinas de corte. Uma é digital, outra é manual. E tudo o que puder eu uso.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Daqui a cinco anos acho que eu tô aqui de novo. Mas nesse meio, acho que eu vou ter que sair [hahaha]. Tenho proposta já de voltar para a Petrobras, ano que vem. E, assim, sinto por deixar a feira neste período, mas não vou parar de fazer, né? Os artesanatos. Vou continuar fazendo por... Vendendo pela internet, né? Mas na feira não posso mais, né? Não dá pra ficar. E depois quando voltar vou tentar de novo. Acredito que vou sair daqui por um período determinado. Bem uns cinco anos eu acho [hahaha]. E eu vou voltar porque é isso que eu gosto de fazer. Tranquilo. Eu só podia vender mais, né? Mas... [hahaha]. Financeiramente que o retorno é bem pouco, né? Mas é uma fase do país, né? Os clientes adoram meu trabalho. Adoram, adoram. Difícil, mas é muito difícil alguém não gostar. Assim, acho que eu conto numa mão só alguém que reclamou de alguma coisa do produto. Todo mundo fica fascinado, né? É um produto que ajuda muito a criança, né? E nesse mundo de tanta tela, né? Ter um material lúdico assim é muito bom.

ARTESÃ: VOVÓ

a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?

Luci: Bom, o meu interesse pelo artesanato já faz muito tempo, desde menina eu sempre gostei de trabalhar com... Manualmente, fazer coisas com a mão. Então... Na realidade o..., o..., eu ir pra feira foi só um pulo mesmo.

Eletra: Eu... Pelo artesanato foi depois que eu... Eu sou paulista. Eu sempre costurei. E residindo aqui em Curitiba me encontrei com a Luci e ela já tendo as máquinas e muito material, me convidou para trabalhar com ela e aí nós começamos essa atividade de artesanato. Eu também gosto muito de trabalhar com as mãos.

b) Como se originou?

Bom, é o gosto mesmo. É o gosto de tá com a mão trabalhando. A gente tem... É um prazer que a gente tem trabalhar com as mãos.

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Luci: Eu... Comigo foi eu que dei origem. Não foi da família não.

Eletra: E eu comigo, fui acompanhada pela Luci. Porque a Luci é muito criativa, e ela cria muito os modelos. Tudo parte dela. E eu ajudo na confecção. E nas vendas também. Minha influência é a Luci. Minha amiga há trinta... Há mais de trinta anos.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Primeiro nós tínhamos uma loja... Um espaço. Um espaçozinho num, num complexo que já ficava ali do lado do Largo, do..., da Igreja do Largo da Ordem. E ali tinham várias, várias pessoas que tinham um estandezinho que vendiam as coisas. Nós começamos ali. Porque na realidade nós começamos a fazer as coisas e a gente não tinha como distribuir. Começamos a distribuir a... Nas lojas, mas sob consignação e vimos que aquilo não tava dando certo, né? A consignação. Então resolvemos ter aquele, por o nosso produto em algum canto que a gente pudesse vender, porque nós estávamos trabalhando sempre e começou a acumular o produto, e a gente tava gastando material, nós tínhamos que fazer o retorno do dinheiro pra gente conseguir fazer mais coisas.

Na feira, na realidade... Na realidade, a Eletra foi a primeira que foi lá e levou nosso produto, naquela época era a FAS, nós levamos nosso produto lá. E eles avaliaram e, nós ficamos na fila esperando até a..., a..., até ser, sermos chamadas ali pra entrar na feirinha.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Bom nesse período que eu trabalho com artesanato, bom, tem..., tem algumas coisas, por exemplo, é muito gratificante a gente ver as pessoas, vão olhar o meu artesanato e achar meu artesanato lindo, caprichoso. Porque é o que a gente procura muito é no capricho. Agora uma coisa que marcou muito foi quando queimou e, esse complexo que a gente tinha todas essas lojinhas, que o..., o em 1989, queimou e nós perdemos tudo o que nós tínhamos lá, né? Não, 1998, 1998 então nós perdemos tudo. Então isso aqui ficou muito marcado pra nós, né? Foi um incêndio onde a gente tinha a loja e

queimou tudo. E nós tivemos que sair... Só não saímos no zero porque tinha muita coisa ainda em casa, porque eu comecei em casa. Depois que eu vim pra cá. Mas eu, nós começamos em casa. (Nessa época nós já tínhamos lugar na feira, já tínhamos nosso espaço na feira). É, na época que queimou, nós já tínhamos, a..., o..., sorte nossa, já tinham chamado nós pra feira. Já tínhamos a loja... A banca na feira quando queimou.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Estamos na feira há mais de vinte e poucos anos. Há mais de vinte... Bom, a gente sente, eu sinto assim, que tem pessoas que tão ali por que tem prazer de confeccionar, fazer o artesanato, tem prazer de, de fazer o produto, levar o produto pro..., pro cliente, mostrar como é que foi feito e tal. Agora eu acho que tem outras pessoas que tão ali por necessidade, porque precisam, estão sem emprego, né? Então vão lá, começa a fazer um, gosta de artesanato, começa a fazer alguma coisa e, e tão ali por necessidade mesmo, sabe? É lógico que isso aí sempre, por exemplo, eu tô lá, eu..., eu, é um dinheiro que entra, que ajuda, sempre ajuda, né? Uma despesa a mais que a gente tem, né? A gente sempre, tá ajudando a gente, né? Mas a gente nota que tem pessoas que tão ali que precisam mesmo. Eles vivem do..., daquela feira ali. É a única renda que eles têm é essa feira. E mais uma coisa, pra enaltecer o nosso produto, as pessoas, várias pessoas passam e falam: nossa seu produto é o mais lindo da feira. Mas isso toda... Não passa um mês que as pessoas não elogiam. Pessoas que vem pela primeira vez: “— Nossa, mas que coisa linda que vocês fazem.” E mais um detalhe, o nosso, os nossos produtos não, não estão no Brasil todo. Eles estão no mundo todo. As pessoas vêm especialmente lá buscar o nosso jogo pra levar pra fora. Porque não quebra, não pesa, não faz volume na mala, e muitas pessoas, mas muitas mesmo há muitos anos, todas as partes do mundo têm o nosso produto. Isso é muito gratificante.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Bom aqui é, é..., por exemplo, a gente é de segunda, era de segunda a segunda. Aí nós resolvemos no ano passado tirar um dia pra nós. Então agora é de segunda a sexta, mas sábado a gente faz uma feira no Shopping Novo Batel, e no domingo a gente faz a feirinha no Largo da Ordem. Então é assim, a gente não tem um horário fixo aqui. Porque uma hora a gente tem que atender alguém em casa, e tudo. Mas é assim, de manhã a gente chega às nove e meia, dez horas, dez e meia, é o horário que a gente chega aqui e fica aqui, a Eletra almoça aqui, eu não almoço, a Eletra almoça aqui e ficamos aqui até as dezenove, dezenove e pouco, mais ou menos, a gente fica aqui.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Realmente isso faz parte da minha vida. É tão importante esse trabalho que eu faço aqui que muitas vezes eu chego aqui e falo pra Eletra esse espaçozinho que nós temos aqui, é a melhor coisa que tem, porque você já pensou, eu em casa, sem fazer nada, como é que estaria a minha cabeça? E toda vez que eu chego aqui, e começo, e penso numa coisa, vamos fazer assim, vamos bolar isso aqui, e depois quando está pronto a gente olha assim e fala: nossa eu não acredito que nós conseguimos fazer

tudo isso aqui. Então isso pra nós é muito gratificante. Pra nossa cabeça... A Eletra que agora recente... Recente não, mas tem cinco anos que ela perdeu, perdeu o esposo, já pensou se não tivesse este espaçozinho aqui pra ela... Se ela tivesse que ficar em casa?

Eletra: (Se você quiser eu falo...) O meu marido também estava aposentado e..., e precisava fazer alguma coisa, depois ele começou a se dedicar na pintura e por fim ele tinha também uma barraca no Largo da Ordem, que até hoje as pessoas vem me procurar, porque que não tá mais? Porque, infelizmente, faz cinco anos que ele faleceu. Mas ele também era artesão.

É. A primeira coisa. Nós aqui a primeira coisa que nós temos que fazer é... Cortar. Porque como nós trabalhamos com "Patchwork" é..., é uma, é a emenda dos retalhos. É você emendar os retalhinhos. Então a gente corta, tem que jogar as cores, as cores pra, as cores bonitas, a..., a..., as cores têm que se combinar. Então a gente corta primeira coisa que faz, é chegar e cortar. Corta, aí depois monta aquilo, costura, emenda os paninhos tudo que a gente cortou. Cortou os paninhos depois emendou os paninhos. Aí depois a Eletra, vai pra Eletra, a Eletra põe o..., o..., a espuma, coloca o forro depois vai pra minha máquina que eu faço o tal do quilt, que é o matelassê, muitas pessoas chamam de matelassê, mas no "Patchwork" mesmo, na..., no "Patchwork" eles chamam de quilt, aí eu faço essa parte. Aí depois nós temos duas pessoas que nos ajudam é, só uma colaboradora nossa, elas finalizam o trabalho. Mas elas não são nossas funcionárias, são só prestadoras de serviço aqui pra nós. Então elas vêm uma vez por semana assim, e elas ajudam a gente aqui. Então a gente passa pra elas, então sai o produto, sai o final mesmo, o produto final. O muito gratificante é... quando você é, está assim atrás do balcão pra vender o seu produto, que a pessoa chega e fala: "— Mas que lindo, olha eu não sei o quê que eu vou levar. Nossa não sei o que escolher." Então isso pra gente é muito gratificante. Isso pra cabeça, a cabeça da gente é muito bom. Dá..., dá até orgulho do que a gente faz. Uma coisa que tá agradando. E eu, e a gente gostando. Porque não é, nós não fazemos pra vender, pra ganhar, nós fazemos prá..., prá..., muitas vezes prá agradar, agradar as pessoas. E com isso é lógico que vem o dinheiro que faz parte, é a consequência. Mas não aquela coisa que eu vou fazer, e fazer de qualquer jeito, porque eu tenho que vender, porque o dinheiro, porque nós... Não é isso. Nós primamos pelo nosso acabamento. Se percebemos, ao terminar o produto, que tem algum defeito, alguma falha, qualquer probleminha, ele já é retirado, ele não vai... pra venda.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Bom, pra nós aqui, por exemplo, quando que nós começamos a fazer o "Patchwork", nós cortávamos muitas das coisas com a tesoura. Hoje nós não cortamos mais com a tesoura. Nós cortamos agora com cortador. Aquele cortador é, circular que a gente corta, e nós temos uma prancha. Então isso pra nós foi assim, foi um pulo. Porque a gente cortava com a tesoura, demorava, a gente tinha que passar a régua pra marcar. Agora a gente não passa, porque a gente tem uma prancha. Ela é toda marcada em centímetros. Então a gente põe o tecido aqui e passa e corta, corta com a navalha. É uma navalha que vem, é uma navalha circular. E agora na tecnologia ali, nas máquinas, nós temos duas máquinas, são eletrônicas. Então ali pra elas foi muito bom. Primeiro que elas não têm barulho no motor. Você pode ver que lá estão... Você não vê o barulho do motor. Elas não..., não..., não têm o barulho do motor e ela, e ela automaticamente ela levanta o pezinho, ela corta o..., o..., o..., a linha e ela põe a

linha lá para trás. Que antes, a pessoa não precisa fazer, não precisa levantar o pé, e puxar a linha pra trás com a mão. Não precisa fazer nada disso. É, a..., a..., máquina faz tudo sozinha. Agilizou um pouco o trabalho. Então isso aí agilizou bastante. Mas a máquina não tem a criatividade [Hahahaha], a criatividade não... [Hahaha]. Nós que temos que criar realmente a gente que tem que por a cabeça pra criar. E muitas vezes a gente cria alguma coisa diferente, e lá na feira, você sabe, é..., é..., é pra todo mundo ali. Todo mundo vê o produto da gente. E muitas vezes as pessoas vêm e copiam nosso produto. O produto, a gente fica meio chateada, mas tudo bem, a gente tem que aceitar. Numa boa. Ela, ela daqui fica muito, a Eletra fica muito chateada. Aí eu falo: “— Eletra, nós criamos, a pessoa copiou, sabe o que nós vamos fazer? Criar outra coisa. A gente faz outra coisa. Vamos fazer outra coisa. Pô, vamos criar outra coisa. Exato. Vamos criar outra coisa. Esse aqui a gente já deu, deixa porque é, é daqui a pouco tem um monte de gente fazendo. Então vamos criar outra coisa.” Você sabe que a muito tempo atrás. Há anos atrás já, a Luci desenvolveu um tal de porta pirex. E aí a gente colocou... Muito prático, ele é muito prático, muito bonito que fica. E... E ele é seguro pra pessoa transportar uma..., um alimento quente, gelado, que seja o que for. Quando for pra casa de alguém pode levar neste porta pirex. E eu... A maneira com que eu explanava o produto quando alguém perguntava o que era. Uma vizinha de feira foi copiou o meu produto e começou a fazer. Não consegue fazer igual, mas até as palavras que eu uso pra demonstrar o produto ela usava. Copiou até a minha fala. Até a minha fala [Hahahaha]. Ele leva uma alça de bambu... Só que a dela era uma alça de madeira. Até... Olha aquilo eu fiquei... Então sempre que elas fazem... Elas copiam alguma coisa, a gente vai e faz coisa diferente. Tudo que é bem feito, as pessoas tendem a copiar. Exatamente. O que é feio ninguém copia. Não. Não. Mas só tem uma coisa, ela, ela fica muito assim... Muitas vezes ela fala: “— Você viu? Elas estão fazendo uma coisa igual a nossa.” Eu falei não faz Eletra. Não faz igual ao nosso. Ela pode copiar fazer mais ou menos parecido com o nosso. Mas igual o nosso não faz. Que o nosso acabamento não tem ninguém que faça nosso acabamento, perfeitinho que nem nós fazemos. Então por mais que as pessoas queiram copiar, o acabamento não fica igual. Mais um detalhe, às vezes, elas vêm, não vê o produto da gente e compra em outro lugar. Depois que chega na nossa banca, mas ficam horrorizadas de ter comprado no lugar. Certa vez, uma moça comprou uma porção de peças num, num, num rapaz, até que era fornecedor nosso das cestas. Hoje não é mais, graças a deus. Não compramos mais com ele as nossas cestas. E... Quando ela chegou na nossa banca ela ficou horrorizada de ter comprado lá. E ela estava junto com uma amiga. A amiga falou: “— Já que você não gostou deste que você comprou, dá pra sua mãe e compra tudo novo aqui.” E ela: “— É isto mesmo. Isso aqui vai tudo pra minha mãe. E eu quero comprar.” Mas fez uma compra enorme. Comprou o jogo todinho. Todas as peças [Hahahaha]. Acho que ela não gostava muito da mãe então, né? [Hahahahaha]. Não! Mas ela não queria perder, né? Não queria perder. Você acredita nisso? [Hahaha]. Eu vou dizer. Ela deu uma coisa feia pra mãe. Não, não era só feia, era mal feita. Se fosse pra sogra ainda. [Hahahaha]. Aí era pior ainda. Pra sogra. [Hahaha]. Mas foi ou não foi isso? Foi! Nunca me esqueço disto. “— Vou dar isso pra minha mãe. Olha eu quero este e este”. E levou. Fez aquele pacotão. Fiquei com a cabeça, que fiquei inchada, assim!

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Aí... Daqui há uns cinco anos realmente... Eu e ela estamos pensando... Olha... Eu já não comentei com a Luci tudo. As minhas filhas... Eu dizia pra elas: “— Oh, quando

eu chegar nos oitenta eu não vou trabalhar mais. Agora eu quero sossegar um pouco.” E, ela chegou nos oitenta e ainda esta aí. Agora eu comentei com elas: “— Olha, só mais dois anos, até os oitenta e dois ainda eu vou.” [Hahaha]. Mas, se Deus me deixar até nos oitenta e dois. Depois não sei o que será. Porque eu já sinto cansada. Já tenho problemas, né? De mão, de artrose. Já operei uma mão. Olha aqui como é que eu tô hoje, oh. Esse telefone foi pra marcar uma consulta que eu vou confirmar amanhã, por causa da tendinite. Por que eu trabalho muito com as mãos. Essa mão aqui que faz força com a costura, que eu sou canhota. Então é, agora parar, de tudo, eu não quero. O quê eu vou fazer, não sei. De vez em quando eu estou com os meus pensamentos, bom quando eu sair do atelier, daqui a dois anos, o quê que eu vou fazer? Quem que eu vou ajudar? O quê que eu... Porque ficar em casa só parada eu não fico. Não dá. Eu preciso ter a noite... Eu sempre levo... E olha... Eu não tenho empregada, chego em casa ainda tenho que fazer minha janta, e também o almoço que eu trago. E tudo. Mas depois que eu dou uma paradinha, se eu tô vendo televisão, essas coisas, ouvindo... Pra ouvir algum comentário, eu levo alguma coisinha do atelier pra casa, pra fazer à noite. Por que eu quero estar com a mão em..., em movimento. Então é muito gratificante.

Na realidade daqui a cinco anos, eu pretendo... A intenção nossa é... é fechar aqui, né? A intenção nossa é fechar. Porque ela já vai tá... Ainda não avisamos nossos clientes da feira. Não sei o quê que nós vamos... Porque muitas vezes a gente pensa, eu penso em passar isso aqui pra uma outra pessoa que faz artesanato. E aí passar os clientes tudo pra essa pessoa também. A carteira de clientes, passar pra ela, né? Eu acredito que vai ter alguém que..., que... Porque, o seguinte. Nós temos uma gama de tecidos que muita gente não tem. Nós temos uns tecidos importados de muito tempo. Então... É bem provável, ali, que alguém se interesse por essas coisas. Eu acho que passar isso aqui pra frente. E o coração? Agora, eu, por exemplo, eu já falei pra ela, como eu tenho três máquinas aqui que eu comecei com minhas três máquinas. Essas três máquinas eu vou levar pra minha casa. Porque eu vou continuar fazendo isso aqui na minha casa. E... Pra dar de presente, pra um filho, pra uma pessoa, pra uma amiga. Não pra... Não pra comercializar. Para presentear. Comercializar não. Mas presentear eu vou. Isso aí eu vou continuar. Que eu parar também eu não vou conseguir.

E eu a mesma coisa. Se eu arrumar um cantinho pra por uma máquina pra fazer qualquer coisinha em casa, eu quero continuar fazendo alguma coisa. Mas não agora nessa atividade que nós estamos vindo todo dia, sabe? Nós não queremos esse compromisso. Exatamente. E, às vezes, a Luci também tem filhos morando fora daqui, às vezes, quer ir visitar eles e não é numa semana que faz isso. Então se a gente não tem esse compromisso todo, eu acho que vai se tornar mais fácil. Mas continuar fazendo alguma coisinha. O quê, ainda não sei.

A nossa história eu acho que ela é bem, bem, bonita. E nesses trinta e poucos anos que nós estamos juntas, nós não temos nenhum documento passado assim o preto no branco. Mas... É muita, muita confiança. Uma na outra. Porque eu fico com o dinheiro. A Luci é a nossa tesoureira, nossa contabilista. Ela contabiliza tudo. O que vende, o que isso e aquilo. E eu sou a vendedora. Então quando termina o dia, eu tiro a minha pochete da cintura e entrego pra ela. Ela me dá algum troco e lá ela vai fazer. Ela que faz a conta, quanto vendeu, o quê vendeu, se faltou se sobrou. É sempre assim. Nunca eu vou... É confiança, né? É confiança. Nós *tamo* a trinta, quase trinta anos juntas é confiança. É o que muitas vezes uma irmã minha, uma vez chegou pra mim e falou: “— Luci há quantos anos você está com a Eletra?” Eu falei: “— Ah já tá, vai fazer... naquela época, mais de vinte anos.” Ela falou: “— Olha vou te contar, vocês

duas são mesmo uma confiar na outra. Porque eu sou sua irmã e não sei se eu conseguiria trabalhar vinte anos com você.” [Hahaha]. Minha irmã. E ela também tem comércio, né? Ela falou assim: “— Eu ia continuar...” Por que sabe o quê que é? É..., é..., é isso que ela falou é a confiança. Você confia. Por exemplo, eu sei que ela vem aqui ela vai trabalhar, ela não vai ficar fazendo hora. Ela sabe que quando eu estou aqui eu tô trabalhando também. E estamos, e se a gente tá cansada a gente para pra descansar. Às vezes, dá um cochilo de meia hora. Eu acordo cedo, ela também. Mas eu, eu... Quando é quatro e pouco me dá um sono, aquela canseira. Venho aqui, fico cinco minutos, dez minutos aqui. Passou. Vou voltar ao trabalho. Não existe cobrança de nenhuma parte. A você fez isso, isso e isso. E eu fiz só isso, isso e aquilo. Não tem o eu fiz mais que você. Não existe. Isso aqui é bonito, entre nós duas. Porque eu sei que tem gente que se associa e uma fica cobrando a outra. Cada uma assume sua responsabilidade. Cada uma faz as coisas. Eu não cobro dela, nem ela cobra de mim. Então, aí flui. A coisa vai longe, vai longe. É um casamento [Hahahaha]. Mas é mesmo. Um casamento. Quer dizer, briga existe. Sempre tem as discussões. As discordâncias. Mas a gente chega num bom consenso. Ou senão não chega, então cada uma fica com a sua opinião e perfeito. Não é mesmo? Isso existe, não tem como. Faz parte. Pra por preço nas coisas a gente combina direitinho. Às vezes, eu olho, ela fala, não isso daqui dá pra fazer tanto, porque a gente não tem um ganho assim... O nosso ganho é pouco em cima do nosso trabalho. Mas a gente ganha pela quantidade. Sabe? Pela quantidade que a gente vende. Então nós... porque se a gente for por o preço mesmo que nem eles vendem nas lojas, aí a gente não venderia. Pra acabar com toda a nossa produção teria que..., que por... Então não dá. O preço assim, é um preço bem razoável. Inclusive na feira tem pessoas que trabalham com produto bem inferior o da gente em vários aspectos, e o preço é mais alto. É onde quando elas compram e vêm o nosso e se arrependem. Em janeiro mesmo foi um caso. Estavam três de fora, foram no outro lado, compraram, e a gente viu na sacolinha deles, porque tem um... A nossa sacolinha também é transparente. Perguntaram os preços e uma olhou pra outra... aiii. E foram embora revoltadas porque já tinham comprado e já, já tinham gasto. E não quiseram dar pra mãe aquele [Hahahaha]. Nem pra sogra. [Hahaha].

Você quer ver mais uma coisa também, o nosso trabalho ele dura muitos anos. Tem cliente que chega e fala: “— Pelo amor de Deus, eu quero comprar um novo, que eu não aguento mais aquele. Não aguento tantos anos vendo o mesmo jogo. Vê ali um outro que eu quero trocar. Que aquele não...” E lavam na máquina, né? Na máquina de lavar roupas. Então eles trocam não porque estragou. Porque cansou de usar o mesmo produto por tanto tempo. Mais uma coisa, tem clientes que vem de Santa Catarina, de Joinville, o povo de lá é maravilhoso, da Bahia também, mas geralmente mais aqui do sul, “— Ah eu vim aqui só pra ver suas coisas”, e sempre acaba levando. Temos clientes fiéis. E as que moram aqui, sempre que tem visitas de fora que vem pra cá, levam na nossa feira, na barraca pra ver as coisas. É a barraca da dona Eletra, né? Não é a barraca da dona Luci não. É porque ela sempre que fica vendendo, né? Então é a barraca da dona Eletra. Tem que passar na barraca da dona Eletra. É bem, então... Isso tudo é gratificante pra gente sabe? Isso é bem importante. É o maior... é o que a gente faz assim, com satisfação. É muito gostoso. Não faz por obrigação. É tem que fazer e fazer na marreta. Não. Terminou? Dá pra levar pra feira? Não acabou paciência. Fica pra outra semana.

6

ARTESÃ: BIJU**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Ishi. Isso aí é desde criança [Haha]. De criança eu já... Pegava as joias, as bijuterias da minha mãe, e já desmanchava [Hahaha]. E tem histórias engraçadas pra contar também.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Essa influência veio da minha avó. Da minha avó. Ela já era artesã. Minha avó sustentou os cinco filhos fazendo flores pra fora, ela fazia aquelas camélias nos anos... Provavelmente anos vinte... Trinta eu acho. Fazia aquelas flores... O meu avô morreu, ela tinha... Eu acho que ela tinha uns trinta e poucos, trinta anos mais ou menos. Ela já começou a fazer as flores e sustentou os cinco filhos fazendo isso. A vida toda. Eu nunca aprendi com ela, mas é o dom. Isso vem de família. Aliás, nós somos famílias de..., de artistas. Minha irmã é escultora. E... Minha outra, minha outra sobrinha pinta, pinta quadros. Mas não trabalha com isso mais. Mas eu... Eu já, eu..., eu já desde criança já tenho esse dom.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Ah, bom... A Feira do Largo, eu achava um desaforo eu não tá lá [Hahaha]. Eu passeava por lá, e ficava louca da vida de ver aquelas bijuterias assim, é... Algumas muito legais diferentes, outras assim que eu achava... Dizia assim: “— Mas nossa, como assim, essas bijuterias aí?” Eu faço cada bijuteria... É que eu quase não sou... Não sou... Me amo, né? [Hahahaha]. E, e eu achava que era um desaforo eu não estar lá. Daí eu comecei a procurar, ver como que eu ia conseguir entrar. Na época era, foi bem difícil assim. Fiquei numa fila, tal. Até que eu consegui. Esperei dois anos. Comecei a fazer em Brasília, eu morava em Brasília quando minha filha nasceu. Isso faz trinta anos que eu comecei a fazer. Eu tava grávida dela... já..., já... eu já comecei a fazer em Brasília e daí dei continuidade depois aqui.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Ah! De artesanato, da minha mãe. É que uma vez eu peguei uma joia dela, um colar de perola Mabi. E sabe que é perola Mabi? Perola Mabi é uma perola... é uma perola negra... Mais ou menos marrom, assim meio negra. E era marcassita mesmo. Eu desmanchei aquilo inteirinho. Inteirinho. A minha mãe me deu um... Com a sola do sapato na cabeça de raiva de mim [Hahaha]. Não lembro se eu criei outras peças com aquilo. Sei lá o quê que eu fiz. Eu desmanchei. Não sei. Provavelmente... Sim, provavelmente eu juntei já. Porque eu era pequena. Eu lembro disso que eu era pequena, depois que ela morreu, essa peça sumiu. Eu não sei onde foi parar. Fiquei louca da vida, fiquei catando pela casa inteira e não achava aquilo. Então tinha desde sempre eu já fui assim. Já sempre gostei, sempre gostei de joia antiga, que eu adoro ver filme antigo e olhar as joias antigas. Só pra observar o que estão usando lá. Sim.

Claro que hoje já não faço mais tanto porque a gente tem que seguir tendências, né? Mas eu gosto, adoro joia antiga.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Eu tenho paixão. Amor. Eu não monto bijuteria. Porque as pessoas acham que: “— Ah vou montar bijuteria. Vou ali fazer, vou ali fazer um curso, tal.” Eu nunca fiz curso. Sempre fui aprendendo sozinha. Fui fuçando. Eu crio, eu..., eu... Sabe? A minha cabeça pira assim.

Olha. Vou ser sincera. Vou ser bem sincera. Há vinte anos atrás quando eu comecei, a feirinha tinha uma identidade. Que era o artesanato. Era muito legal. Não que não tenha. Tem. Tem muita gente legal, muita gente que faz muita coisa, que é colegas ali tudo. Mas tem muita gente hoje em dia, que tá perdendo essa identidade de fazer o artesanato. Isso um pouco irrita a gente que faz assim. Porém, também a gente sabe da condição do país. A gente sabe que, às vezes, nem sempre dá pra..., pra..., às vezes, as pessoas também não têm tempo, e a gente tem que relevar isso, né? Acho que metade tá virando mais uma feira industrial, metade não. Mas tem muita gente que virou essa coisa assim, que isso depõe contra a feira. Isso irrita um pouco a gente. A gente que..., que lida com o artesanato, né? Mas também a gente não sabe da vida das pessoas então também eu não posso julgar, entendeu? É só uma visão minha da feira.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Ah! Aqui tudo é artesanato. Aqui tudo gira em torno das minhas bijuterias. Até a minha sala aqui. Coitado do povo que não tem nem lugar [Hahaha]. Meu marido costuma dizer que um dia ele vai ter que sentar em cima da mesa do..., do... Vai ter que ficar ali junto. Tudo gira em torno. O meu apartamento é o meu atelier. Todo ele assim.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

É... Ah, é... Como eu te disse... Claro essa, essa, essa paixão que eu tinha por biju, por joia antiga continua. Continua. Ainda continuo vendo filmes antigos pra ver as joias e tal. Mas eu tenho, eu tenho que seguir tendências, né? Eu sou uma pessoa bem moderna. Eu tenho... Então eu..., eu sou arrojada nesse sentido. Eu tô sempre seguindo as tendências. Hoje como artesã eu me vejo de olhar o mercado mesmo. Pra, pra seguir o que tá usando. Pra agradar as minhas clientes, né? Agregá-las e... Trabalhar com materiais assim, que me..., que..., estão a minha disposição, né? Então eu lido com couro, com pedras, adoro fazer as cabeças das pessoas. As cabeças das pessoas, que eu quero dizer que eu faço uns *headbands*? *Headband* é um, é um acessório de que faz um penteado nelas e então eu sigo essa tendência assim. Então a gente tem que ter sempre o quê tá... Aí que tá o artesão, ele tem que, ter a..., a..., matéria-prima, as ferramentas e a pesquisa. E estar sempre ligada no que, no que o mercado te apresenta hoje entendeu? Você, você também não pode. Isso é uma coisa também que eu acho que as pessoas não, não tão, lá no artesanato não veem, elas não seguem essa tendência. Seja no segmento de sapatos, que tem muita gente lá que faz sapatos, roupas... Você tem que seguir o que... A modernidade do negócio entendeu? Você tem que seguir essa linha, senão realmente não dá certo.

Ah! Quando eu sento ali é... Eu sou assim. Porque a, a gente que lida com arte é meio pirada mesmo, né? Um dia a gente não quer fazer nada, um dia você senta e fica assim, aí hoje eu não quero fazer nada. Aí no dia seguinte... eu sento ali de manhã e só saio de noite. Tem que ter inspiração. Tem que vir a inspiração. E daí quando você começa a fazer uma peça... Aquilo começa. E começa. E vem. E daí quando você vê, você... Fez cem.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Opa! Total. Total. Hoje em dia você tem... Você tem... Acesso ao mundo, né? Ao mundo. Então a tecnologia é muito importante. Justamente nesse segmento que eu te falei que é a modernidade. Que é pra você seguir as tendências do que *tá* acontecendo. Principalmente no meu que é moda. Acessórios. Então é como eu falei não é só... A montagem da bijuteria. É a criação, você tem que criar, no quê? No contexto do que a tecnologia vai te dar também. É muita pesquisa. Eu pesquiso bastante. Perco bastante tempo pesquisando. E é mais manual e ferramentas. É, é no meu caso, né? Ainda vou chegar lá. Na tua pergunta final eu chego lá.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Então... É essa pergunta que eu quero. Eu gostaria de ser uma ourives, né? Gostaria de fazer um curso de ourivesaria, *pra* fazer as minhas peças. Não só a bijuteria, eu queria... Porque eu adoro pedras. Adoro pedra natural, eu lido com muita pedra natural, sabe? Turmalinas... Nossa eu fico louca, fico encantada. Se me botar uma, numa loja de pedra eu piro. Fico louca. Quero tudo [Haha]. Gosto de pedras diferentes, então eu gostaria de fazer as minhas peças. Fazer prata... Não ouro. Até o ouro eu não sou... Latão eu gosto muito de latão... Então eu gostaria de ter esse maquinário. Mas este maquinário é muito, é bem difícil aqui no Brasil.

Daqui há cinco, dez anos eu ainda me vejo na feira, porque eu amo a feira. Eu acho que a feira é sensacional embora ela... Não... Ainda não perdeu essa identidade, ela tem bastante identidade desta..., deste sentido de artesanato assim. Mas, *tá* um pouco, deixa um pouco a desejar. Mas... Eu me vejo lá. Mesmo que eu tivesse dinheiro eu continuaria lá. Porque eu adoro lidar não só com minha arte, como eu gosto de lidar com o público. A prefeitura comanda a feira. Se eu pudesse mandar um recado para o prefeito. Prefeito arrume a feirinha... Faça barraquinhas novas. Coloque artistas de verdade, artistas mesmo, artesãos de verdade. Gente que faça coisas diferentes, que agregue que chame público. É... Não só artistas de artesanato, como artistas de rua *tá* faltando isso. E arrumar a feirinha. Isso é uma coisa que eu gostaria de ter. Barraquinhas novas, bonitas. Porque a gente arruma. Cada um arruma a sua. Você entendeu? Nós temos um montador que a gente paga pra ele pra montar todos os domingos e a gente pede pelo amor de Deus pra manter aquelas banquinhas, aquelas barraquinhas bonitas. Então o que falta? Manutenção. E uma pessoa que faça uma coisa legal ali, que tem muita gente na fila que não *tá* tendo oportunidade de estar lá. Que são artesãos, que são artistas maravilhosos que não..., não tem oportunidade de *tá* lá. E dar mais oportunidade pra essas pessoas que realmente fazem com... com as mãos. E, de repente, dar uma limpadinha dar uma limpadinha nesse povo que não *tá* focando no artesanato. Não vou dizer quem é, porque eu realmente não conheço mesmo. Não vou apontar as pessoas, entendeu? Eu só acho que tem que voltar essa identidade.

ARTESÃ: FELTRINHA**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Bom... Eu sempre gostei do artesanato. É... Assim, eu tinha... Hoje eu estou com quarenta e oito anos, mas eu comecei com, é... Treze anos eu já despertei essa vontade de fazer trabalhos manuais, né? E... Aí depois disso eu... Estudei, trabalhei fora, trabalhei na Marisol, trabalhei é... Com meu marido também, que ele trabalha com embalagens, né? A gente veio pra Curitiba em 1998, nós somos de Santa Catarina, de Jaraguá do Sul.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Não. Não da família não tinha assim, é... Ninguém que fazia artesanato. Foi um interesse meu mesmo, né? E quando eu vim pra Curitiba, eu gostava muito de visitar a Feira do Largo da Ordem, porque ali tem várias barracas, né? Com diversos tipos de artesanatos e isso sempre me despertava muita vontade de conhecer, né? Então... Eu, eu antes de começar o... Hoje no trabalho que eu faço em feltro. Eu fiz outros artesanatos, né? Pinteí muito gesso, fiz tricô, crochê, é... Outros assim, trabalhos manuais, né? Mas foi no feltro que eu me descobri mesmo...

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Eu com..., eu comecei no... na feira de bairro, né? Passeio Público, e através de lá... A gente tinha assim a..., a oportunidade de..., também é... Um ou dois domingos por mês, é, fazer um rodízio de feirantes, né? No Largo da Ordem, né? E aí quando surgiu as..., a... O Instituto de Turismo, né? Abriu as vagas pra... Pra entrar definitivo no Largo da Ordem, daí eu fui lá pra me inscrevi, fiz a inscrição. É... Levei três produtos pra avaliação, né? Que eles pedem pra avaliar os produtos, né? E eles têm umas é..., normas assim, de avaliação, né? Que eles olham... A qualidade do produto, né? É... Se já tem algum produto similar. É, tem que, de preferência, ser inédito este produto. Eles procuram de preferência algo diferente assim, né? Que não, que não tenha algo... Pode até ter também trabalho em feltro, mas eles gostam que... De algo diferente, que não seja igual, né? Que tem mais chance de você entrar com alguma coisa diferente, né? Então aí... Depois disso eles fazem, é... A análise, e se o produto não é algo similar ao que já têm, eles... aprovam, né? Foi daí o que aconteceu, né? Eu fui aprovada e... E tô lá com minhas... Fazendo minha clientela. Há mais de dois anos.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

É... Eu até... Da feira assim, eu... Pode ser o começo? Eu até vou... Essa história como eu comecei na verdade... Porque quando eu... Eu tinha... Comecei a namorar eu já, eu fazia uns enfeites de páscoa, né? Assim tipo cestinha, coelhinhos, né? E meu marido daí vinha lá pra namorar comigo. Esta parte até vou deixar pra ele contar. Ele me ajudava [Hahaha].

É pra acabar, né? Eu pegava e falava pra mãe: “— Ó eu vou lá [...] fazer um coelhinho. Lá na minha namorada, né?” E aí ela: “— Ó, te cuida, né? Juízo, né?” Mas ela não sabia que eu ia lá fazer casquinha de ovinho de páscoa enfeitado. Eu ficava lá e ela: “— Ah vamos fazer coelhinho?” “— Vamos!” “— Tá aqui ó. Tem uma caixa aqui de coelhinho pra nós fazer, né?” Uma caixa de ovo de coelhinho pra fazer. E como eu tinha um grande amigo meu que é..., é..., trabalhou, era gerente da, de uma grande empresa de Santa Catarina, que é a Millium, ele... O *seu* [...]. Ele, eu fui oferecer um dia pra ele, digo: “— Pô tu, você vende tanta coisa aí, você não podia vender isso, esse, esses coelhinho aqui pra mim?” Aí ele disse assim: “— Manda cem.” No primeiro pedido, manda cem. Cheguei em casa, digo: “— Ah, agora nós *se ferremo*, né? [Hahahaha], agora vamos ter que trabalhar, acabou o namoro, né? Agora é trabalhar.” E aí eu fui lá e entreguei os cem. E deu duas semanas depois ele me liga... Eu passei lá nele, digo: “— E aí? Tá vendendo?” “— Manda mais duzentos.” Tá? Foi assim uma..., um estímulo que, eu acho que ela nunca esquece, né? Que ficou na lembrança depois disso, que ela trabalhou como..., como a, estilista, auxiliar de estilismo na Marisol e outras empresas e tal. É..., é... sempre veio no sangue dela, né? A, essa arte, a parte, a parte de desenvolvimento, de criar, né? E quando a gente se mudou para Curitiba, ela me ajudou um tempo e..., e..., a gente depois mudou o..., o nosso foco de atuação e sobrou algum tempo pra ela, pra ela continuar e aí com a ajuda da minha filha ela pode retomar a..., a..., a questão da criatividade dela de fazer isso e de começar a ir atrás e procurar cliente, e foi atrás de site, foi atrás de desenvolvimentos, né?

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Olhe... Eu assim as minhas vizinhas ali, é... Cada um tem o seu, é... Como é que eu posso colocar? O, é... Uma personalidade, por exemplo, eu tenho a minha vizinha que trabalha com é, caixas revestidas, assim com tecido, né? Tem a outra que faz é... É... A dona Fulana. A dona Fulana faz vestidinhos de boneca, né? Essas coisas. Então cada um que tá ali eu acho que tá por amor, né? No que faz, assim, né? É tudo uma coisa muito... Que faz porque gosta, né? Pelo menos as minhas vizinhas, né? Que eu percebo, né? Na feira como um todo eu percebo muita criatividade, né? Tem tanta coisa bonita ali, né? E responsabilidade também. Compromisso. Por que... É. Tem um compromisso. Tem um horário. Tem a parte de documental. Tem a presença que tem que ser respeitada. Se você não vai, você tem que avisar antes, né? Então... É... E também um..., ahhh, tem pessoas ali que a gente vê que vai, que ahhh, não precisava tá? Ter aquela barraca ali. Por que a gente vê que tem um padrão de vida ótimo. Mas é, a maioria ali, tão ali porque precisam mesmo. Porque é o sustento da família. Tá? Então tem artesão que eu sei ali que tão vinte e poucos anos, né? A feira tem praticamente trinta anos. Se não tem mais já, né? Então, então assim, pelo que a gente sente, e o pessoal sua mesmo, né? Pra chegar cedo e pra abençoar o dia que dê certo. Que todo mundo venda bem. Não só a [...] vender, né? Mas todos, que todos eles tenham, né? Como, existe uma estatística aí, de mais ou menos em torno de vinte e cinco mil turistas por domingo, né? Então eu acho que existe cliente pra todo gosto. Então tem cliente que a gente, que chega na barraca lá, eu não acredito que o cara comprou aquilo tudo ali. Tá? Mas é, se apaixonou pelo produto, passou pela barraca do lado nem deu bola, chegou na tua barraca, nem deu bola. Chegou na barraca do lado comprou. É... É isso. Então é..., é..., é, por isso que o Largo tem tantas barracas assim e ele, e ele é tão famoso no Brasil todo, né? Pela diversidade e

pelo bom atendimento. Tá. Porque isso já vem desde a Secretaria do Turismo que vem com a instrução e todo domingo passa lá, conversa com todo mundo, né? Tem lá os fiscais e a..., a..., as coordenadoras que fazem toda essa parte de auxílio.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

É... Eu já acordo assim, né? Já programadinha, eu tenho programadinho é assim, o que eu vou fazer, né? Então eu, cedo, eu pego eu... Primeiro eu procuro assim cortar tudo o que eu tenho, né? Corto, as peças, né? Então... Eu trabalho em casa, né? Meu atelier é em casa, né? E... Levanto, é... Tem dias que eu faço café, tem dias que é meu marido, né? Então a gente revesa. Ele tem o escritório dele em casa, que ele trabalha com representação. Então ele, às vezes, eu, às vezes, eu auxilio até ele também. Porque com..., quando ele sai, eu atendo. E, mas assim, o artesanato eu faço, eu não, é a vida normal assim, faz parte. Eu, de manhã é, trabalho de manhã com o artesanato, daí tem, tem o almoço, também, também faz tudo em casa.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Eu primeiro assim, eu procuro priorizar as encomendas, né? Encomenda eu dou prioridade pra deixar em dia e entregar no prazo, né? Então começa. Primeiro eu corto, aí... Primeiro... primeiro de tudo separa as..., os feltros, os moldes, né? Aí depois corto, costuro e... Se por exemplo, se a encomenda é pra enviar por correio, eu..., ou eu ou o meu marido, né? Me ajuda, ele leva, também pra mim, né? Ou se é no Largo, leva no Largo e daí a pessoa ou vai lá buscar ou o cliente, às vezes, até tem cliente que vem buscar aqui mesmo, né? Mas geralmente pega no Largo. E... E é assim não tem um horário. Ah eu vou trabalhar. Às vezes, eu tenho que trabalhar até onze horas da noite, eu tô lá produzindo. E... Mas é tudo... E o meu trabalho é muito, é tudo, é geralmente é tudo manual, tudo costurado a mão, né? Tem alguma coisa que eu faço a máquina também, mas geralmente não. É tudo feito à mão.

É... Eu assim... Tô... Tô me descobrindo mesmo, assim pra mim cada dia é um... Eu realizo mais com o meu trabalho. Eu faço realmente porque eu gosto, né? E..., e..., e agora quando, depois que eu comecei a participar na..., na Feira do Largo da Ordem é... Antes eu fazia, vendia, né? Pra loja, não tinha contato de lidar com cliente, era mais né, com lojista, ou com... Pelo site, né? Que, que você não tem o contato direto com o cliente, mas agora que eu tenho esse contato direto com o cliente e nossa... é muito bom assim. Você vê a reação da pessoa. Tem cliente né, que é nossa... E, e dá sugestão também. “— Ai, mas você poderia fazer isso também...”, né? Então isso que é o gostoso, é essa troca assim, né? Porque a gente também tá lá, tá aprendendo também. Então... Eu... E também tô me descobrindo né, porque é... É muito gostoso. É assim... Sou apaixonada, eu gosto do que eu faço. Cada peça, cada... Eu gosto assim de fazer peça começar e terminar. Ver o final dela sabe? Você vê, ah isso aqui eu consegui... Não tem coisa melhor você terminar o dia assim, né? E ver, nossa, olha que, terminei, tem peças que até você fica assim: “— Aiii esse aqui eu vou ficar pra mim.” Não dá nem vontade de vender [Hahaha].

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

É como eu falei, meu trabalho é tudo geralmente manual, né? Eu uso muito a linha, a agulha, a linha, né? Mas é..., é eu uso também é... Computador, né? Se... Pra..., pra..., pra pesquisa e também pra olhar no site, né? Faço, vendo pelo site. E eu uso

também ahh, pras vendas no Largo da Ordem a maquininha do cartão, que isso é muito bom por que... Tem muitos clientes que não, não andam mais com dinheiro, né? Preferem, ahh é mais prático andar com o cartão. É... E o celular, que tem cliente que compra, gosta de comprar pelo... Manda mensagem no WhatsApp®, que daí eu mando foto, né? Pro cliente ver também é bom. Então as minhas ferramentas e... Na produção não. Eu tenho máquina de costura só. Mas é, é..., são poucas peças, né? A maioria é tudo a mão mesmo. Corte a mão, corte..., corte tudo a mão. É costura também a mão, bem artesanal mesmo.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

É... Eu, eu... Eu pretendo assim continuar, né? Fazendo isso que eu faço, né? É... Também. É... Acho que cada é... Assim... Então, mesmo que eu, eu pago a previdência, né? E eu também tenho o MEI também. Eu não pretendo parar, né? Eu pretendo continuar é, porque o artesanato é minha paixão, né? Eu sou MEI, que é um Micro Empreendedor Individual, então eu recolho um fundo pra uma aposentadoria assim. Isso, mas também tenho uma previdência privada, né? Também pago, né? Mas é... Assim, futuramente quando eu me aposentar, mesmo que eu me aposentar eu pretendo continuar fazendo artesanato porque eu gosto, né? É minha paixão.

ARTESÃ: MAGIA**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Ele começou de criança. Por influência de meu pai que trabalha na madeira. E fazia trabalhos assim... Eu não sei como chamam aqui [hahaha]. Ebanista? Será? Porque ele é ebanista, que é trabalho de entalhes na madeira. Só olhando. De criança, que ele trabalhava madeira, e então eu comecei a gostar muito do trabalho artesanal mesmo.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Meu pai fez eu gostar.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Tá. Eu, eu sou estrangeira. E eu estou aqui por causa do meu marido que trabalha na Renault. Então eu já tava fazendo trabalhos de artesanato em Córdoba, que eu sou de Córdoba, Argentina. E... Aqui comecei a procurar feiras de artesanato mesmo para inter atuar um pouco. Conhecer as pessoas, né? Me encaixar [Hahahaha]. Porque eu morei na França, então lá é bem difícil. Aqui na feira estou há uns oito anos mais ou menos, quem sabe um pouquinho mais. Eu morei quatro anos na França, então lá é bem diferente. Artesanato não tem lá. Eu fazia mesmo assim, quando tinha umas feiras de artesanato, que não são de artesanato mesmo. Chamam de brocantes é uma vez por mês, se faz em cada bairro lá, na França, só que eles vendem produtos usados já. E o meu é tudo novo, tudo artesanal. Então chama muito a atenção... Bonecos em tecido que eu fazia na época.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Olha nunca... O que pode ser falado é que nunca trabalhei na massa. Nunca meti a mão na massa mesmo [Hahaha]. Eu sempre fazia em tecidos tudo. Tudo em tecido, né? Bonecos, essas coisas. E, e um dia acordei com vontade de fazer duendes [Haha], mas se eu não tenho nem massa em casa. Então eu fui na loja comprei massa, trabalhava com palitos em casa. Eu sabia que tinha que fazer alguma coisa. E ali foram saindo os rostos assim, aos poucos... Formas [Haha].

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Olha, na geral, muitas pessoas estão fazendo artesanato por causa da necessidade que tem, econômica, né? É... Muitas pessoas vivem do que eles, elas fazem aqui. É assim por *hobby* ou por prazer, são poucos, poucos. E aqui na feira o... Tem um probleminha, né? Que aqui sempre foi desse jeito. É uma feira de artesanato só que tem muita coisa industrializada. Tem, muito. Só que não conseguem tirar essas pessoas, né? Então é difícil [Hahaha].

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Olha... Na minha casa tem duendes por todo canto [Haha]. Eu trabalho um pouco no quarto, na sala, até no banheiro tem alguma massa. Eu não tenho assim... Tenho um espaço meu só que não uso nunca [Haha]. Meu atelier não é usado por mim, sempre estou... Embaixo, na sala ou na cozinha, onde tem televisão, tem... Partilhando com todos eles. Mas já se acostumaram. Às vezes, tenho que tirar as coisas da mesa, de lado assim, pra comer [Hahahaha]. E os outros ficam ali, os duendes que tomaram conta da casa, de tudo. Boneca, duende... Porque eu também faço bonecas também. Em tecido. Só que eu trabalho para uma... Não trabalho pra ela, mas faço trabalhos para uma designer é... Bonecos temáticos entendeu? De um metro de altura. Eu já fiz bonecos de dois metros. Para enfeitar as festas, né?

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Enquanto experiência? É... Experiente, né? Bem... Tem muita coisa, sempre tem uma coisa para aprender, né? Eu sempre estou pesquisando, assim... Noutros lugares, gosto de é... Mexer um pouquinho ali no computador, para ver a Internet, o que tem de novidade, né? Nos outros lugares. Eu gosto sempre de atualizar meu trabalho sempre, sempre.

Ah. Dias de produzir? Todos os dias são deste jeito. Minha rotina é de que acordo e já estou fazendo alguma coisa. Mexo um pouquinho com as coisas, deixo, faço as coisas, porque sou eu que trabalho em casa, né? Eu não tenho faxineira nada, sou eu que faço tudo e faço as coisas de casa e consigo dividir assim, né? Mas tem vezes que não... Passo de madrugada trabalhando. Fazendo esse trabalho que eu gosto tanto.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Olha, enquanto novidades de massa por exemplo. Qualidades de massa, eu tento trazer de lá, pois sempre tem uma massa importada que é bem maleável. Porque tive problemas também de saúde. Tive AVC. Sim. Faz um ano já. Então tive que dar uma paradinha e ainda não tô recuperada de todo. Graças a Deus foi só o braço que pegou, né? Não foi parte do corpo. Só este. Então aos poucos estou retomando os movimentos, tudo isso pra trabalhar de novo. Não tenho maquinário. Só máquina de costurar. Quando tenho que fazer os bonecos, né? Dependendo do boneco, porque se dá pra fazer manualmente... Não utilizo moldes para fazer os bonecos também não.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Não tenho. Na verdade gosto viver o dia a dia, sempre [Hahaha]. Eu adoro a feira, adoro isto aqui [Hahaha]. Adoro a feira, compartilhar assim com os amigos. Tem muitas vezes que não... Você não consegue vender nada, né? Por que a situação do país, né? É... É triste, né? Mas enquanto... tem muita gente desistindo da feira, né? Não consegue. Tem que procurar outro trabalho, né? Mas, estar aqui, partilhar com os amigos, os... Você passou uma coisa muito mal em casa, vem aqui já fala com eles, já esquece dos problemas, é outra coisa. Vivo o dia a dia mesmo. Daqui a cinco anos nem penso. Para mim, né? Para meus filhos, lógico que penso. Mas para mim não. Não. Eu estou feliz do jeito que estou [Haha].

ARTESÃO: CASCATA

a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?

A bem da verdade é o seguinte: é, o meu pai já tinha uma..., uma..., uma..., um certo... Dom pro artesanato, né? Eu sempre desde criança eu via meu pai fazendo algumas coisas. Mas a uma questão de uns doze, treze anos atrás eu vim pra Curitiba, eu morava no interior, vim pra Curitiba. Eu sou daqui do Paraná mesmo, mas na época que eu vim pra cá eu estava morando em Altonia, interior do estado do Paraná. Eu vim pra cá e fiquei acabando morando com minha irmã aqui e a minha irmã já mexia com artesanato. E daí eu fiquei ali me relacionando... ali com aquele negócio, fiquei olhando aquele troço e fui me encantando pela coisa, aí um dia eu falei com ela assim: “— Será que eu posso montar uma fonte aí?” Ela já trabalhava com fontes. Daí eu falei: “— Será que eu posso montar alguma peça pra você?” Ela falou: “— Pode, se você tiver, acha que tem condições.” Só que eu sou meio abusado, em vez de eu pegar uma peça pequena, já peguei logo uma grande [Haha]. E já fui e já consegui montar uma peça grande, e funcionou que é uma beleza. Fiz tudo certinho, caimento... E depois disso daí já fazem doze anos que eu tô trabalhando nesse... Com o artesanato nesse ramo aí de arborizando fontes. Faço outras coisas também, faço os sinos dos ventos, que são os mensageiros dos ventos. Faz um... Faço casa de passarinho e faço algumas coisas com aquelas caixinhas de..., de... Caixinha não. Como diz? Aquela semente de..., de... do pinus. Que dá aquela pinhazinha assim, então eu crio alguma coisa em cima daquilo ali, com o pinhãozinho. E várias coisas em geral, de artesanato assim. A ideia é... Surge na hora, né? Isso tem muito disso aí, a criatividade vem, vem... Como se diz assim é uma luz que dá na hora. Como fosse o Professor Pardal já [Hahaha]...

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Isso. Meu pai tinha muito de... Ele, ele viveu sempre na roça, depois quando ele foi pra cidade, ele... Pra você ter uma ideia, se você conheceu a cidade de Califórnia – PR tem uma igreja ali no estilo barroco ali, é... Ela do..., do..., do telhado até as torres em cima foi tudo ele que construiu. Ele tá vivo, hoje com noventa e três anos, que ele é de 1927, né? É noventa e três. Só que tem aquela doença lá, o mau de Au... de, de Alzheimer. Ele não conversa, não consegue falar mais nada. Tá bem cuidado, a família cuida bem, tem sempre cuidador junto com ele. Mas infelizmente a doença hoje tá, tem uma parte de influência disso pra ele. Porque ele fazia muita coisa. Ele fez, ele conseguiu fazer a réplica da igreja, ele fez toda em gesso. Tudo no canivete ali. Construindo tudo a mão. Fazia as coisas bem-feitinhas mesmo. Inventava uns avião, fazia umas fontes também na casa dele, uns negócio lá meio... É... Tudo artesanal mesmo, né? Então... Tem muita gente que faz da minha família. Dizem ó, parece... É pegou, como se diz, o sangue do vô, né? Eu peguei o sangue do meu pai, que é lógico é..., é..., é herança do..., dele, né? Mas isso daí a gente vai adquirindo assim, você vai vendo... Eu tenho outras ideias de artesanato só que, como a gente faz feira, você faz uma inscrição lá, você tem um produto. Lá hoje meu

produto é madeira e metal. Então se eu quiser colocar outra coisa, outra linha de produto eu já tenho que fazer outra inscrição, tem que levar pra secretaria, fazer outra avaliação.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

A Feira do Largo da Ordem, como fixo mesmo já tá indo pra quatro anos. Mas pra mim, pra mim ir pra Feira do..., do..., do Largo da Ordem, eu fui na Secretaria de Turismo, fui me informar como é que faz pra gente participar. Deixei o meu produto lá pra eles fazerem uma avaliação e... Patinei um pouco, porque... Primeiro porque você tem que começar pelas feiras de bairro. Eu fiz feira no..., aqui no bairro Bacacheri nos domingos, fiz feira no Jardim Botânico no sábado, fiz feira no Passeio Público, ainda faço feira no Passeio Público no sábado. Fiz feira na Praça da Ucrânia nas quartas-feiras, entendeu? Então é... Esse é um legado que é exigido pelo..., pela própria Secretaria. Se você quer ir pro Largo da Ordem você tem que começar pelo bairro. Sim. O Largo da Ordem é o top. Ali são... É bem bacana mesmo. Mas pra você chegar até o Largo da Ordem você tem que... Eu não conheço nenhum feirante lá que tenha começado fazer feira no Largo da Ordem sem ter passado pelos bairros. A não ser os antigos, né? Porque tem muitos antigos ali que o pessoal comenta até que tem gente lá que vende produto que não é artesanato, é..., é industrial, é comprado. Só que é, as pessoas têm que levar em consideração que ali tem feirantes há muitos anos atrás que se você for pegar o regulamento de quando começou a Feira do Largo da Ordem, então nessa época eles permitiam que os feirantes, os primeiros feirantes comprassem produtos pra revender lá. Além dos produtos artesanais, então podia revender algum produto que seria comprado pronto. E tem alguns ainda que estão lá até hoje. Tem feirantes lá que tem mais de trinta anos que estão lá. Mas a grande maioria são artesanais mesmo.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

É... Sempre tem alguma coisa. É uma das coisas interessantes é a questão da, quando você vende a cascatinha, eu sempre explico pra pessoa, falo assim: olha, mantenha sempre a bomba dentro da água, coberto com a água, pra evitar que a bomba queime. A última vez que eu tava viajando, pra Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na estrada a pessoa liga, e liga, e eu não gosto de atender celular na..., quando tô dirigindo. Aí falei, não, vou parar pra atender esta pessoa aqui, ver o quê que tá acontecendo, e tal. “— É, eu já comprei a sua..., a sua..., a sua fontezinha lá, mas ela não manda água. Eu coloquei, no, ligo ela não manda água”. Aí eu fui explicar pra pessoa: “— Tá, fez esse processo tudo? Colocou o motorzinho atrás?” “— Coloquei.” “— Colocou dentro da bacia?” “— coloquei.” “— Colocou água?” “— Coloquei.” “— A bombinha tá dentro da água?” “— Não, a bomba tá fora da água, eu não coloquei dentro da água porque eu tô com medo de queimar a bomba. [Hahahaha]. Levar choque [Hahaha].” Então é um negócio interessante. Eu falei: “— Pô, mas é..., é..., é...” É risonho mas ao mesmo tempo é uma falta de..., de... Como é que a bomba vai mandar a água pra cima se ela tá fora da água, né? É..., é..., é meio cômico, né? Meio... Falta de experiência da pessoa. Sim, sim.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

É, na realidade, na realidade o seguinte: eu estou quatro anos ali fazendo feira pra mim agora. Mas antes, no tempo que eu trabalhei com minha Irmã, eu já trabalhava na feira lá também, só que eu ficava pra uma barraca que era dela. Hoje ela tem a barraca dela lá, e eu tenho a minha, entendeu? Sim. Sim. É. É. Mas ali tem setores de..., de..., de..., de..., de..., da..., das feiras ali que são, são seis setores nas feira. Cada setor tem um, tem os seus coordenadores. Este setor onde eu fiquei a primeira vez ali tem dois coordenadores. Se não me falha a memória é o único setor que tem mais de que um coordenador. São dois coordenadores. Por que ali é o setor encenqueiro da feira. O pessoal chega ali é, porque um vende mais outro vende menos então tem muitos feirantes ali que... É muito bico, como é que se diz? Bico, bicudo com o seu vizinho. Eu não sou disso. Eu sou assim, eu sou sempre parceiro deles ali. Desde que eu entrei ali em cima, lá eu tenho amizade com todo mundo ali. Eu vejo ali, pelo menos ali no meu setor ali em cima, que é o prolongamento dois ali da feira, que se chama onde nós estamos ali. Ali a maioria do, do, dos feirantes ali são tudo gente boa mesmo. São pessoas assim que tão ali trabalhando ali por que... Porque gostam e muitos deles por ter necessidade. Porque tem inclusive pessoas ali que são até aposentados que estão fazendo feira ali. Ali no domingo ali, pra fazer uma, uma venda ali que seja pouco ou, ou alguém... Tem muita gente que, às vezes, não consegue vender nada no domingo. Por que no domingo, domingo, um domingo é bom, outro domingo é ruim, um domingo é chuvoso outro domingo tem muito sol. Então é, é muito relativo. Mas é... Com relação ao, essa questão dos feirantes ali, eu vejo... Ali no meu setor ali tem..., tem..., é bem, é bem bacana mesmo.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Não. Não eu sou, eu sou, eu trabalho sozinho. Assim na, naquele esquema da produção, entendeu? Por que... Meu giro de venda não é grande, então eu dou conta de fazer. Mas a minha esposa ajuda a fazer... Agora mesmo vou fazer uma feira na..., na Praça Ozório, estarei lá, da Páscoa, são vinte e três dias de feira. Então é uma feira que começa às nove horas da manhã vai até as vinte e duas. Essa daqui, se não me engano, até as vinte e uma horas só. Todos os dias. E... É o seguinte, igual aquela história, né? Quem engorda o boi é o dono. Então se você não tiver lá na feira, na barraca lá... Pra atender o seu cliente ali, pra vender o seu produto. É uma equipe, entendeu? Você tem que montar uma equipe boa. Eles vendem também, mas nada melhor que o dono mesmo esteja lá, pra poder fazer a venda. Então minha esposa ajuda nessa parte aí. E na produção é eu, eu faço praticamente tudo sozinho. Algumas coisas, é lógico, né? A cerâmica que eu compro ela já pronta, eu só faço a pintura. É... A parte de..., de é, ferramentas que eu tenho, são ferramentas manuais. Eu preciso de parafusos, mas são, é produto que é comprado assim, entendeu? A..., a matéria-prima em si mesmo é quase cem por cento ecológica, né? Natural.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Cara, eu recebo bastante elogios. Entendeu? Principalmente de..., de..., não só de clientes, né? Como, como... Lá onde eu trabalho ali, é... Como também das pessoas que eu atendo nas floriculturas, né? Que eu tenho alguns clientes grandes aqui na cidade que eu faço, eu vendo pra eles revenderem, né? Compram o produto,

compram de mim por atacado e eu vendo pra eles. Eu recebo bastante elogios, então... Eu como artesão eu me acho um bom artesão entendeu? É. É primeiro porque eu gosto de..., de..., de eu va... Eu valorizo muito a... Eu chamo meu artesanato assim de artesanato mais rústico entendeu? Não tem muito aquela coisa assim de ficar com, é... Muito acabamento pra que mos... Que a pessoa veja que é uma coisa industrial. É um artesanato mais pra rusticidade mesmo entendeu? Porque você pode agregar uma planta natural na..., na..., na..., na peça. É o que realmente ah, eu trabalho só com coisas naturais, né? É... Eu tenho amigos concorrentes lá na feira que fazem fontes e colocam plantas de plástico coladas na..., eu acho meio esquisito. Cada um tem o seu jeito de trabalhar. Mas eu prefiro trabalhar com planta natural. Porque é uma coisa viva entendeu? E daí na hora que eu to vendendo o produto, então eu já tenho como explicar pra pessoa, inclusive eu gosto muito de pesquisar essas questão das plantas. Porque tem plantas que são boas pra dentro de casa, outras que é boa pra você colocar na água ela produz. A noite ajuda a produzir um oxigênio limpo. Que a planta ela produz o oxigênio, né? Então a fonte ela faz a função de..., de..., é um umidificador natural pro ambiente entendeu? Traz uma energia bacana e fica bonito. E a gente vai, a gente vai trabalhando e a gente vai pegando é..., é..., é conhecimento com outras pessoas. Eu tenho indicações, eu digo que você, a questão do produto, eu até me acho, às vezes, importante porque eu já vendi fontes pra pessoas que, com enfermidades, que são consideradas com enfermidades, que faz tratamento com medicina, pra quem tem bruxismo. “— Ó compra uma cascatinha de água, vai lá e conversa com o seu ‘Fonte’ lá, que ele vai te vender uma fontezinha de água pra você que isso aí é bom.” Tem pessoas que tem problema, tem um médico aqui na cidade que ele é otorrino, ele indica a cascata de água pra quem tem problema de zumbido no ouvido. Eu não sabia nem que tinha gente que tinha zumbido no ouvido [Haha]. Mas tem. Aí eu pergunto pra ele: “— Como é que é esse negócio de zumbido?” Aí ele falou: “— É uma coisa, é... É uma, é da natureza. A pessoa escuta o barulho da água é como se você tirasse o chip do seu celular, desliga lá o chip. O celular continua funcionando. Mas algumas coisas não vai funcionar. Você bota a cascatinha de água ali do lado da pessoa que tá com aquele zumbido ele, ele não, ele não recupera, ele não ouve mais o zumbido. Escuta só o barulho da água.” Então pra isso é... Tem pessoas que vão fazer até cachoeira, caminhada no mato assim, pra escutar outros sons, pra ver se elimina o zumbido. É... Então, então eu me acho um sei lá. Não vou dizer que eu sou um bambambam, né? É... Mas eu me considero um artista de ponta.

É minha rotina ela é, é..., não..., não..., não tem bem uma rotina. Agora inclusive eu, eu tracei o seguinte: nas segundas-feiras que eu trabalho, eu trabalho de segunda a segunda. Trabalho segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado. E se eu não tô produzindo, eu tô atendendo floricultura, no sábado eu tô fazendo a feira, no domingo eu levanto de manhã e chego em casa às..., levanto de manhã às cinco horas mais ou menos no domingo e volto pra casa umas três horas, três e meia da tarde eu chego de volta. Então eu falei assim: não agora segunda-feira vai ser minha folga. Entendeu? Pra eu ter uma folguinha. Mas não tem como, você pega folga, você fica folgado não tem o que fazer você já começa a botar a mão na massa, começa a fazer uma coisa. Mas eu quando eu venho pro meu atelier, basicamente é o seguinte: eu falo ó hoje eu vou fazer pintura das peças que tá pronta. Hoje eu vou fazer pintura só de..., das cerâmicas, porque, às vezes, pra pintar as jarrinhas, pra pintar as canequinhas. Quando eu começo com pintura você vai... Dependendo da quantidade que eu tenho pra pintar demora uma semana só pra pintar. Aí eu tô mexendo com pintura. Aí você vai intercalando, faz um dia faz pintura, no outro dia você corta

madeira, no outro dia você coloca a base na madeira. E pega uns dois dias só pra produzir, que é pra montar as peças. Então na verdade eu não tenho uma rotina. Eu não tenho uma rotina. Rotina é trabalhar, né? Mas o que vai fazer naquele dia realmente não tenho.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Cara... Eu diria que, não sei se tem alguma influência. Tem mas a gente pesquisa muito pra ter bastante informações, né? Que eu tô sempre pesquisando na Internet ver se tem alguma... Algum modelo de, de cascatinha alguma coisa diferente assim. Você vê muito, mas é tudo coisa de resina, coisa industrial, coisa natural mesmo... Eu desconheço assim. Com..., com... O que você vê lá com, natural assim, é só madeira mesmo entendeu? Eu tenho não. Daí eu tenho a tecnologia, tem as..., as ferramentas. Eu tenho furadeira, eu tenho lixadeira, eu tenho furadeira pra furar, com, furadeira com broca de videa, broca de, pra madeira, broca pra entalhar, que seria pra abrir o buraco pra encabeçar o parafuso. Daí você tampa o parafuso ali na madeira, ele fica escondido. Daí tenho a broca, broca chata que é pra fazer a..., a..., o furo pra passar a mangueira. Tenho outra máquina que é só pra furar a cerâmica pra..., pra passar a mangueira também. Então tem várias máquinas, lixadeira, tenho serra tico-tico. Hoje de manhã por exemplo, eu tô fazendo o artesanato agora a feira da páscoa, páscoa precisa de coelho. É uma coisa que eu não mexo com coelho. Até tem uma, uns coelhinhos ali na garagem ali. Depois eu posso te mostrar ali. Então eu tava hoje de manhã, eu tava cortando coelho. Eu fiz uns desenhos duns coelhos lá no computador, fiz..., fui lá, tirei, fiz uma cópia e tava cortando na..., na..., na serra tico-tico, só que como demanda muito tempo, entendeu? Cortei lá uma meia dúzia de coelhos lá [Haha] e comecei a produzir fonte de novo, né? Mas a tecnologia em termo de maquinário ajuda muito. Inclusive se tivesse outras máquinas ajudaria mais ainda, né? Pra fazer outro tipo de coisas, né? Mas agora de imediato não penso em investir em outros equipamentos. Eu pensando em comprar um agora de imediato, a..., a..., esse ano ainda eu quero comprar é um soprador térmico, mas é pra mim fazer umas floreiras que eu vi na..., na..., na Internet. E alguém já me pediu. “— Faça isso aí que você vai vender bem.” Entendeu? Como eu agrego muitas plantas vivas nas minhas peças, o ano passado inclusive eu fui convidado pra fazer uma feira na Ozório que é uma feira temática. Que fiquei na barraca, normalmente as barracas são pra quatro feirantes. É, eu fiquei numa barraca com duas pessoas só. Eu vendia minhas cascatas com as plantas, tudo bem decorado. E a outra pessoa vendia só plantas. Fomos bastante elogiados. Segundo a Secretaria de Turismo, inclusive passou lá, que a secretaria mandou uma equipe lá fazer uma reportagem lá. Foi a única barraca que foi feita a reportagem, foi considerada a barraca mais bonita da feira. Primeiro que é produto artesanal mesmo. Essa moça que trabalha, tava junto comigo também faz, ela mexe com artesanato ela faz as kokedamas que são aqueles koke é musgo e damas é bola. É bola de musgo então é uma bola de musgo que você tira a planta da..., da..., do vaso e põe ela, transforma sua planta em aérea, então. É, é você pode fazer, ela fica como um, ela evita de..., de ficar no vaso, né? Então evita de mosquito da dengue, essas coisas assim.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Eu até esse ano ainda, até eu esqueci de falar, esse ano ainda, esses dias agora eu fiz uma, fazendo feira ali, eu vendi uma fonte pra um amigo ali no Passeio Público ali, o cara muito gente boa, eu já pensei em montar um site. Só tenho o..., o Facebook®.

Eu vendo muito pra..., pra fora assim, pra..., pra lojista também. Mas eu vendo, mando a mercadoria pela transportadora e a pessoa faz pagamento pelo mercado pago. Que tem o mercado pago e tem o pag seguro, né? Ele falou: “— Cara, se você fizer um site você vai vender mais.” Aí eu: “— É lógico porque no site tem mais facilidade da pessoa fazer a busca, né?” É esses dias recentemente mesmo, eu vendi uma peça grande aqui no atelier aqui. E a pessoa falou: “— Olha, eu só vim aqui porque eu tenho que comprar uma peça que eu andei na cidade e tudo, não achei. Pesquisei na internet não consegui achar onde vendia. Aí alguém me falou que aqui no Largo da Ordem eu ia encontrar.” E de fato, é, e ela teve pesquisando... então eu pensei comigo, falei: “— Poxa se eu tiver um site com certeza...” Então eu... Pro futuro ainda eu não tenho esperança de parar. Eu, lógico eu vou fazer igual meu pai, só vou parar a hora que não, que realmente tiver cansado mesmo entendeu? Eu não tenho é... Assim... de imediato assim, previsão de parar não. Quero continuar trabalhando por um bom tempo ainda. É fazendo as feiras de bairro, fazendo essas feiras especiais aí. E lógico, se eu conseguir montar um site eu consigo aumentar um leque de vendas minhas agora. Eu tenho como vender pela internet e entregar, mandar pelo correio, pela transportadora. E... Continuar na Feira do Largo. E a questão da..., da..., do futuro também, o MEI ele te obriga, você paga uma taxa todo ano, todo mês tem que pagar uma taxa de contribuição. Esse é pra..., pra..., pra questão da aposentadoria, né? Se bem que aposentadoria mesmo nesse nosso país tá meio complicado [Haha]. Mas... Diz que aposentado hoje... É... Eu já fiz três vezes é... Previdência privada, mas infelizmente tive que sacar o dinheiro entendeu? Antes do tempo e... Agora tô pagando uma outra privada, previdência privada, né? Pago o..., é o INSS normal e pago uma previdência privada por fora. O dia que cair em doença ou alguma coisa aí, então eu tenho uma garantia. Mas por hora assim quero continuar trabalhando. E se Deus quiser e me ajudar, inventando outras coisas ainda. Tenho umas ideias de fazer mais uns artesanatos aí de madeira mesmo. Hoje tem muitas coisas bonitas principalmente na minha área que é essas madeiras que são toda furada aí, se você pesquisar na internet o que tem de coisas lindas que os caras fazem com uma tal de uma resina epóxi. Até eu fui aqui no centro aqui numa loja ali comprar uma, um conjunto de máscara, que eu já tinha um mas tava me machucando então eu comprei um outro. E daí eu vi que o cara vende a resina lá. Olha, eu só vendo de galão e só por encomenda, que ela é cotada em dólar e é bem caro. Mas é um produto... Eu posso agregar na minha barraca porque é madeira, entendeu? Só que ele vai tá com uma qualidade bem superior. Que daí vai ficar mais como se fosse uma coisa industrializada, mas não é. Não é industrializada, você vai ver como um tronco de madeira dentro de uma resina, dá pra fazer luminária, dá pra fazer mesa, dá pra fazer quadro, dá pra fazer uma série de coisas.

ARTESÃO: PINTOR**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Na época eu fiz... Como uma atividade comercial pra reforçar a renda de casa, né? Eu trabalhava com outra coisa antigamente, hoje não. Hoje é só a feira.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Teve. Teve influência familiar. Tinha gente da família que... Parentes, né? Que... Trabalhavam na feira e... E que... E... E a gente acabou participando de certa forma e... E acabou depois virando feirante também.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

A barraca, você faz uma inscrição, né? Vai lá apresenta seu trabalho, seu produto e fica numa lista de espera. Aí, conforme anda a lista de espera e conforme é a especialidade que você produz você é colocado na fila. Mas essa... É... Esta feira aqui é de muito tempo, né? E a gente já tá aqui desde a década de oitenta. Então aquele tempo era... A fila de espera era bem menor do que hoje, né? Hoje são algumas mil pessoas que pretendem uma vaga aqui, né? Mas aquele tempo não. Aquele tempo era bem mais rápido e bem mais fácil.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

É... Cada domingo sempre tem várias histórias, né? Porque a gente sempre fala com pessoas de outros lugares, muitos turistas, né? As vezes até turistas estrangeiros, então é sempre... Sempre tem histórias pra contar, né? Agora marcante, marcante assim, que eu lembre de cabeça não. Mas histórias sempre tem.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Eu acredito que a maior parte dos feirantes realmente vive da feira, né? Alguns ainda têm box ali na Praça Rui Barbosa, talvez uma boa parte aqui que daí facilita a semana, né? É... não deixa de ser uma outra renda. Mas a renda principal, eu acredito que da maioria seja aqui da feira mesmo.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Alguns dias da semana a gente se dedica a isso, né? É... Pintar, cortar, costurar e esse tipo de coisa, né? Que faz parte do produto, né? Do feitio do produto. Quanto à compra do material depende muito da ocasião da negociação, né? A gente quando..., quando..., quando encontra preços melhores a gente pega mais material. Daí se fica, às vezes, algumas semanas livre. Quando compra mais picado você tem uma constância maior. Vai muito, cada negócio é um negócio, né? Vai muito do negócio.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

É... Ah... Eu particularmente me considero uma pessoa feliz. Aqui eu tenho um bom ambiente de trabalho. Eu já tô aqui há muito tempo. Eu conheço quase que... Toda a feira não porque ela cresceu muito, né? Mas uma boa parte dos feirantes eu conheço. Então é um... Uma rotina agradável. Descontraída. É, é bacana.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

É... Bem pouca coisa no nosso, na nossa área, no nosso ramo bem pouca coisa de tecnologia. É mais manualzão mesmo. Trabalho manual. Não temos máquina de corte ou costura. A gente foca mais em pintura, né? A parte de costura a gente até, geralmente terceiriza. É mais a estampa e a pintura.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Como eu vejo daqui a cinco anos? Eu não vou estar aposentado ainda [Hahaha]. Disso eu tenho certeza. Mas na feira provavelmente eu estarei, né? Se estiver vivo até lá. Provavelmente estarei. Aqui a gente é MEI, recolhe INSS e sem previdência privada. E a feira, enquanto a gente puder vim até aqui, a gente vai estar na feira.

ARTESÃO: NATUREZA

Eu sou biólogo. E lá na feira o pessoal me conhece como [...nome do artesão...], é... Ou 'biólogo da...', o 'biólogo da feira', ou 'o homem da semente'. Tem várias formas que o pessoal me chama lá. Tem... Essa é a identificação.

Muita gente vai atrás lá quando... Às vezes, encontram alguma coisa ou já sabem que eu trabalho com isso. São... São doze anos na feira já. E daí já tem, já tem muito cliente antigo já. Gente que começou indo comprar coisas, depois virou amigo e depois só vai no final da feira pra ficar tomando cerveja. E daí o pessoal me leva muita coisa ou, às vezes, encontra alguma coisa e quer saber o quê que é... E... O pessoal vai levando coisa pra eu identificar e... e eu acabo... Tem gente que diz: “— Ah eu tenho casa na praia e lá nasce isso daqui...” e daí me traz pra ver se eu posso fazer alguma coisa e eu acabo fazendo alguma peça pra pessoa e o que sobra do material acaba ficando pra mim, pra eu produzir, pra..., pra ter na coleção. Eu tenho uma coleção. Tenho uma Carpoteca. Tenho uma coleção de sementes bem grande. A gente empresta pra faculdade. A gente faz exposição. Tem várias coisas que a gente trabalha.

a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?

Então... No... Eu sou biólogo, né? O último ano da faculdade eu... Tinha muita coisa acumulada em casa. Na... Eu morava com meus pais e tinha um paiol. Ali onde tem..., tem uma horta, ali era um paiol antigo do meu avô. E eu sempre fui um, um “lixeiro de mato” isso que meu pai falava. Então eu tinha... Toda vez que tinha uma saída de campo ou alguma coisa assim, o que eu encontrava eu acabava trazendo. Restos de madeira, cipó, semente, uma pedra bonita que eu tinha achado... E tinha muito material ali na..., no..., no..., nesse paiol, e quando eu me formei o meu pai queria que eu jogasse fora. Ele falou: “— Ah! Tem muito lixo aí”. E... Daí em vez de jogar fora eu comecei a pensar uma forma de..., de..., de usar tudo aquilo que eu tinha guardado, porque eu gostava e eu tinha um apego emocional, tinha um monte de... Eu achava bonito também. E... daí isso começou o trabalho então com o artesanato, ele começou no último ano da faculdade, isso são há uns... Eu fiz vinte anos de formado agora. Foram vinte anos de formado... De formatura e... No último ano da faculdade eu conheci uma caloura, acabei namorando com ela, tal... E é na época essa menina ela, ela sobrevivia de artesanato. Só que ela trabalhava uma, uma técnica com fio chamada macramê, que é uma técnica com..., de amarração. Se faz..., faz desde roupa, acessórios. E ela trabalhava muito com arame. Aquela coisa que você vê, tipo, o pessoal fala: “— Ah! Os Hobbies”. Tipo mexendo com aramezinho. E daí ela tava, quando eu conheci ela, ela tava parando de trabalhar com isso e... Na intenção de tentar incentivar ela não parar com isso, eu pedi pra ela me ensinar. O arame eu não aprendi nada [Hahaha]. Tanto que até hoje, até os fechos do brinco, de brinco que eu..., que eu uso, é um outro rapaz que trabalha na feira que ele confecciona pra mim. E o macramê na época eu tinha pego o básico e daí eu pensei naquela quantidade de coisa que eu tinha no..., no..., nesse paiol do meu avô e resolvi misturar o artesanato com a biologia e acabou surgindo o, a biojoia. Eu lembro que na época a gente procurava na Internet sobre isso, você digitava o nome biojoia não aparecia nada. Nada. E, tanto que hoje em dia a biojoia virou o nome da... Desse tipo de trabalho. Tipo a... São esses acessórios, utilizando elementos naturais que a

própria natureza descarta. Sementes, restos de madeira. E na época não tinha muita coisa. E daí começou aí. Daí de tanto tentar incentivar essa menina a..., a trabalhar com isso, a não parar, eu acabei pegando gosto pelo negócio. É... E a gente acabou namorando três anos... E eu casei com uma amiga dela [Hahaha]. E a gente está há doze anos juntos.

A influência do meu pai, o pai era sempre assim: tudo que não era dele era lixo, então tinha que jogar fora. E... Até tem umas coisas engraçadas assim que, na época assim que... Comecei trabalhar com isso. Eu fui... E eu trabalhava num laboratório já. Trabalhava meio período no laboratório e daí meu pai sempre falava assim, tipo, “— Ah, eu te ajudei pra caramba, te ajudei a pagar a faculdade”, ele pagou uma parte da faculdade, eu pagava outra. E depois “— Te ajudei pagar a faculdade pra você ficar furando sementinha em casa e tal...” Porra, daí era desanimador sabe? E daí fui participar de um congresso de botânica que teve em Curitiba na época, no Expotrade, do lado do Carrefour, em Pinhais ali, e... Peguei e levei minhas peças pra vender, aluguei um stand, na época achei muito caro, tipo era duzentos, duzentos reais, isso há, há doze anos atrás, tipo era bastante dinheiro assim. Pra você imaginar que o dólar era de um pra um nessa época não... Então era um dinheiro bem grande. Mas mesmo assim eu falei: “— Ah, sabe de uma coisa eu vou fazer.” Daí fiz a feira, fiquei quatro dias vendendo, doze horas por dia. E na época o preço das peças eram bem menores. Era o começo. Não tinha tanta semente, tanto material diferente. E quando eu voltei pra casa, voltei com um bolo de dinheiro. Mas tudo em..., em..., era congresso de estudante então era tudo em nota de dois, de dez, cinco. Então eu voltei com um bolo de dinheiro absurdo. Na época eu tinha vendido quatro mil e quatrocentos e poucos reais. Tinha sido a maior venda assim. Falei de preferência. Aí eu cheguei em casa, o pai perguntou, né? A primeira coisa, “— E aí? Vendeu tuas sementinhas?”. Eu peguei e joguei o bolo de dinheiro em cima da mesa. Ele olhou: “— Porra, mas tem quanto aí?” Eu falei: “— Oh, tem acho que umas três vezes o seu salário aí [Haha].” Daí a partir deste momento meu pai começou a coletar sementes, minha mãe começou a ficar fazendo feira pra mim. Quando eu não queria, ou eu não podia fazer minha mãe: “— Não..., não..., eu fico, eu fico...” Aí mudou totalmente a visão deles do..., do..., em relação ao artesanato.

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

- x -

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

A Feira do Largo da Ordem é a... É considerada a maior feira de artesanato da América Latina. Só que mais da metade da..., da Feira do Artesanato de Curitiba não é artesanato. É... A gente chama de “industrianato”, brincando assim. Muita coisa vem de São Paulo, coisa pronta. Só que tem gente que sobrevive da feira ali há trinta anos e você não tem como tirar essas pessoas, né? Então... E, como era a maior feira, eu até pensei em fazer feira de bairro essas coisas, mas, eu olhava assim, era... Tipo, não valia à pena sabe? Não era o público. E daí na época a... Feira do Largo ela... Eu fui, ia pra feira com uma mochilinha com as peças na..., na mochila. Chegava perto das dez horas da manhã. A Feira do Largo ela começa a... Tem, tem, tem várias

regras assim... A Feira tem um estatuto lá, que você tem que estar com a barraca montada até tal horário. Você tem que chegar num horário x, e isso é por volta de oito horas da manhã você tinha que tá com tua banca montada. E eu chegava as dez. Então se tinha uma barraca vazia quer dizer, isso queria dizer que o cara, o dono da barraca, tipo, o cara não ia pra feira, e o quê que eu fazia? Eu entrava, cumprimentava o pessoal que estava do lado... Não podia fazer isso, mas daí eu pegava expunha, colocava e expunha as peças ali. E na época a... Até hoje tem uma vereadora que foi uma das criadoras do..., do... Até onde a gente sabe a história, foi uma das criadoras da..., da..., da Feira do Largo, não sei se dá pra falar o nome dela? Se não tem problema? [sim] ela é uma vereadora chamada Julieta Reis. Ela até mora no bairro onde que a gente tá aqui fazendo a entrevista agora. Ela mora duas quadras aqui pra cima da..., do endereço que a gente tá aqui. E... eu conhecia ela porque, quando a gente era piá a gente jogava futebol com os filhos dela, eles eram mais velhos, jogavam futebol num campinho aqui com os outros meninos da rua aqui. Então eu conhecia ela de relance. E... Ela me colocava, às vezes, em uma ou outra feira assim, na Feiarte do Barigui ela consegui me colocar. Ela... E ela... Vota e meia aparecia uma feira assim ela dava um jeito de me colocar ali. E na época tinha uma outra..., outra..., uma outra... Uma fiscal da feira que era bem forte na época. O nome dela era Cristiane, não lembro o sobrenome dela agora. Que também era uma das..., das pessoas que coordenava a feira que sabia como funcionava como mandava. E daí num domingo eu tava vendendo lá, tava fazendo uma venda pra uma..., pra uma..., pra uma pessoa lá qualquer... lá que tava comprando e essa Cristiane parou do lado dessa pessoa, escutou toda a conversa, escutou eu vendendo. E eu conhecia o nome Cristiane mas nem imaginava como era o rosto dela, quem era a pessoa. Daí quando eu acabei de atender essa pessoa, essa Cristiane veio conversar comigo. Falou: “— Ah, eu gostei muito do seu material. Bonito, tal...” Eu comecei a conversar com ela e daí ela perguntou assim: “— Você sabe quem eu sou?” daí eu falei: “— Não. Não faço a mínima ideia.” “— Pois é, eu sou a Cristiane”. Daí na hora eu falei: “— Puta, perdi tudo o meu material, né?” Porque não pode, eles recolhem. Tem todo um... Curitiba tem um esquema que você não pode expor na rua e lá na feira o... A gente tem alvará hoje em dia, tudo isso. E daí eu falei pra ela: “— Não, não eu já tiro tudo, eu, eu vou embora tal...” Daí ela falou: “— Não..., não..., pode ficar hoje aí. Fica até o final da feira. Mas na segunda-feira...” A feira é no domingo. “— Na segunda-feira você vai até a Secretaria do Turismo, traga pra mim umas três... [eu não lembro se eram três ou eram cinco peças], que daí a gente vai fazer o processo natural.” Um processo... Não é natural, o processo... Como é... E tinha que ser feito mesmo pra você entrar na feira. Daí eu fiquei tudo feliz tal. Todo empolgado. Digo: “— Ah, entrei na feira, né?” Aí separei na segunda-feira umas peças, fui levar pra ela na Secretaria do..., do Turismo, ali na Rua da Paz, e levei e daí conversamos, conheci mais o resto do pessoal, conheci os outros fiscais tal, daí fui embora. Daí passou uma semana ela me ligou e eu fui buscar o material e ela conversou que: “— Ah o pessoal realmente achou muito original. Que não tinha nada daquele tipo na feira.” E... Que eles gostaram muito mesmo do material. Só que tinha um problema. O problema é que não tinha espaço na feira. A... A feira não tinha espaço e... Ela falou que se eu quisesse eu podia deixar meu nome lá com eles e quando fosse... A... Vagasse a..., a..., a..., um espaço eu seria chamado. Daí eu falei: “— Ah não, então pode... Pode deixar meu nome aí tal...” Legal. E... daí eu perguntei pra ela quanto tempo levava mais ou menos, e ela falou que naquela época há... Doze anos atrás a fila de espera tava numa média de seis anos pra você entrar na feira [Haha]. Daí eu já desanimei de volta. “— *Putaquepariu*”. Daí ela falou: “— Não. Tudo bem.” Daí eu falei: “— Então já

que é assim o jeito certo deixa aí meu nome.” E... Só que daí ela falou assim: “— Só que se a gente te pegar de volta agora lá na feira agora a gente recolhe teu material. Sem dó.” “— Tá, falei então tudo bem, né?” Daí sai desanimado. Voltei pra casa. Passou umas três semanas. Era... Tinha aberto um setor novo numa, numa rua paralela lá. E era véspera do meu aniversário. Era mês de Setembro. E eu peguei e liguei pra... Ela me deixou o telefone. Daí eu liguei pra esta Cristiane, daí comecei a conversar com ela, falei ó, é o Rubinho, lembra... Das sementes. Daí ela: “— Ah lembro tal... Eu tô te ligando pra falar sobre a feira.” E daí eu não sei por que, na época ela me perguntou assim: “— Ah, tipo, você falou com Julieta, que seria a vereadora da feira na época, né?” Daí eu peguei e falei: “— Liguei! Não tinha falado nada. Ah eu falei com ela. Acabei de falar com ela.” Daí ela falou: “— E ela concordou que você entrasse?” Daí eu: “— Concordou. Ela falou que eu tinha que falar com você.” Daí ela falou: “— Ah então se ela concordou por mim tudo bem.” Desliguei o telefone e liguei pra Julieta. Eu tinha o telefone dela, ela era vizinha. Falei: “— Ó Julieta é o Rubinho tal, teu vizinho. Acabei de falar com a Cristiane sobre a feira daí ela falou que por ela tudo bem, mas você também tinha que aceitar.” Daí ela falou: “— Ah, a Cristiane aceitou?” Falei: “— Aceitou. Só faltava você aceitar.” “Ah, então por mim tudo bem” [Hahaha]. No outro domingo eu entrei na feira. Não é o jeito certo, entende? É... Eu sei que não é o jeito mais bonito, mas seis anos não dava pra esperar com um monte de gente vendendo pano de prato, vendendo coisa de São Paulo...

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

História. Têm inúmeras histórias lá, né? Desde conhecer gente. E... Tem um cliente meu que é... É um fotógrafo. Conhecido, até ele pegou o contato agora por causa do..., do... Ele me ajuda bastante. Ele..., ele..., ele... E... Eu não conhecia ele tal. Conheci lá por uma amiga e descobri que o cara era o baterista da..., da banda mais antiga de Curitiba, a..., uma banda chamada “A Chave”. Daí eu falei: “— Pô. E eu tenho amigos que são de banda tal.” O cara virou um amigão. Isso ajudou um monte de gente, um monte de amigo meu por conhecer ele ajudou num monte de coisas. Tem história de um, de um cliente que uma vez chegou e... Hoje em dia ele é um cliente, né? Mas era a primeira vez que ele chegou na banca e ele gostou de um colar que na época custava dez reais o colar. Um colar com uma semente bem pequenininha, de um capim chamado Tiririca e ele perguntou quanto era, aí eu falei: “— Dez reais.” Daí ele achou um absurdo. Daí ele falou: “— Dez reais um colar de sementinha que você acha no chão?” Daí eu falei: “— É! Da sementinha que eu acho no chão.” Daí eu perguntei o quê que ele fazia. Aí ele falou: “— Ah eu sou advogado.” Eu falei: “— Mas você ganha quanto por hora?” Ele não falou. Eu falei: “— Olha eu levei duas horas pra montar o teu colar, mais o tempo que esse capim ficou na grama lá de casa e eu não deixando meu pai arrancar pra pegar a semente.” Eu falei: “— Mas se você achou caro dez reais, eu te vendo ele a dois reais. Só que eu vou fazer o seguinte: eu vou tirar o fio, vou tirar as sementes e você remonta ele em casa.” Ele pagou e hoje em dia ele é um cliente meu. Todo mês ele passa comprar coisa e não reclama [Haha]. O colar hoje custa vinte e cinco reais. Mas... Tem casos em que... Eu tenho foto com Prefeito da Cidade comprando coisa lá. Tem... Tipo... Na época lá. Até tenho... É o Greca que passou lá com uma equipe, parou na banca e... E juntou um monte de gente lá, e tirou foto comigo, tal. Não sei pra quê que serviu pra campanha dele [Hahaha]. Mas... Tenho foto com... Eu tenho um colar que saiu na, na Gazeta do Povo, no Viver Bem. Eu tenho... Tenho histórias de..., de..., de..., de

gente, de..., de ator. Eu não tenho o costume de televisão, em casa a gente não tem televisão, tal. De parar e um monte de gente começar a parar junto e eu fiquei: “— Pá! Porque que tá parando gente, sabe?” E daí depois que eu fazia a venda, vinham: “— Mas você não sabe quem que é?” Digo: “— Não, não faço a mínima ideia.” “— Ah, é um ator não sei o quê, tal.” Falei: “— Não fazia a mínima ideia. Não sei nem quem que é.” Então tem várias histórias legais assim de..., de conhecer gente.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Eu estou ali tem doze anos. Se não me engano são doze anos de feira. Eu calculo pelo tempo que eu tô casado. Que eu comecei a namorar com a minha esposa, eu já tava na..., na feira ali, mas não fazia um ano isso. Então... O artesão curitibano o..., o..., a região sul do Brasil, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, não têm, não é muito forte em artesanato no meu ponto de vista assim. E... E eu vejo como o artesão... Eu fazia na época que comecei o artesanato, eu..., eu trabalhava como biólogo e fazia aquilo dali porque eu gostava mesmo. Achava legal. Me fazia bem. Gostava de ver que tava vendendo coisas pra pessoas que, eu vendia uma peça, mas tinha uma história junto, e a pessoa gostava e ela ficava feliz. Mas eu acho que boa parte do..., do artesão pra..., pra..., quando... Alguém chega ali, pergunta é... Tipo: “— Ah! Mas o quê que você faz?” “— Não, sou artesão.” “— Tudo bem, você trabalha com alguma coisa?” Como assim, eu trabalho com alguma coisa? Meu trabalho é esse. Então eu acho que o artesão, pelo menos aqui na região sul, ou no Brasil em si, é visto como uma sub profissão. Ah! O cara não conseguiu emprego, ou... O cara não conseguiu fazer nada. Ah, ele trabalha com artesanato. Diferente de fora do país. Que a gente já mandou, já manda coisa pra fora, a gente que... Lá fora a gente, você é visto com o que... Não pela tua profissão, mas o que você faz fora. Ah! O cara é advogado, mas o cara tem uma banda. O cara... O pessoal lembra dele pela banda. Não pela profissão. E, e já vi muita coisa assim. Até mais claro que aconteceu, quando eu fui, há dois anos atrás, eu trabalhei dezesseis anos numa..., num laboratório. E, fui mandado embora. Porque eu era um problema pro laboratório, eu trabalhava meio período porque na época existia o meio período pro biólogo. E eu acabava, acabava sendo um, um funcionário caro assim. Eu era... Eu fui o último funcionário de meio período dessa empresa. E daí me mandaram embora, e ficaram com a minha estagiária. E, se passaram... Três meses e a..., a chefe do laboratório, a administradora apareceu na feira. Isso que quando eu trabalhava lá, ela, semana sim, semana não ela aparecia lá pra dar uma olhada no quê que tava acontecendo comigo lá. O quê que eu tava fazendo. A gente não se dava muito bem. E... E daí quando eu fui embora da empresa ela parou de aparecer na feira. E se passaram uns quatro meses ela apareceu. E era um domingo que tava vendendo super bem. Estava cheio de gente na banca, tava com um monte de amigo aqui, lá. A que, a gente vai acumulando gente atrás da minha banca, ficam conversando, as pessoas vão se conhecendo. E daí ela veio falar comigo: “— Ah, tá tudo bem [...nome do artesão...]? E tal? E aí? Você já tá trabalhando?” Eu falei como assim: “— Eu já tô trabalhando?” Eu falei: “— Eu tô aqui na feira.” Então é isso que eu digo. Eu acho que o artesão de Curitiba ele é visto assim, tipo não como um trabalho. Ele é visto como um bico. E no meu caso ele é meu ganha pão hoje em dia. Tudo o que eu faço toda a renda que vem minha, vem do artesanato.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

- x -

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Eu trabalho todo dia com..., com o artesanato, né? Segunda-feira é o dia que eu mais trabalho, que é o dia que você tá mais empolgado, que você saiu de uma feira, ahhh, saiu da feira domingo, você vendeu, então você quer repor alguma coisa. Segunda-feira normalmente é o dia que eu mais trabalho. O único dia que eu não... Hoje em dia tô trabalhando também, mas que eu tirava era sexta-feira à tarde eu não trabalhava. Eu usava pra fazer alguma coisa em casa, que daí..., daí outra visão até, até a minha própria esposa que eu já tava falando anteriormente de como é visto o artesão de Curitiba, ela falava assim: “— Ah, você não pode fazer isso? Você não pode fazer aquilo?” Cara, mas eu tô trabalhando. Ela falou: “— Não, mas você tá em casa.” Então também é outro problema da visão, mas normalmente, eu trabalho todos os dias. Eu começo, eu..., eu espero minha esposa sair pra ir pro trabalho, ela tem um emprego fixo. Então vou lá, preparo o café, tal, tudo. Ela saiu, eu entro, entro no atelier, paro às duas da tarde pra almoçar, volto pro atelier, paro às cinco da tarde, pra fazer janta preparar alguma coisa. E raramente... Hoje em dia, raramente... Agora a gente tem uma filhinha, e raramente depois da janta eu volto pro atelier. Mas antigamente tinha dia que tava extremamente empolgado e voltava pro atelier. É que você não vê a hora passar, sabe? Quando você faz uma coisa que você realmente gosta, sabe?

Não sou um apaixonado por artesanato. Eu gosto do meu artesanato. Gosto do que eu faço. Não todo o artesanato. Mas eu acho muito legal quem trabalha com madeira, que tem a..., que tem várias coisas que eu não tenho a mínima habilidade assim. Então eu admiro a..., algumas coisas. Mas tem coisas assim que eu... Que eu não acho legal. Tipo, que nem a gente tava falando do cara que faz pra vender só. Que... Eu conheço muita gente que trabalha com semente também. Mas pessoal mais do norte do Brasil e não é um... Um material bom. Você vê que é tudo torto, que é mal feito. Mas eu até entendo porque a pessoa tem que fazer rápido, tem que vender barato porque é o... a sobrevivência dela. Esse tipo de material eu já não acho bonito. Mas... O material que eu faço eu particularmente gosto.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Então... Eu sou bem ruim com tecnologia. O celular faz dois anos que eu tô usando, eu não usava. Há três semanas atrás fui obrigado a abrir um Instagram[®], de tanto que me incomodaram. E o Facebook[®] já..., já tinha há um tempo. Mas ela tá presente sim. Principalmente pra divulgação de material, pra você aparecer. Pra... Até dentro do atelier, no começo eu trabalhava, como eu tenho que furar a matéria-prima, pra..., pra fazer os colares, eu comecei trabalhando com uma furadeira normal destas que você tem em casa. Aquelas Bosh[®], independentemente da marca uma furadeira normal. E eu trabalhava tanto com aquilo e, e o meu..., meu cotovelo ficava apoiado na perna, e de tanto fazer força, o peso acabei pegando um negócio chamado bursite, que é uma inflamação na... Na pelezinha que fica entre o osso e a..., e a carne do..., do cotovelo. Tive uma inflamação, né? A bursite. E daí eu fui obrigado a investir dinheiro no..., no..., em tecnologia. Então hoje em dia eu trabalho com..., com... Tenho três furadeiras alemãs de..., de..., de chicote, como se fosse um aparelho de dentista, com aceleração no pé pra você calcular a velocidade que você quer furar. Trabalho

com material, uma ferramenta mais antiga, chamada pirógrafo... O pessoal mais novo acho que não conhece. Mas que é pra começar a fazer os buracos na..., nas sementes, porque elas são lisas, pra não furar os dedos. É a pouco tempo investi numa, numa tico-tico de bancada pra eu, pra fazer os cortes mais rápido, pra acelerar o processo. Então a tecnologia ela..., ela..., ela..., ela vem pra melhorar, sabe? Mas, tipo, eu não sou muito bom com ela. Mas ela tá me ajudando em várias coisas.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Depois de doze anos de caminhada, como eu vejo daqui a cinco ou dez anos? Eu me vejo velho, gordo... Barbudo [Haha]. É... Andando de moto, tal. Mas, eu falei hoje em dia, depois deste tempo sem trabalhar numa empresa fixa, eu... Acho que não consigo voltar a..., a trabalhar pra alguém, sabe? E tem as dificuldades do artesanato, é complicado. É... Esse mês aí foi um mês péssimo pra..., pra venda. Domingo passado choveu. Então vendi zero. É... Domingo retrasado foi um domingo ruim também. Vendi tipo duzentos reais. E eu preciso vender seis sete vezes mais do que isso por domingo, sabe? Então... Sabe... Eu, eu precisava de uma renda a mais, sabe? Eu hoje em dia eu só trabalho com a feira do Largo da Ordem, então eu trabalho, eu trabalho todos os dias, mas fazendo venda eu trabalho uma vez por semana. E... Depender disso... Dá, ah..., ah é final de mês o pessoal não tem dinheiro. Eu também não tenho dinheiro, sabe? Mas eu preciso que alguém gaste. É ah, e domingo choveu. Falei, pô, perdi... E um domingo que eu, que eu falte na feira é como se você faltasse um quarto, se você faltasse uma semana no teu serviço, sabe? Só que você ainda acaba recebendo, eu não. E então tenho várias ideias na cabeça, só que... Eu não sou um bom empreendedor. Então ideias eu tenho. Já tive vontade de montar um..., um..., não digo uma loja, mas um..., um espaço que você pudesse estar vendendo recebendo pessoas, mas para vários artesões, tipo você trabalhando ali, você aluga uma parede pra um artesão, você aluga uma mesa pra outro artesão, você aluga uma sala pra outro artesão e montaria como se fosse um... Agora tá até na moda, o pessoal tá falando um espaço comunitário um *coworking* e... De artesões. Achei que isso podia ser uma ideia legal pra..., pra preparar. Só que... Eu não sei nem como aluga um imóvel. Entende? As ideias eu tenho, sabe? E também sou muito medroso pra algumas coisas assim. E como a minha renda é curta, e agora tenho uma filha, tenho... Fico... Eu tenho mais medo do final do mês do que do final do mundo. Então é bem complicado. Mas ideias eu tenho várias assim. Daí no início... Uma vez por mês eu montar um evento, chamaria uma banda no quintal desse lugar, juntaria os amigos, os clientes, faria como se fosse um sarau, ou... Coisas assim. E eu sei, eu conheço alguns lugares que já fazem isso e eu depois desses doze anos agora que eu tô começando a me mexer a conhecer outras feiras, o que o pessoal faz. Então essas feiras que todo mundo conhece, sabe? Mas as feiras mais alternativas assim. E tô começando a entrar nessas feiras, me inscrever pra ver se aumenta essa renda. Mas no futuro assim eu não sei o quê, o quê que... eu vou ficar velho, não vou conseguir mais trabalhar que nem trabalho hoje em dia. O artesanato ele destrói as costas, ele..., ele..., ele..., é cansativo, sabe? E quanto mais você quer produzir, pra você ganhar mais, você tem que produzir mais, então você tem que trabalhar mais. Então uma hora você vai cansando. Então tem aquele dia que você tá cansado, então não sei exatamente o quê que vai rolar no futuro. Eu não quero nem pensar na verdade. Mas a... Não sei, eu pretendo... Em doze anos eu não fiquei famoso, então não sei se vou ficar famoso agora, sabe? Mas talvez não tenha aparecido, mais ainda por essa dificuldade em saber onde procurar as coisas ou..., ou quem ajudar, ou até

procurar o próprio SENAC, SENAI, é... Esse pessoal que trabalha te ajudando, sabe? Não fui atrás ainda, mais a..., agora que nasceu a nossa menininha eu tô começando a me mexer mais e tentar aparecer mais. Mas o futuro eu não sei.

ARTESÃO: JARDIM**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Olha... Eu consigo me lembrar agora, que quando eu era criança, tipo uns oito anos de idade, eu comecei a desenvolver a paixão pelas plantas, né? Então... Tinha alguma coisa que no futuro eu imaginava que eu iria trabalhar com plantas, mas não desta forma, né? Daí... O minijardim, o primeiro minijardim que eu fiz foi com vinte anos, mas já colecionava suculentas e... O primeiro minijardim que eu fiz eu dei de presente pra uma namorada, e depois em todos os eventos que eu ia, aniversário, casamento, formatura eu dava um minijardim pra alguém. E sentia que um dia eu ia poder viver disso, né? Na verdade, já há uns vinte anos que eu imaginei que eu ia fazer, ia viver do minijardim.

b) Como se originou?

É... Há muitos anos atrás, o meu irmão conseguiu um cacto, daí ele levou pra casa e eu achei aquilo bonito e eu comecei a ir atrás destas espécies, de cactos, suculentas...

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

Não. Na verdade, ninguém na família fazia minijardim. Eu conheci um colecionador, mas eu era bem criança, que ele fazia composições com suculentas em floreiras grandes, né? E daí, talvez, essa tenha sido a primeira inspiração. Mas, acredito que essa foi a única influência. Depois, com o tempo, quando eu tinha vinte anos de idade, eu fiz um curso de Permacultura com um senhor famoso em Curitiba que é o Ademar da Silva Brasileiro, né? O nome dele é o “Mago Jardineiro” ele foi... Dá oficinas de jardinagem e lá ele havia proposto a... Ocupar os espaços e produzir o máximo possível em espaços pequenos, em jardins, né? E... Como eu já tinha a ideia da suculenta, já tinha a ideia das miniaturas, eu comecei a usar um pouco daquilo, das composições em espaços pequenos, foi isso. Como foi desenvolvido, né?

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Estou a três anos na Feira do Largo. Então... A grande verdade é que eu sou jardineiro, né? Então todos os dias eu tô fazendo alguma coisa relacionada a área de jardinagem, né? Ou tô plantando grama, ou tô cortando, ou tô correndo atrás de cliente e no meio tempo que eu tinha livre, eu ia produzindo as mini... As suculentas e ia imaginando os minijardins. Só que eu não sabia como que ia vender, né? Um belo dia apertou o calo, eu percebi que não... O mês não ia cobrir que eu não ia ter dinheiro pra cobrir as contas, eu peguei todos aqueles minijardins, que eram feitos em latas de sardinha, lata de atum, cápsula de café, tampinha de garrafa... E eu fui pra feira e fiquei no banco lá. Existe uma senhora que é responsável pela feira, né? A gente chama ela de madrinha da feira, que é a Julieta Reis, né? Ela, ela realmente ajuda bastante os artesãos. E ela sugeriu que fosse procurar ela pra poder me colocar dentro da feira. Mas ela me propôs que... Eu teria que procurar a Secretaria de Turismo, procurar o setor de artesanato, depois disso, ela me enviaria, eles me enviariam pra uma feira de bairro fazer a exposição, né? Então eu entrei nesse

processo, eu fui pra feira de bairro, mas não vendeu nada e eu voltei a vender lá na feira, junto com os hippies, né? Junto com os artesãos. Daí uma outra vez a Julieta Reis me viu e falou: “— Menino, o que você tá fazendo aí?, né? Você... Eu já te expliquei que o teu trabalho é diferente, você tem potencial pra conseguir uma barraca, né?” Eu contei a história pra ela, que eu tinha ido pra feira de bairro, não tinha vendido, que eu tava realmente precisando... Produzir, eu tava precisando ganhar, né? Tava precisando de dinheiro. Daí ela falou: “Me procura, a gente vai marcar uma reunião.” E eu fui na reunião, ela viu meu trabalho, naquela época era um trabalho bem simples que eu usava tampa de a..., tampa de SBP, eu achava lá eu achava legal então... Eu maquiava aquilo e fazia um minijardim. Achava uma lata de sardinha, achava legal, pintava com esmalte de unha mesmo e fazia um minijardim. Daí eu levei lá, ela me recebeu lá no..., no gabinete dela, daí ela pegou e falou: “— Olha [...nome do artesão...], o teu trabalho é bonito, mas você precisa mudar a base, porque, às vezes, o turista vem, vai te ver teu minijardim, mas não vai querer levar um minijardim numa lata de biscoito, né? Ele vai querer levar num... Eu sugiro então que você trabalhe isso que eu vou colocar você na feira.” Daí ela ligou pro pessoal da Secretaria de Turismo, falou: “— Oh, tem um menino aqui, assim, assim, assado. Ele trabalha com minijardins, né? O trabalho dele é bem bonito, ele produz as plantas, então eu quero dar uma chance. Existe uma fila, a gente sabe, mas ‘vamo dá’ uma chance pra ele.” Daí foi dito e feito ela conversou com o pessoal, autorizou. Eu fui lá um dia na Secretaria de Turismo e daí eles viram meu trabalho e até hoje tô na feira, né? Foi assim que eu consegui. Eu acredito que ela me achou na rua assim, e ela falou: “— Não, você não merece ficar aí.” Apostou em mim, e até hoje eu tô lá firme e forte. Eu faço os minijardins. Hoje eles mudaram, é... Hoje eu trabalho com vaso de cerâmica, trabalho com..., com vaso pintado, às vezes, eu imagino caixinha de madeira... Então cada vez mais eu vou viajando, e o trabalho tá acontecendo, né?

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Então... É que... O meu... A feira, Julio Cezar... A..., a feira é um acontecimento, né? Então todos os dias, como eu até hoje eu não consegui comprar um carro, eu pego todo meu material, organizo num carrinho de mão e levo até a feira, né? Então lá dentro da feira é um acontecimento, né? Porque, tipo, o pessoal já sabe, “— Oh lá vem o [...nome do artesão...], né?” Com o carrinho cheio de ferramentas, todo esbaforido, cheio de plantas e as pessoas acabam me conhecendo por causa disso, por que eles acreditam que qualquer um teria desistido, né? Mas não! Mas... Deixa eu explicar... Eu trabalho na feira, a feira acontece... O horário oficial é das nove até as catorze horas, na verdade pode chegar um pouco mais cedo, só que... Eu me sinto realizado voltando pra casa, por que eu desmonto a..., a..., a barraca de feira e como tem muita mesa no Largo da Ordem, o pessoal que tá fazendo *happy hour*, eu vou oferecer pra eles. E eu percebo que ali eu tô fazendo uma espécie de política. Por que eu tenho que chegar em todo mundo, tem que conversar, tem que negociar, tem que apresentar, você tem que chegar na mesa, com licença amigo, quer dar uma olhadinha num minijardim? E, às vezes, o cara tá com uma namorada dele, ele..., pô, ele ajuda. Ele fala: “— Ah não vou querer um minijardim, então...” Você de repente já fala da história, você já ouve um pouco. Então eu acredito que, eu tô conhecendo as pessoas dessa forma, né? Você derruba todos os preconceitos, você fica pensando: “— Meu, o cara tá bebendo uma cachaça lá, né? Ele tá tomando uma cerveja.” Geralmente o cara chega, ah ele vem, vende um incenso, chega outro vendedor vende uma poesia, chega outro vendedor vende uma bala. Pô tô indo levar um

minijardim, né? Eu falo que isso é diferente, né? Então acho que estas histórias são as histórias que marcam. Mas muitas histórias marcam, né? Por que, às vezes, vem um turista e esse turista ele fala que é lá de São Paulo. Meu... São Paulo tem um polo produtor de plantas que é Holambra. Mas ele fala que nunca viu nada parecido. A gente fica pensando, nossa, imaginem, quantos milhões de produtores existem e o..., e..., e essa pessoa que veio de fora fala que o meu minijardim é diferente, ele vai comprar o meu minijardim e vai levar lá pra São Paulo. Eu me sinto, na verdade, realizado nisso, e essas histórias toda semana tem uma coisa diferente, né? A feira é um acontecimento cultural mesmo.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Das pessoas que eu conheço... Cada um, na verdade, é o... O artesão ele tem um estilo de vida, né? Então... Todo mundo sabe que pra conseguir uma barraca na feira, pra você produzir, para você... Você tem que realmente trabalhar bastante, não existe uma conquista fácil. É difícil. Então é... Eu conheço o artesão que faz avental, né? Avental padronizado. Eu conheço umas senhoras lá que fazem travesseiros, fazem bonequinhas, fazem roupa pra criança. Eu conheço uma outra senhora que faz bijuterias com pedras. Você vê que o trabalho, ele tem..., ele tem, tem..., tem muito esforço. Então o artesão que tá ali na feira é a pessoa que realmente quis isso, né? Então são pessoas que tem um estilo de vida... É... Tem uma realidade, tem suas famílias, mas cada um vive dentro desta realidade de artesão, né? Muitos são sonhadores que um dia conseguirão realizar o sonho. Não vejo que existe alguma coisa que não seja real na feira, né? Então ali na feira você conhece gente de tudo quanto é jeito, de tudo quanto é lugar, mas todo mundo tem alguma coisa em comum, que é a vontade de criar mesmo, né? Aquele sonho de..., não..., vou fazer isso daqui... E essas pessoas acabam caindo ali, né? Mas que são uns, uns artesãos que tem na Feira do Largo da Ordem, é um pessoal selecionado mesmo.

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Olha... A minha rotina de trabalho ela é bem bagunçada, né? Porque, como eu sou jardineiro, durante a semana eu me preocupo em fazer os jardins que é isso que paga conta, né? O que paga conta mesmo é você ir lá cortar grama, plantar grama, fazer poda, limpar jardim. Isso é o que vai pagar o meu aluguel, a minha água e a minha luz, né? Geralmente sábado eu acordo de manhã, eu já tenho uma parte da produção pronta. Eu falo: “— Não, hoje eu vou produzir os minijardins.” E eu começo a produzir. A misturar terra, escolher as plantas, escolher os vasos. E eu vou plantando, né? E... Eu descanso um pouco e eu entro de madrugada produzindo e vou trabalhar domingo na Feira, né? Mas até chegar o processo da feira, às vezes, tem que pintar vaso, então tem semanas que eu vou ter que me preocupar em ir atrás dos vasos, ir na fábrica, pintar, passar o neutrol, tem um produto que demora trinta e seis horas pra secar, que é o neutrol, que é o impermeabilizante, que é a manta asfáltica. O verniz demora doze horas. Às vezes, eu pinto, mas, às vezes, eu entendo que eu não vou ter tempo pra pintar, então eu tenho que chamar alguém pra me ajudar a pintar. Então é... O processo de..., de..., de trabalho não..., não existe uma rotina, ele simplesmente acontece conforme a semana, né? Tem semana então, que tem muito jardim fora, tem que fazer jardim, vai sobrar um dia pra fazer o minijardim. Tem semana que eu não vou conseguir trabalhar de dia, então eu tenho que tirar uma madrugada pra poder produzir os minijardins. Então é isso, né? Às vezes, eu não

consigo produzir os minijardins eu tenho até que levar planta, a terra, colher, tudo..., tudo..., tudo pra poder fazer na feira. Monto lá mesmo. Então tem vezes que eu consigo montar, tem vezes que eu não consigo, tem vezes que eu levo e então... Não existe uma rotina assim, né?

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Olha... Hoje em dia eu acredito que ainda estou em desenvolvimento, né? Por que... Quando você chega com uma coisa nova, todo mundo fica sabendo. Olha só algo novo, então as pessoas vão querer comprar. Alguém vai te indicar e você tem uma espécie, uma espécie de impulso assim. Você fica feliz porque finalmente reconheceram teu trabalho. Só que as coisas vão mudando, né? Por que de repente você começa com o minijardim de um jeito, daí você já vê algo parecido... Então você já entende que você tem que mudar. Eu não penso nunca mais em abandonar a feira, né? O que eu imagino é em desenvolver. Em talvez, daqui um tempo desenvolver uma outra espécie de trabalho, uma outra apresentação. Um outro arranjo, né? Vender uma outra planta... É produzir algo diferente, né? Mas eu me sinto em desenvolvimento. É como se... A barraca fosse uma espécie de título e a partir dali você tem que cuidar e trabalhar pra se desenvolver, pra não ficar pra trás, né? Mas nada vai mudar. Eu vou ser um eterno jardineiro que eu vou tá sempre correndo atrás é... Da labuta, né? Porque a gente trabalha pra pagar as contas, não existe uma outra coisa. Mas assim... Vão acontecendo as parcerias, né? Um belo dia você faz uma venda pra uma..., pra uma floricultura e você pega uma comissão. Essa comissão você pode pegar em plantas. Aí pega uma espécie diferente, você já bola algo diferente. Um belo dia você conhece alguém que de repente pode te ajudar a alavancar o teu projeto. Então você já inclui alguém. Você já consegue gerar um trabalho pra alguém. Um belo dia você imagina pô, pera aí, eu ainda tô andando nas cavernas. Significa que eu posso recorrer a esse mundo digital, fazer site, fazer cartão, então tudo isso tá acontecendo. Então... não sei se respondi à pergunta.

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Olha... Eu acredito que a única tecnologia que eu uso ainda é o WhatsApp®, né? Porque, às vezes, tô na feira lá eu fotografo uma planta e coloco lá numa página que eu tenho num grupo que chama-se jardim para todos. E a pessoa fica vendo: “— Olha que legal o jardim!” E alguém vai na feira comprar o minijardim. Mas ainda eu acho que, porque eu sou... Um tanto quanto artesão mesmo a moda antiga, né? Agora tem um projeto de fazer um Facebook® de jardinagem pra poder expor tanto o meu trabalho como jardinagem quanto o trabalho da feira. Mas ainda isso tá em desenvolvimento, né? Eu não... Acredito não tô usando destas ferramentas como deveria usar. Mas sim, eu penso em desenvolver alguma maneira de vender os minijardins pela Internet, desenvolver alguma maneira de divulgar o trabalho de jardinagem e de paisagismo pela Internet. Pra que as pessoas vejam meu trabalho e de repente me contratem, né? Mas é algo que tá em desenvolvimento.

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Olha... Eu procuro ter uma reserva pra ter o famoso capital de giro, né? Pra poder você conseguir, às vezes, tem que comprar vaso, às vezes, tem que contratar alguém pra te ajudar e essa pessoa custa. Às vezes, você precisa... Vê que em tal lugar

existe uma promoção de plantas e você vê que você pode adquirir aquilo, então essa reserva ela por enquanto é capital de giro. Só que eu venho imaginando que talvez daqui um tempo eu posso ter mais um dia de feira. Por exemplo, um sábado. Quando eu encontrar uma feira bacana. Tentar vender os meus trabalhos em feiras orgânicas. Mas o meu objetivo mesmo pro futuro é chegar numa floricultura. Não ter uma floricultura comum, quero ter uma floricultura que trabalhe com as miniaturas, né? Vai ser o foco da floricultura vai ser cacto, suculenta e minijardins. Mas isso eu acredito que até os cinquenta anos eu ainda vou conseguir fazer, né? Eu tenho um plano pra dez anos, não sair da feira, mas pra dez anos não tá mais trabalhando dessa forma, né? Pra daqui dez anos eu ter um espaço, manter a feira de domingo, mas que nesse espaço eu venda terra, venda planta, venda os minijardins. Mas que alguém possa me contratar pra jardinagem e daí é uma empresa que vai fazer uma jardinagem já com uma equipe. Eu penso na verdade nisso pro futuro, né? Mas eu não vou deixar de fazer os minijardins, não vou deixar de ser jardineiro, só..., só acredito que uma floricultura seria uma espécie de base, vamos dizer assim, né?

ARTESÃO: LOJINHA**a) Quando começou seu interesse pelo artesanato?**

Tá. Isso aqui já vem do meu pai, né? É... O meu pai tem ponto na feira já há quarenta anos. Hoje ele tá já aposentado. Tem o ponto ainda, mas não vai mais com..., com..., com frequência como ia antigamente. E... Devido a tudo que ele conquistou com o artesanato eu tive interesse em ir atrás desse, desse ramo, né? Não vou dizer que é fácil. Porque o bicho pega. Mas também, cara, é uma coisa que, que é gostoso de fazer, né? Eu sempre gostei de mexer com isso, com madeira. E é isso. Isso aí vem do pai, né?

b) Como se originou?

- x -

c) Consegue identificar a influência de elementos familiares nesta sua atividade?

O pai ele sempre, ele era modelista. Trabalhava como modelista. Eles faziam na época é... Peças pra motor de... Faziam molde pra peças pra motores de, de carros, motores de máquinas. Eles faziam as peças, os moldes na madeira. Era feito artesanalmente, né? Isso há cinquenta anos atrás. E daí ele teve interesse em... Na época ele começou a, com brinquedo de madeira. Fazia... Uma infinidade de coisas. Até ontem a gente tava na casa dele, fui almoçar na casa dele e tava lembrando lá, as fotos, né? De como ele começou e tal. E foi bem legal até. É... Daí ele... Daquilo lá ele começou com maleta da Barbie, que vendia super bem na época. Até o barracão que ele construiu e tudo com..., com o dinheiro que vinha disso aí. Então ele teve, passou por épocas boas, como também passou por épocas ruins, né?

Meu pai tem um espaço na feira lá em cima. E... Eu fazia feira com ele desde pequeno e há uns dez anos atrás eu comecei a brigar por um ponto pra mim. Então ele tem o ponto dele e eu tenho o meu ponto que é lá embaixo.

d) Conte-me a sua história, suas origens e o que te trouxe até aqui.

Não é fácil cara. Não é fácil o..., a gente vê que tem pessoas que conseguem com facilidade, como tem pessoas que, como eu, fiquei três anos pra conseguir entrar na feira. Uma por que o meu pai já tinha ponto e a briga era essa, né? Por o meu pai ter o ponto é... Eles não queriam me dar mais um ponto. Que eles achavam que seria mais um ponto de venda do meu pai. Só que briga vai e vem, cara, eu falava: “— Oh, vocês podem ir ao barracão ver que eu faço o meu material, né?” Meu pai faz o dele e eu faço o meu. Na verdade, quando eu comecei não tinha nada disso aqui. Era outra... Era prateleira, porta condimento... E eu voltei mais pra essa, essa linha aqui de decoração “vintage” assim, né? Então... Foi disso que, que eles viram que não tinha nada a ver o material dele com o meu. Daí, consegui o ponto.

e) Quais são suas lembranças do trabalho no artesanato?

Olha cara, acho que de cabeça agora assim... Nada que... Nada de marcante assim. Acho que nada de... Não consigo lembrar agora o quê que... O quê que me... Não. Acho que não tem nada de... É... Na verdade, é uma rotina agora, né? Tem muita

gente que passa lá na feira no domingo é... É... Já escutamos gente... O pessoal falar que a gente não faz nada na semana, né? Eles acham que o que tem lá, que a gente tá vendendo, acham que brota da árvore. Muita gente fala. É... Na semana vocês não fazem nada. Porra!... É... Aqui o dia a dia é puxado. E... Eu abri uma loja lá agora também. No Largo mesmo. Dia vinte e sete de julho do ano passado a gente abriu a loja, né? Agora, daqui uns dois, três meses vai..., vai completar um ano. E tá indo bem, cara, a loja tá indo bem, graças a Deus. É... Funciona de segunda a segunda, né? Eu... Eu... O interesse mesmo ali é... Não era manter sempre na feira, né? Eu queria ter sempre uma renda extra, né? Não depender só da venda no domingo. É... Uma porque, Curitiba, cara, é triste. Dois domingos agora de chuva e isso quebra as pernas. Então se você depender só das vendas no domingo, cara, você tá..., tá..., tá lascado. Então... Teve..., teve um ano que pô, teve quatro ou cinco domingos consecutivos de chuva, que aquilo lá realmente ficou... Quebrou as pernas. Então eu optei por... Fazer anúncios: OLX®, Mercado Livre®, Facebook®... Pra não depender só das vendas do domingo assim. E aquilo alavancou, alavancou bastante as vendas, ajudou bastante, até hoje ajuda. Hoje eu fico bastante aqui em cima respondendo... E-mail e... E pergunta de OLX® e Mercado Livre®. É... E daí o ano passado que pintou essa loja ali no Largo, esse ponto ali. Bem no domingo que eu tava montando a barraca, eu vi a moça, ela tava entregando o ponto, né? Daí, era..., era..., era uma... Um salão de beleza. Aí eu perguntei pra ela assim: se realmente ela ia entregar o ponto. Ela disse que ela tava pintando a parede ali já pra entregar o ponto na segunda-feira. Aí já peguei o telefone da imobiliária e... Na segunda-feira já corri atrás e... E abrimos a loja.

f) Como descreve quem é o artesão curitibano? Qual a identidade do artesão curitibano?

Então cara, é... É um povo que... Realmente eles têm, tem muita... Como que eu posso falar cara? Eles têm... É... Bom, tem coisas incríveis ali que você vê, né? Que realmente o cara é... É um gênio, né? Tem, tem, tem coisas que você fala porra, como que o cara é capaz de fazer isso, né? Porque muita coisa realmente ali é feito à mão, né? É o que muita gente não acredita, é um trabalho artesanal. Muitos ali... Acho que... Oitenta por cento da Feira trabalha artesanalmente, né? É... São pessoas que tem uma criatividade muito grande. E... Pessoas que realmente dependem daquilo. É... Agora aí com... De 2015 pra cá, a gente percebeu um interesse maior do pessoal em busca de um ponto na Feira. Eu acredito que pela falta de emprego, né? Pela..., pela..., pela..., pelo desemprego que aumentou bastante. E... Um pessoal que já, já... Fazia alguma coisa em casa, né? É... Talvez por um passa tempo, e... Com toda essa crise aí, com todo esse problema que o país tá passando, eu acredito que virou uma fonte de renda já deles e... E o pessoal... Cara, desse tempo pra cá entrou muita gente nova ali. Muita gente mesmo. Tem o pessoal que fica que tem produto bom, né? E tem pessoas que infelizmente cara, não, não, não conseguem atingir o quê... O que eles... Tentavam atingir em vendas, né? É... Acreditavam, acho que muito, no produto e... Chega lá na Feira é outra... Outra história, e acaba não vendendo, então muita gente também desiste, né? Mas ao meu redor ali, a maioria que eu conheço é todo mundo é... Precisa disso e vive disso, né?

g) Qual a sua rotina de trabalho e convivência com seus pares e sua família?

Então... Aqui a gente tem hora pra começar, mas não tem hora pra acabar, né? É... Eu tenho um funcionário aqui. Tenho dois na banca. É... Três na loja. E tenho mais

um sócio. Que é... Que a gente tem corte a laser também, que temos mais três funcionários lá. Então é..., é bem corrido. O meu funcionário aqui do barracão ele mora lá perto da Coca Cola, são quarenta e quatro quilômetros pra vir e quarenta pra voltar. Então a gente dá um horário pra ele chegar ali até nove horas. Então às nove horas a gente começa, né? É... Das nove até o meio dia. Na segunda-feira, como eu faço feira no domingo e as vendas, é... São melhores no domingo, até por conta da loja e da banca, na segunda-feira eu faço a parte de correria de pagar fornecedor e pedidos, né? Pedir material. É... Tenho uma parceria com a gráfica aqui em cima também que a gente... Imprime bastante adesivo, né? Então daí eu faço toda essa, essa parte de ver o que foi vendido, pra começar a fazer o pedido pra semana, né? E daí, a partir dali de terça-feira já o pau já começa já pegar. Aí já na produção. É... Às vezes, tem bastante pedido na semana, que acaba misturando com os produtos que a gente precisa repor na feira e na loja. E... Como eu falei daí não tem hora pra acabar, né? É... Geralmente, acumula mais de quinta pra sexta-feira, né? Por que como a gente pede material no início da semana, principalmente os adesivos. Começa a chegar material quarta ou quinta-feira, né? Então daí de quinta pra sexta-feira o “pau tora”, porque até sexta-feira, é... Como a gente não trabalha no sábado, então sábado é o único dia que eu tenho de folga. Na sexta-feira eu já deixo a Kombi ali carregada pra..., pra..., pra feira no domingo, né? Já deixo tudo certinho na sexta. Então sexta-feira tem que tá tudo pronto. E... Também... O produto aí do..., dos clientes também tem que tá tudo certinho pra fazer as entregas na sexta também.

h) Como você se percebe atualmente enquanto artesão? Pode descrever um dia da rotina de seu trabalho?

Olha... Na verdade hoje eu já nem me sinto mais como um artesão, né? Eu vejo mais como um empresário. Por que... É... Aqui a gente, ele segue uma linha de produção, né? Graças a Deus as vendas “tão, tão” boas então é... Tenho, tenho máquina, tenho bastante máquina, mas também a gente faz muito trabalho braçal ali, né? Até o Lucas tá lá em baixo agora fazendo, tá pintando. E... Eu acredito que... Eu “seje” mais assim um empresário. É... Na parte do artesanato mesmo. Mas... Olha... Não vou falar que, que estou feliz por que... Eu gosto do que eu faço, mas... É... Tem muito problema. Muito problema. A gente lida com, com tecnologia também, né? E volta e meia dá algum problema, né?

i) Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Então aqui, como a gente lida muito com imagem, eu trabalho bastante com CorelDRAW® com... É... Com o Adobe Illustrator® e... Da parte ali de computação os programas são esses, né? Mas daí tem também o corte a laser, né? Que é... A gente usa bastante. E as “Plotter” ali que faz. As “Plotter” já são mais parceria nossa aqui. Mas... Cara, sempre tem alguma coisa, é... Principalmente fornecedor, né? O fornecedor, cara, ultimamente, deixa a gente na mão demais. Tem, tem umas barras aí que a gente compra que é de..., de Grão Pará, é... Geralmente chega em duas semanas, cara, levou acho que sessenta e sete dias pra chegar. Não. Atrasa tudo e... O teu cliente não quer saber cara. Ele não quer saber. Tem, tem gente que entende, né? Mas tem a maioria, não entende. E... Cancela pedido. Aí o que acontece, cancela pedido e além de cancelar ele já vai procurar outro fornecedor, né? Então nesse, nesse intervalo aí cara, eu perdi dois cliente bom por causa disso aí, né? Uma que foi erro meu também. Eu podia ter em estoque, né? Mas como naquele mês, justo naquele mês saiu bastante coisa, é... Inclusive na loja. É... A gente fez uma

promoção de esquadrilha e saiu bastante. E eu acabei que, foi fazendo, fazendo e tava contando que chegasse em duas semanas no máximo, né? E no fim, não veio. Mas assim, não vou falar que não sou feliz, né? É... Responsabilidade eu tenho, acho que problema tem em qualquer lugar. O legal é que... Não recebo ordem, né? É... E eu acho que é isso. É... A gente cuida do próprio negócio aí. É. Eu, é que eu tenho aqui o barracão e eu tenho uma casa aqui atrás, né? Um... Na quadra de trás aqui. Então muita gente acha que não tem horário, por que entra a hora que quer e faz o que quer, né? Por tá morando ali, né? Mas não é bem assim não, cara. É... Eu acho que ainda a gente como um empresário, trabalha mais do que um funcionário, né? Porque esquenta muito mais a cabeça, né? Porque é muita coisa. Não é só coisa de feira. É cliente, é... A gente tem bastante lojista também que compra com a gente. Então... Tem também com a crise, tem os lojistas que... Até agora eu parei com isso. É... Consignado. Não faço mais. Tinha umas dez lojas consignado aí. Mas o povo, cara... Tá ruim de pagar. Aí o que acontecia? Eles vendiam bastante o nosso produto e... Pegavam o montante, em vez de deixar o, separado já, o que é o nosso, né? Pegou essa Kombi aqui, eu passei a dez o cara vendeu a vinte... Deixa separado os meus dez, né? Mas não. Pegavam o montante e pagava as contas deles e chegava pra receber nunca tinha. Então acabei parando com..., isso aí também. Por que era uma dor de cabeça a mais, né?

j) Qual o planejamento do seu futuro profissional e pessoal?

Então cara, é... Eu penso em abrir mais uma loja. Eu, eu sabia que, que ia dá boa, a loja. Não imaginava que ia ser tão bom quanto tá sendo. A gente pegou um ponto bom, que é no Largo da Ordem, no centro histórico, então o movimento é bom., né? É... Logicamente que no domingo é melhor, pó que já é tradição. Mas eu penso em abrir mais uma loja. É... Em ponto turístico. Ou Santa Felicidade, ou Jardim Botânico. No Museu do Olho, alguma coisa assim. Eu penso em abrir mais loja., né? E... Parar com, com a Feira. Porque a feira não... A feira eu já vendi bem, já. Vendi muito bem mesmo. Não sei o que acontece mais na feira. É... Por exemplo, tem um quadro de rolha que na loja é noventa reais e na minha banca é sessenta reais. Na banca eu sempre mantive o mesmo preço. É... Muita gente olha na nossa banca e compra na loja. Ele paga noventa reais. Paga mais caro. E as pessoas vêem isso. A gente vê isso. Eu não sei se eles sentem mais confiança em comprar dentro da loja do que comprar na banca. Não sei se eles discriminam os feirantes. Ah! É só um feirante. Um artesão. “Vamo” comprar na loja. Não sei. É... Antes de eu abrir a loja já, é... Final de 2018, 2017 pra 2018 já caiu muito... Praticamente setenta por cento, as vendas na feira. E isso é geral lá., né? A gente... Conhece bastante gente que, que vende bem, tem uma estrutura boa hoje, pela feira mesmo e que hoje tão..., tão desistindo, cara. Tão saindo fora. Abriram loja. “Mais tão” parando com a feira por que tem muita gente, muita gente circulando, mas não tá comprando. E a mesma coisa que tem aqui, tem na minha loja. A mesma coisa. Só que a loja é linda, né? A loja realmente ficou bonita. É... A gente já tá fazendo nome. Já “tamo” bem, bem conhecido ali. E... Como eu te falei daí quero, quero abrir mais loja, né? Abrir mais loja e... Continuar.

**ANEXO 1 –
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
E
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA
USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ (TCUISV)**

**TÍTULO DA PESQUISA:
O ARTESÃO DA “FEIRA DO LARGO DA ORDEM”:
QUEM É ESSE TRABALHADOR?**

Pesquisador(es/as) ou outro(a) profissional responsável pela pesquisa, com endereços e telefones:

Julio Cezar Bernardelli

Avenida Brasília, 4606 – Novo Mundo – Curitiba – PR (41) 99977-6887

Maria Sara de Lima Dias

Rua Abílio Sebastião da Silva, 49a – Abranches – Curitiba – PR (41) 99103-1014

Local de realização da pesquisa:

Feira de Arte e Artesanato Garibaldi, Setor Histórico de Curitiba – Rua São Francisco x Rua Mateus Leme x Largo da Ordem x Rua Claudino dos Santos x Rua Kellers

Endereço, telefone do local:

Praça Garibaldi, 07 – São Francisco – Curitiba – PR (41) 3250-7746

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE:

Gostaríamos de convidá-lo(la) a participar de um projeto de pesquisa de mestrado intitulado: O ARTESÃO DA “FEIRA DO LARGO DA ORDEM”: QUEM É ESSE TRABALHADOR? Cujo objetivo é conhecer o trabalhador artesão. Esse projeto será desenvolvido com a realização de duas entrevistas de 30 minutos cada e com o recebimento de fotos que representem o seu processo de trabalho artesanal.

Para que essa pesquisa possa ter êxito contamos com sua valiosa colaboração e participação na pesquisa.

1 Apresentação da pesquisa

Esse trabalho de pesquisa de mestrado visa a conhecer melhor quem é o artesão(ã) que faz acontecer a Feira do Largo da Ordem. Sua origem, como despertou o gosto pelo artesanato, como chegou à feira. Compreender seu desenvolvimento como artesã, como incorpora as tecnologias em seu trabalho e quais são seus planos para o futuro.

2 Objetivos da pesquisa

Qual o sentido do trabalho do(a) artesão(ã) curitibano(a)?

Qual a influência da tecnologia em seu processo de trabalho artesanal?

Qual o planejamento do seu futuro profissional?

3 Participação na pesquisa

Sua participação na pesquisa será por meio de uma entrevista inicial e uma de fechamento com duração de aproximadamente 30 minutos cada, que será gravada no celular do entrevistador e posteriormente transcrita. A entrevista será realizada de acordo com a sua disponibilidade de tempo e previamente agendada. Será solicitado ao final da entrevista que você, artesão(ã), encaminhe três fotografias que representem o seu dia a dia de trabalho, estas fotografias deverão ser realizadas durante o período de um mês, por celular ou por mídias eletrônicas e encaminhadas ao entrevistador, via e-mail.

4 Confidencialidade

Nenhuma informação como seu nome, documentos, seus produtos e processos de trabalho bem como imagens que você fizer e encaminhar ao entrevistador serão levadas a público sem o seu consentimento por escrito.

5 Riscos e Benefícios

5a) Riscos: Por se tratar de uma entrevista presencial, caso alguma das perguntas gerem desconforto para você, elas não precisam ser respondidas e podem ser desconsideradas. E você poderá a qualquer momento

desistir de participar da entrevista e de sua total participação na pesquisa. Quanto às imagens fotográficas recebidas pelo pesquisador estas não oferecem risco visto que serão selecionadas e enviadas pelo entrevistado.

5b) Benefícios: Como resultado da pesquisa os benefícios diretos e indiretos ao participante. No caso do(a) artesão(ã) os benefícios diretos estão vinculados a uma valorização do seu saber e fazer registrada na pesquisa. E ainda, envolve o benefício indireto uma dimensão social e de registro do patrimônio cultural da cidade de Curitiba. Como benefícios para a ciência identificaremos como o avanço tecnológico pode ser utilizado para o registro e para a valorização do trabalho do artesão.

6 Critérios de inclusão e exclusão

6a) Inclusão: Artesãos(ãs) da Feira do Largo da Ordem, maiores de 18 anos que aceitem o convite para participar da pesquisa

6b) Exclusão: Não poderão participar deste projeto de pesquisa artesãos com menos de dois anos de experiência, artesãos já aposentados ou inativos.

7 Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo

O(a) artesão(ã) tem total liberdade para desistir a qualquer momento de sua participação no projeto de pesquisa, sem precisar justificar ou informar com antecedência a sua decisão. Caso venha a desistir, todo material levantado, será inutilizado e não fará parte deste projeto de pesquisa.

Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

quero receber os resultados da pesquisa (email para envio: _____)

não quero receber os resultados da pesquisa

8 Ressarcimento e indenização

Descrever as formas de ressarcimento e de indenização. Conforme Resolução 466/12 itens II.21 – ressarcimento: compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação; e II.7 – indenização: cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Pesquisas que não tiverem custo para os participantes, podem não ter ressarcimento, mas esta situação deve estar clara. Contudo, descrever sobre o direito a indenização é obrigatório, porque haverá indenização sempre que a pesquisa ocasionar algum tipo de dano ao participante.

Conforme Resolução nº 466/2012 itens II.21 – o pesquisador se compromete ao ressarcimento de qualquer despesa que resulte da pesquisa, como despesas com transporte ou alimentação do entrevistado e ainda conforme o item II.7 – o pesquisador se compromete a indenização em caso de cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

9 Esclarecimentos sobre o Comitê de Ética em Pesquisa

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** coep@utfpr.edu.br.

a) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: Julio Cezar Bernardelli

Assinatura pesquisador

Data: ____/____/____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar, poderão se comunicar com o pesquisador, via e-mail: julio@cezar.link ou telefone: (41)99977-6887.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494, **E-mail:** coop@utfpr.edu.br